

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

Elisabete Delpoio

A construção lingüístico-discursiva do humor político na imprensa escrita: o  
caso Severino Cavalcanti

MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

SÃO PAULO  
2008

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

Elisabete Delpoio

A construção lingüístico-discursiva do humor político na imprensa escrita: o  
caso Severino Cavalcanti

Dissertação apresentada à Banca  
Examinadora como exigência parcial para  
obtenção do título de MESTRE em  
Língua Portuguesa pela Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo, sob a  
orientação da Prof.a Dr.a Ana Rosa  
Ferreira Dias

SÃO PAULO  
2008

Banca Examinadora

---

---

---

## **AGRADECIMENTOS**

Meus agradecimentos mais sinceros à Professora Doutora Ana Rosa Ferreira Dias pela orientação segura, pela compreensão e paciência, pelo profundo respeito, pelo estímulo constante, pelas críticas oportunas, pelo imenso interesse demonstrado nas diferentes etapas de minha pesquisa e pelo lado tão humano.

Minha gratidão à Professora Doutora Vera Lúcia Meira Magalhães por nos ter dado a honra de fazer parte da banca, pela gigantesca contribuição teórica e crítica quando da qualificação do trabalho e pelo modo delicado e amigável com o qual sugeriu as necessárias mudanças que se encontram incorporadas à presente pesquisa.

Um agradecimento especial ao Professor Doutor Dino Preti pelo grandioso prazer de tê-lo como membro integrante da banca, pela riquíssima discussão crítica, pelas valiosíssimas sugestões que ora fazem parte da pesquisa e pelo modo tão atuante com que esteve presente durante o percurso do mestrado.

Sou muito grata ao Professor Doutor Hudinilson Urbano pelas orientações, pelas correções da redação do texto e pela gentileza de ter participado como suplente da banca examinadora. Acima de tudo, obrigada por permitir o meu convívio com a sua sabedoria.

Obrigada, também, ao Professor Doutor Luiz Antônio Ferreira por ser suplente da banca examinadora e mais do que isso, pelas maravilhosas aulas.

Devo obrigada aos meus Mestres, pelo carinho, atenção e contribuição na construção de novos conhecimentos.

Ao meu esposo pelo amor, companheirismo e incentivo;  
à minha mãe pela presença indispensável na caminhada;  
ao meu pai, exemplo constante de caráter e perseverança  
(in memoriam); às minhas irmãs, Vania, Denise e  
Patricia, pelo afeto.

## RESUMO

A construção lingüístico-discursiva do humor político na mídia escrita:  
o caso Severino Cavalcanti.

Elisabete Delpoio

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar a construção lingüístico-discursiva do humor político em textos da mídia impressa. O *corpus* de análise é composto por textos do jornal *Folha de S. Paulo* sobre a vida pública do ex-deputado federal Severino Cavalcanti. Acreditamos que os textos humorísticos possibilitam excelentes experimentos com as questões da língua e o humor, como fenômeno discursivo, traduz um caráter de formador de opinião. A fundamentação teórica baseia-se em conceitos de humor apresentados e discutidos, principalmente, nos trabalhos de Bergson (2004), Propp (1992), Alberti (2002), Minois (2003), Raskin (1985), Possenti (2000) e Travaglia (1990). Inicialmente, procedemos à contextualização do *corpus* e a uma breve descrição sobre a vida política de Severino Cavalcanti. Fizemos uma retomada histórica, buscando conhecer como o humor foi explicado por vários pensadores e teóricos. Nós pudemos constatar os aspectos sociológicos e políticos do humor. Explicitamos, então, os instrumentos lingüístico-discursivos para a construção do humor. Finalmente, depois da análise do *corpus*, observamos que o humor por si só pode revelar verdades e punir aqueles têm que a ousadia de se afastar das normas sociais.

**Palavras-chave:** Lingüística. Discurso. Humor político.

## ABSTRACT

The linguistic-discoursing of political humor construction in the written media:  
the case Severino Cavalcanti.

Elisabete Delpoio

The current paper has as the main purpose to analyze the political humor linguistic-discoursing construction in written media. The corpus' analysis is built with texts from the recognized newspaper, not only in São Paulo but also in Brazil: *Folha de S. Paulo*. In this analysis the main subject is the personal performance of ex-federal deputy Severino da Silva in his public career. We believe that such humoristic texts can drive us towards admirable experiments concerning the language questions and the humor, as discursive phenomena, translate an opinion maker characteristic trait. The theoretical statement is based on the concepts of humor introduced and debated, mainly, by Bergson (2004), Propp (1992), Alberti (2002), Minois (2003), Raskin (1985), Possenti (2000) and Travaglia (1990). First of all, we proceeded with context structure of the corpus and a brief description of political career of Severino Cavalcanti. We moved forward with a historical retrospective, looking for to explorer how the humor was explained by several thinkers and academics. We were able to evidence the sociological and political aspects of humor. Considering that we left clear the weapons linguistic-discursive used in order to build the essence of humor. Finally, after the corpus' analysis, we realized that the humor itself can reveal the truths and punish those ones who audacity to deviate from used society convivial.

Key words: Linguistic. Discourse. Political humor

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>6</b>  |
| <b>CAPÍTULO 1 – APRESENTAÇÃO DO <i>CORPUS</i>.....</b>                | <b>9</b>  |
| 1.1 O jornal <i>Folha de S. Paulo</i> .....                           | 11        |
| 1.2 Aspectos sócio-histórico em 2005 .....                            | 14        |
| 1.3 Quem é Severino Cavalcanti?.....                                  | 18        |
| <b>CAPÍTULO 2– AS TEORIAS SOBRE O HUMOR.....</b>                      | <b>24</b> |
| 2.1 Os estudos sobre o humor: caminhos históricos.....                | 26        |
| 2.2 O humor nos tempos modernos.....                                  | 29        |
| 2.2.1 O conceito de humor para Bergson.....                           | 29        |
| 2.2.2 A comicidade para Propp.....                                    | 34        |
| 2.2.3 O humor para Possenti.....                                      | 36        |
| 2.3 Aspectos sociais do humor.....                                    | 37        |
| 2.4 O humor político.....   | 40        |
| <b>CAPÍTULO 3 – ASPECTOS DISCURSIVOS E LINGÜÍSTICOS DO HUMOR.....</b> | <b>42</b> |
| 3.1 Mecanismos lingüístico-discursivos de produção do humor.....      | 49        |
| 3.1.1 Bergson.....  | 50        |
| 3.1.2 Propp.....  | 50        |
| 3.1.3 Travaglia.....  | 52        |
| 3.1.4 Possenti.....   | 55        |
| <b>CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>.....</b>                     | <b>59</b> |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                      | <b>82</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>                                | <b>84</b> |
| <b>ANEXOS.....</b>  | <b>88</b> |

## INTRODUÇÃO

Com base na premissa de que a mídia constitui, hoje, uma força que atua diretamente na sociedade contemporânea, ficamos curiosos em saber como determinadas informações e notícias são trazidas ao leitor.

Tais motivações levaram-nos a realizar uma pesquisa mais pontual e a questão do humor começou a permear nossas indagações. Textos engraçados, jocosos e debochados despertaram nossa curiosidade e induziram-nos à busca de explicações. Afinal qual o sentido do uso do humor nos enunciados? Qual sua função no contexto em que vivemos? Que jogos lingüísticos envolvem seus efeitos de sentido? Qual seu papel na mídia impressa?

A importância dessa pesquisa confirmou-se com os estudos de Possenti (2000:38), para quem o humor é um material com o qual “se podem fazer excelentes ‘experimentos’, isto é, justificar ou derrubar teorias”, principalmente no campo da Lingüística que apresenta múltiplas possibilidades de estudos muito pouco exploradas.

Além disso, estudar o humor na mídia pode ser inovador, pois, como salientam Bremmer e Roodenburg (2000:16), “a atenção acadêmica dada ao humor em geral se concentrava em obras de literatura ou nos contos populares”, menosprezando outras fontes de material.

Durante algumas leituras preliminares, descobrimos que o fenômeno humorístico é objeto de estudo desde a Antigüidade, que é investigado por várias disciplinas, que possui uma comunidade científica que o analisa, que é objeto de discussão de encontros acadêmicos e que possui um profuso acervo bibliográfico:

Nos dez últimos anos, o interesse pelo riso atingiu o auge, e isso em todas as disciplinas. Para nos atermos à História, não se passa uma semana sem que um livro, um artigo, um programa de rádio, um colóquio ou uma conferência trate do riso nessa ou naquela época, nesse ou naquele meio. Na França, por exemplo, a associação Corhum (Pesquisas sobre o Cômico, o Riso e o Humor), criada em 1987, organiza regularmente jornadas de estudo sobre o assunto e colóquios, dentre os quais o mais recente ocorreu em Besançon de 29 de junho a 1o de julho de 2000, tendo por tema “Dois mil anos de riso. Permanência e modernidade”; a associação publica a revista semestral *Humoresques*. Nos Estados Unidos, o jornal interdisciplinar *Humor: International Journal of Humor Research* preenche a mesma função e, no mundo inteiro, conhecemos publicações similares. (Minois, 2003:15)

Identificamos no humor, além de seu caráter lúdico, o de formador de opinião. O elemento “denúncia” está presente na maioria das obras humorísticas de todos os tempos.

Denuncia-se o poder, os costumes sociais, a moral e a estética. O humor é um fenômeno discursivo que busca a contradição, a transgressão, o deslocamento de algo, quase sempre de modo inesperado, a fim de possibilitar o surgimento de um outro efeito. Esse outro efeito, freqüentemente oculto, vai da simples comicidade ao profundo questionamento.

As causas desse fenômeno podem ser, com afirma Propp (1992), condições de ordem histórica, social, nacional ou pessoal. Isso significa que cada cultura, cada momento histórico, cada camada social, cada individualidade terá sentidos diferentes de humor e formas distintas de expressá-lo. Sempre que houver transgressão a uma dessas condições, os efeitos de humor poderão ser percebidos.

A meta desse estudo ficou definida para a seguinte questão: como e por que o humor é construído nos textos jornalísticos impressos sob o prisma lingüístico-discursivo?

A idealização dessa pesquisa surgiu da observação do caráter jocoso presente nos diversos gêneros da mídia escrita sobre nossos políticos. Dentre as várias figuras políticas, selecionamos textos do jornal *Folha de S. Paulo* do ano de 2005 que versassem sobre a ascensão e queda do político Severino Cavalcanti como presidente da Câmara dos Deputados Federais, o terceiro homem na sucessão presidencial. A amostragem refere-se a esse período, porque é nele que o político fica em maior evidência e mostra seu caráter, suas crenças, suas idéias que, contrastando com as normas sociais, motivam a exploração humorística como forma de denunciar seus atos.

Nos estudos sobre o humor privilegiam-se, em grande parte, as piadas. Talvez por ser um gênero onde o humor se faz notório. No entanto, Travaglia (1990:77) explica a importância de se estudar o humor fora do gênero das piadas:

Muitos autores fazem suas teorias referindo-se apenas às piadas. Este é talvez o gênero base do humor, mas é bom não esquecer de outros, alguns dos quais, às vezes, são abordados, outros não e que às vezes podem conter uma ou várias piadas.

Decidimos, então, que para a análise dos dados não buscaríamos um gênero específico, pois a nossa intenção era analisar os instrumentos da língua capazes de deflagrar o humor, qualquer que fosse o gênero.

O escopo teórico da pesquisa pauta-se, principalmente, pelos conceitos de humor apresentados e discutidos nos trabalhos de Bergson (2004), Propp (1992), Alberti (2002), Minois (2003), Raskin (1985), Possenti (2000) e Travaglia (1990).

Quanto a sua organização, esta dissertação divide-se em quatro capítulos. No primeiro capítulo, fizemos a apresentação do *corpus*, categorizando o veículo de comunicação onde os

textos foram editados, o contexto sócio-histórico em que os textos foram escritos e a vida de Severino Cavalcanti.

No segundo capítulo, norteamos a nossa pesquisa para quatro caminhos: o humor antes do século XX, o humor na contemporaneidade, o humor social e o humor político. Dessa maneira, primeiro fizemos uma breve retrospectiva histórica das teorias sobre os estudos do humor. Para tanto, recorreremos sobre as obras de Minois (2003), Alberti (2002), Bakhtin (1996), Attardo (1994) e Bremmer e Roodenburg (2000), cujos textos se mostraram indispensáveis para entender um assunto tão atual e tão antigo ao mesmo tempo. Segundo direcionamos as leituras para as obras que tratavam o humor nos tempos modernos, assim deparamo-nos com os estudos de Bergson (2004), Proop (1992) e Possenti (2000), nos quais constatamos o seu caráter social. Em função disso, buscamos os aspectos sociais do humor em terceiro lugar. E por ser a política nosso campo de estudo sobre o humor, em quarto buscamos teorias que os entrelaçassem.

No terceiro capítulo recorreremos às teorias lingüísticas e discursivas que possibilitam a construção do humor nos enunciados. Para isso, além dos autores citados acima, investigamos, brevemente, a teoria semântica de Raskin (1985) e o conceito de discurso proposto por Fairclough (2001).

Aprendemos que até o limiar do século XX, as categorias humorísticas foram marcadas pelos princípios aristotélicos e que depois a teoria bergsoniana permeou e esteve presente nas reflexões dos estudiosos. Aprendemos, ainda, que o humor trabalha com oposições básicas tanto de caráter social quanto de caráter lingüístico para denunciar ações e idéias ilícitas do homem.

O quarto capítulo constitui a análise das estratégias lingüísticas e discursivas produtoras de efeito humorístico. Percebemos que o modo jocoso como se articulavam os elementos lingüísticos e discursivos pretendiam desmascarar a figura política de Severino Cavalcanti.

## CAPÍTULO 1: APRESENTAÇÃO DO *CORPUS*

A variedade dos textos que compõem o *corpus* deste trabalho é guiada por um propósito metodológico específico: o de encontrar as recorrências lingüísticas e discursivas subjacentes à construção do humor, publicadas pela imprensa escrita de referência<sup>1</sup>, sobre a figura política de Severino Cavalcanti, ex-deputado federal e ex-presidente da Câmara dos Deputados Federais.

Na seleção dos materiais empíricos, os gêneros que dão voz figuram aqui como elementos deliberadamente díspares. O *corpus* é constituído de artigos, notícias, reportagem, comentário e crônicas veiculados na mídia escrita de São Paulo, publicados pelo jornal *Folha de S. Paulo*. O período de edição dos textos compreende os meses de fevereiro a setembro de 2005.

Um critério de consistência preside à seleção dos textos: os três momentos históricos na trajetória midiática do político: 1) sua eleição à presidência da Câmara, em fevereiro de 2005 (fase da *eleição*); 2) sua defesa às acusações de corrupção, segundo as quais cobrava propina para autorizar a exploração dos restaurantes da Câmara pelo empresário Sebastião Buani (fase da *suspeição*); 3) sua renúncia ao cargo e ao mandato (fase da *renúncia*).

Temos por critério a compilação de textos do percurso político de Severino Cavalcanti na Câmara dos Deputados Federais que apresentassem ocorrências lingüísticas manifestando em nível discursivo as marcas do humor.

Para referenciar a escolha desse personagem político, fazemos uso das idéias de Bergson (2004:101-2):

Esta [escolha] não pertence de todo à arte nem de todo à vida. De um lado as personagens da vida real não nos fariam rir se não fôssemos capazes de assistir a suas atitudes como a um espetáculo que vemos do alto de nosso camarote; elas só nos parecem cômicas porque nos apresentam uma comédia. Mas, por outro lado, mesmo no teatro, o prazer de rir é um prazer puro, quero dizer um prazer exclusivamente estético, absolutamente desinteressado. A ele se mistura uma segunda intenção que a sociedade tem em relação a nós quando nós mesmos não temos. Mistura-se a intenção inconfessa de humilhar, portanto, é verdade, de corrigir pelo menos exteriormente. Por isso a comédia está mais perto da vida real do que o drama.

---

<sup>1</sup> Jornal de referência é um termo usado por Márcia Franz Amaral (2006) para designar os jornais que têm leitores com alto padrão de renda e de escolaridade

Esperamos, com a análise do material empírico, demonstrar que há um humor sutil, mas, simultaneamente, poderoso, subjacente à cobertura e análise da imprensa sobre a pessoa de Severino Cavalcanti.

A configuração final de nosso *corpus* fica como segue:

QUADRO 1 – Distribuição do *corpus*

| FASES     | TEXTOS  | DATAS      |
|-----------|---|------------|
| Eleição   | ‘Católico roxo’, eleito personifica baixo clero             | 16/02/2005 |
|           | A apoteose dos ‘outros Severinos’                           | 16/02/2005 |
|           | Severino dá três versões para vaias em 2 horas              | 03/05/2005 |
|           | Reação à pizza provoca bate boca no plenário                | 31/08/2005 |
| Suspeição | Em nome do macho  | 02/09/2005 |
|           | Agora lascou! Severino recebe gorjetão!                     | 06/09/2005 |
|           | Fiéis rezam pelo futuro de deputado                         | 11/09/2005 |
|           | Cazuza canta Severino                                       | 16/09/2005 |
| Renúncia  | “Mensalinho” derruba o “rei do baixo clero” após sete meses | 22/09/2005 |
|           | Buchada de bode é prato principal no ‘último almoço’        | 22/09/2005 |
|           | Buamba? CPI serve chá com porrada                           | 23/09/2005 |

O quadro sintetiza o critério de seleção do material publicado no jornal *Folha de S. Paulo* sobre o período de atuação do político Severino Cavalcanti na Câmara dos Deputados Federais que será utilizado na nossa análise: quatro textos sobre o período que denominamos de “eleição”, quatro textos do período relacionado à suspeita de recebimento de “propina” e três textos sobre a sua renúncia ao cargo.

## 1.1 O jornal *Folha de S. Paulo*

O jornal *Folha de S. Paulo*, de propriedade do Grupo Folha da Manhã, foi fundado em 19 de fevereiro de 1925 com o nome original de *Folha da Manhã* por Olival Costa e Pedro Cunha. Na década de 1960, Octávio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho compraram o jornal e rebatizaram-no com o título atual.

A rigor, a história do jornal em análise começa quando inicia sua publicação como *Folha de S. Paulo*. No entanto, deve-se saber que existe uma “pré-história da *Folha de S. Paulo*” (Duarte, 1981: 309). Tal época é contada a partir de 19 de fevereiro de 1921, quando começa a circular a *Folha da Noite*, até o primeiro dia de janeiro de 1960.

Nesse intervalo, o jornal passa por três grupos de proprietários. De 1921 a 1931, é dirigido por Olívio Olavo de Olival Costa e Pedro Cunha. A partir de 1.º de julho de 1925, o periódico *Folha da Manhã* é editado em conjunto com a *Folha da Noite*.

Em outubro de 1930, com a vitória de Getúlio Vargas, as duas folhas param de circular em razão de divergências políticas com o governo, reaparecendo somente em 15 de janeiro de 1931, já sob a direção de Octaviano Alves de Lima. Em 10 de março de 1945 a direção das Folhas passa para o trio composto por José Nabantino Ramos, Alcides Ribeiro Meireles e Clóvis de Medeiros Queiroga, que a partir de 1949 acrescentam a *Folha da Tarde* aos jornais editados.<sup>2</sup>

No impulso de modernização dos negócios, Nabantino decide reunir os três jornais sob o nome *Folha de S. Paulo* em janeiro de 1960, que circularia inicialmente em três edições diárias correspondentes às antigas Folhas. O editorial de janeiro assim esclareceu o significado das mudanças:

Somos efetivamente, a Folha de S. Paulo, porque em São Paulo se edita nosso jornal e a São Paulo se consagra. Sem eiva regionalista, todavia, antes com a preocupação de servir ao Brasil, que é a única maneira de defender eficazmente os interesses de São Paulo e do País. Essa a razão do slogan que a partir de hoje figura sob o título destas colunas: “Um jornal a serviço do Brasil” (Nabantino, apud Duarte, 1981: 310)

---

<sup>2</sup> Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/>. Acesso em 22/09/2007 às 22:16h

Antes de a sociedade Frias-Caldeira ser vendida aos seus últimos donos, as três edições diárias do jornal foram suspensas. Permaneceu a *Folha de S. Paulo* como diário matutino, mas ainda querendo se distinguir como “um jornal a serviço do Brasil”.

No dia 13 de agosto de 1962, a mudança de direção da *Folha de S. Paulo* foi anunciada pela seguinte nota da redação:

A alteração havida na direção deste jornal em nada modifica a linha de conduta que ele vinha seguindo há perto de duas décadas. A *Folha de S. Paulo* continua sendo, antes e acima de tudo, um jornal a serviço do Brasil, em cujo futuro confia firmemente. (Duarte, 1981: 311)

Acontece que o esclarecimento público sobre o parentesco editorial com o tipo de jornalismo que os precedia imediatamente não impedia que Frias e Caldeira identificassem a necessidade de reformulações drásticas na estrutura do jornal para viabilizá-lo. Dá-se início a processos contínuos de transformações administrativas, tecnológicas e editoriais que vão marcar o jornal até os dias de hoje:

Mudanças gráficas como a organização do noticiário em cadernos temáticos, introduzida em 1991, e a utilização intensiva, desde os anos 80, de gráficos, quadros e mapas foram algumas das adotadas por outros jornais. A versão mais recente do Projeto, publicada em 1997, prega uma seleção mais criteriosa dos fatos e uma abordagem mais articulada e aprofundada, como forma de sobressair à cacofonia informativa que resultou da difusão de novos meios de comunicação, como Internet, televisão a cabo e celulares.<sup>3</sup>

Mota e Capelato (1981:188) identificam as seguintes etapas de mudanças na empresa:

- a) 1962/1967: reorganização financeiro-administrativa e tecnológica.
- b) 1968/1974: a “revolução” tecnológica.
- c) 1974/1981: definição de um projeto político-cultural.

A mobilização a favor das eleições diretas é um dos marcos na definição político-editorial do matutino paulista para os anos seguintes. Neste ano de 1984, o diretor de redação do jornal, Otávio Frias Filho, esclarece o projeto que se delineava então. Tratava-se de

fazer um jornal liberal, burguês, preocupado com os direitos do cidadão, preocupado com os direitos que os grupos sociais têm de se organizar, de se mobilizar, deter o peso e presença no Estado, preocupado em democratizar a estrutura do Estado, preocupado em introduzir algumas reformas sociais na estrutura do capitalismo. (Frias Filho, apud: Nunes, Cardoso e Garcia, 1984:34)

---

<sup>3</sup> Disponível em : [http://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/choque\\_editorial.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/choque_editorial.shtml). Acesso em 22/09/2007 às 22h

Antes de um produto histórico e uma estrutura lingüística, as notícias e idéias são mercadorias para a *Folha de S. Paulo*, tal como expresso logo na apresentação do manual da redação da empresa: “A Folha considera notícias e idéias como mercadorias a serem tratadas com rigor técnico”. Portanto, trata-se de um negócio, mais do que um serviço público.

O manual da *Folha de S. Paulo* estabelece normas quanto ao modo como o trabalho deve ocorrer no jornal. Talvez por ser concebido exatamente como um guia do jornal, é que este manual descreva, em maior riqueza de detalhes, as práticas jornalísticas. Trabalha com três núcleos de conteúdo: a norma lingüística, os aspectos de textualização dos gêneros jornalísticos e os aspectos técnicos do trabalho no jornal. Ao descrever os aspectos técnicos, revela o jargão jornalístico.

A sede do jornal é a cidade de São Paulo, sua formatação é *standard*<sup>4</sup> e tem uma circulação diária média de 441000 exemplares<sup>5</sup>.

As seções do periódico estão assim divididas: Brasil, Mundo, Dinheiro, Cotidiano, Esporte, Ilustrada, Acontece, Ciência, Guia, Informática, Mais, Revista da Folha.<sup>6</sup>

O jornal *Folha de S. Paulo* é dirigido à classe A e B, pois seu leitor apresenta renda e escolaridade altas:

O leitor típico da Folha tem 40 anos e um alto padrão de renda e de escolaridade. Se uma pessoa for escolhida ao acaso no universo de leitores do jornal, a probabilidade de que seja homem é idêntica à de que seja mulher. Sua faixa etária estará no intervalo que vai de 30 a 49 anos (a idade média é 40,3). Além disso, esse leitor-síntese teria formação superior, seria casado, estaria empregado no setor formal da economia, teria renda individual na faixa que vai até 15 salários mínimos (R\$ 2.265) e familiar na que ultrapassa os 30 mínimos (R\$ 4.530). Faria parte ou da classe A ou da B. Seria católico, possuiria TV por assinatura e utilizaria a Internet. (Mota)<sup>7</sup>

Pela caracterização de seus leitores e pela linguagem objetiva, a *Folha de S. Paulo* é denominada de jornal de referência:

---

<sup>4</sup> *Standard*.é como se chama, em tipografia no Brasil e em Portugal, ao formato de jornal que possui cerca de 55 cm (cerca de 22 polegadas). É o maior formato desse tipo de publicação, e em outros idiomas recebe, geralmente, o nome inglês de *broadsheet*. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Folha\\_de\\_S.Paulo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Folha_de_S.Paulo). Acesso em 22/09/ 2007 às 22h.

<sup>5</sup> Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/>. Acesso em 22/09/2007 às 22:16h

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www.folha.com.br>. Acesso em 22/09/ 2007 às 22:20h.

<sup>7</sup> MOTA, Vinícius. *Pesquisa de opinião revela que visão liberal predomina entre os leitores da Folha*. Disponível em: [http://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/quem\\_e\\_o\\_leitor.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/quem_e_o_leitor.shtml). Acesso em 22/09/ 2007 às 22:40 h.

O jornalismo de referência fala, sobretudo, com o leitor interessado no mundo político. É preciso compreender que todos os grandes jornais movem-se pelos interesses comerciais, mas os jornais de referência, para terem sucesso comercial, precisam antes de tudo ter credibilidade e prestígio perante os formadores de opinião. E por isso ainda obedecem a certos padrões éticos. A cobertura de política não vende jornal, mas o que seria de um jornal auto-intitulado de qualidade, dirigido a formadores de opinião, que ignorasse o mundo do poder? (Amaral, 2006:55)

## 1.2 Aspectos sócio-históricos em 2005

A grande operação do artista que produz o humor, segundo Propp (1993:32), é descobrir os procedimentos especiais para mostrar o que é “ridículo”, no sentido de ser passível e provocador do riso. Nem sempre este nexos pode ocorrer; o que é considerado cômico para uma pessoa, pode não ser para outra, residindo a causa dessa reação nas condições de ordem social, cultural e histórica, pois para o estudioso “cada época e cada povo possui seu próprio e específico sentido de humor e de cômico, que às vezes é incompreensível e inacessível em outras épocas.”

Diante dessa afirmação, para que este trabalho não perca seu sentido com o passar do tempo, uma vez que trabalha o humor em textos da mídia, dois objetos efêmeros, faz-se necessário uma retomada dos principais acontecimentos históricos do ano de edição do *corpus*.

O Brasil, no ano de 2005, foi marcado por uma enorme crise política deflagrada pelo “escândalo do mensalão”<sup>8</sup>. A crise foi desencadeada com a divulgação, pela revista *Veja* (edição 1905 de 18/5/2005), do conteúdo de um vídeo que mostrava o ex-chefe do Departamento de Contratação e Administração de Material dos Correios, Maurício Marinho,

---

<sup>8</sup> “Escândalo do mensalão” ou “esquema de compra de votos de parlamentares” é o nome dado à maior crise política sofrida pelo governo brasileiro do presidente Luiz Inácio Lula da Silva do Partido dos Trabalhadores (PT) em 2005/2006. O neologismo “mensalão”, popularizado pelo então deputado federal Roberto Jefferson em entrevista que deu ressonância nacional ao escândalo, é uma variante da palavra “mensalidade” usada para se referir a uma suposta “mesada” paga pelo Partido dos Trabalhadores a deputados do Partido Progressista (PP) e do Partido Liberal (PL), no valor de R\$ 30 mil votarem a favor de projetos de interesse do Poder Executivo. Segundo o deputado, o termo já era comum nos bastidores da política entre os parlamentares para designar essa prática ilegal.

A palavra “mensalão” foi então adotada pela mídia para se referir ao caso. A primeira vez que a palavra foi grafada em um veículo de comunicação de grande reputação nacional ocorreu no jornal *Folha de S.Paulo*, na matéria do dia 06 de junho de 2005.

Disponível: <http://pt.wikipedia.org/wiki/2005>. Acesso em 26/02/2007 às 10:20 h

negociando com dois interlocutores e deles recebendo um pacote de 3 mil reais. Em reunião do Conselho de Ética, ao se defender, negando a acusação, o deputado Roberto Jefferson<sup>9</sup> denuncia um esquema de pagamento de uma mesada de R\$30 mil a deputados da base aliada (Partido Progressista -PP e Partido Liberal -PL) para aprovarem projetos do governo - o chamado "mensalão". Estariam envolvidos, como pagadores, o tesoureiro do PT, Delúbio Soares e o publicitário Marcos Valério. Segundo Roberto Jefferson, o esquema de pagamento de "propinas"<sup>10</sup> aos deputados de outros partidos, tinha aval, do ministro José Dirceu, da Casa Civil, do Partido dos Trabalhadores (em especial seu presidente, José Genoíno e o tesoureiro nacional, Delúbio Soares) e o deputado Valdemar da Costa Neto, presidente do PL.

Em entrevista à repórter Renata Lo Prete, da *Folha de S.Paulo*, publicada em 06/06/2005, Roberto Jefferson acusava o PT de distribuir dinheiro como forma de garantir apoio de deputados da base aliada do governo.. A crise aumentou com uma nova entrevista à

---

<sup>9</sup> O nome de Jefferson passou a ser conhecido nacionalmente durante o processo de *impeachment* do presidente Fernando Collor, em que atuou como militante da "tropa de choque" de deputados que tentavam defender o então presidente. Em 1993, seu nome foi citado entre os envolvidos no esquema de propina na CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) do Orçamento. Em 1994, durante depoimento, Jefferson chorou por duas vezes, lamentando o fato de sua família ter sido exposta. Nessa CPI, ele foi incluído na lista de 14 parlamentares sobre os quais seria necessária maior investigação. No relatório final da CPI, a conclusão era que, com crédito total de US\$ 470 mil em cinco anos, seu patrimônio e movimentação bancária seriam compatíveis com o rendimento. A Subcomissão de Patrimônio teria constatado, porém, a existência de bens não declarados à Receita Federal. Em 2002, apoiou Ciro Gomes para a presidência da República. No segundo turno daquela eleição, apoiou o candidato vitorioso, Luiz Inácio Lula da Silva. Até então, comparava petistas a "demônios". Como presidente do PTB, determinou a aliança com o PT nas capitais para as eleições de 2004. Em troca, o PT ajudaria financeiramente o PTB. Em 2005, Roberto Jefferson admitiu que a ajuda incluiu uma quantia de US\$ 4 milhões não declarada à Justiça Eleitoral - o que caracteriza crime tanto do PTB quanto do PT. Em 2005, a *Revista Veja* (edição número 1905), publica na página 54, a matéria "O homem-chave do PTB", onde denuncia um suposto esquema de corrupção na Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. Com a iminência da instauração de uma CPI no Congresso Nacional, Roberto Jefferson denunciou a prática da compra de deputados da base aliada (PL, PP, PMDB) pelo partido do governo - o PT. A prática era conhecida como "mensalão". Em 14 de setembro de 2005, o mandato de Jefferson foi cassado, perdendo seus direitos políticos por oito anos. Em 10 de outubro de 2005, Jefferson teve sua aposentadoria como deputado publicada no Diário Oficial. Assim, Jefferson se junta a outros deputados cassados que recebem aposentadoria pela Câmara: Sérgio Naya, Ibsen Pinheiro, Feres Nader, José Geraldo Ribeiro, Raquel Cândido Silva e Narciso Mendes de Assis. No dia 29 de maio de 2006, foi entrevistado no *Roda Viva* da TV Cultura. Nesse programa, queixou-se do isolamento, mas disse que está "de cabeça erguida". Também disse que os negócios como advogado não estão muito bem: ele é especialista em direito comercial e tributário, mas seus potenciais clientes - empresas e corporações - temem possíveis represálias de órgãos do governo, caso entrem com petições assinadas por Roberto Jefferson. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/2005>. Acesso em 26/02/2007 às 12:30 h

<sup>10</sup> "Propina" em Portugal é a quantia que se paga ao Estado em certas escolas. Também pode significar "gorjeta". No Brasil, é mais lembrado o sentido pejorativo da palavra: "suborno", "pagamento feito a alguém para fazer algo geralmente ilegal ou anti-ético". Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Esc%C3%A2ndalo\\_do\\_mensal%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/wiki/Esc%C3%A2ndalo_do_mensal%C3%A3o) Acesso em 05/06/2007 às 11:40 h

mesma repórter, publicada pela *Folha* em 12/06/2005, na qual o deputado garantia que o dinheiro do “mensalão”<sup>11</sup> tinha origem nas estatais e empresas do setor privado.

Os escândalos da corrupção tomam proporções e, no início de setembro de 2005, as revistas *Veja* e *Época* divulgaram suposta cobrança de propina de R\$ 10 mil mensais feita pelo então presidente da Câmara dos Deputados, Severino Cavalcanti, para prorrogar o contrato de um restaurante da câmara.

O caso apresentou contradições, tanto do lado da acusação, quanto da parte da defesa. O dono do restaurante, Sebastião Buani, primeiro negou o pagamento de propina, mas depois o admitiu. Também houve imprecisão de datas: a princípio, Buani falou em pagamentos em 2003, mas apresentou um cheque de 2002:

Cópia de um cheque de R\$ 7.500 nominal a Gabriela Kênia da Silva Santos Martins, uma das secretárias do deputado Severino Cavalcanti (PP-PE), foi apresentada ontem à Polícia Federal pelo empresário Sebastião Buani como prova da propina paga ao atual presidente da Câmara em 2002 e 2003. Em troca do pagamento, o empresário teria obtido a prorrogação da licença para explorar o restaurante da Câmara, além de um reajuste nos preços cobrados pelas refeições. Assinatura no verso do cheque mostra que o dinheiro foi sacado pela própria secretária em 30 de julho de 2002, data que obrigou o empresário a reformular a versão que oferecia até aqui para os pagamentos a Severino. Buani disse que precisará refletir melhor sobre o valor total da propina paga ao deputado. "Com certeza, a conta total está sujeita a alteração". Ontem, ele não quis arriscar um número.

Na versão anterior do empresário, Severino Cavalcanti teria recebido cerca de R\$ 110 mil. Além de um pagamento inicial de R\$ 40 mil em abril de 2002 -cujo saque seria o que aparece em extrato bancário divulgado anteriormente por Buani-, haveria parcelas mensais pagas entre março e novembro de 2003. (Salomon e Michael, 2005)

Diante da informação de que teria assinado um documento ilegal para prorrogar a licença do restaurante, Severino chegou a apresentar, num mesmo dia, três versões diferentes.

Severino negava com veemência a existência de cheques que o ligassem a Buani. Mas o empresário apresentou um cheque de R\$ 7.500,00 com o nome de uma secretária de Severino.

---

<sup>11</sup> Embora não existissem provas concretas sobre a existência do "mensalão", as denúncias de Roberto Jefferson, mais tarde corroboradas por outras testemunhas, provocaram uma crise política no governo, o que incluiu a formação de Comissões Parlamentares de Inquérito (CPI), a renúncia e a cassação de vários deputados da base aliada, dentre eles o ex-braço direito do presidente, José Dirceu. No interior do Partido do Trabalhadores, os escândalos resultaram no afastamento do presidente José Genoíno e na convocação de novas eleições para a direção do partido.

Fonte: Especial Folha On-Line – CPI do mensalão

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2005/cpidomensalao/2> Acesso em 08/02/2007 às 9:50 h

O presidente da Câmara disse, então, que o dinheiro foi usado para pagar uma gráfica na campanha a deputado estadual de um de seus filhos. A polícia federal investigou e disse que essa despesa não existiu.

Severino Cavalcanti divulga nota negando a existência do mesmo e se dizendo vítima de uma tentativa de extorsão.

Em 5 de setembro de 2005 parlamentares do bloco de oposição (PSDB, PFL, PPS e PV) defendem o afastamento de Severino Cavalcanti das atividades de presidente da Câmara, para, segundo eles, a investigação da denúncia correr sem problemas.

Em 6 de setembro de 2005 *site*<sup>12</sup> da revista *Veja* divulgou um documento que comprovaria a denúncia. Segundo a imprensa, o documento dataria de 2002 e possuiria a assinatura de Severino Cavalcanti autorizando o funcionamento do restaurante de Buani no anexo quatro da Câmara até 2005.

Em 9 de setembro Severino Cavalcanti admite a possibilidade de se afastar temporariamente da presidência da Câmara, enquanto ocorressem as investigações:

Tornou-se insustentável a situação do presidente da Câmara, Severino Cavalcanti (PP-PE). Depois da divulgação de um documento, com a assinatura do deputado, que garantiria a prorrogação do contrato para explorar o restaurante do décimo andar da Casa, o empresário acusado de pagar um "mensalinho"<sup>13</sup> ao então primeiro-secretário da Câmara confirmou, em entrevista coletiva, a corrupção. Sebastião Augusto Buani afirmou que Severino lhe pediu R\$ 20 mil por mês para cada um dos três anos de renovação, mas aceitou fechar o negócio por menos. Em editorial publicado na segunda-feira, esta Folha considerava que ainda não havia evidências para justificar o afastamento de Severino. Os novos elementos, contudo, são contundentes. Já fora gritante a desorientação do presidente da Câmara, anteontem, quando recorreu a três versões diferentes para refutar o documento. Ontem, seu caso definitivamente agravou-se. Diante dos fatos e das dificuldades políticas enfrentadas pelo deputado, cuja gestão vinha sendo, para dizer, no mínimo, constrangedora, formou-se um consenso. Sua permanência não é mais possível. Ou enfrentará um processo de cassação ou renunciará.<sup>14</sup>

Em 21 de setembro 2005 Severino Cavalcanti renuncia ao seu mandato em virtude das denúncias. Raivoso, declara que sua queda foi orquestrada pelo que chamou de "elitezinha":

---

<sup>12</sup> <http://vejaonline.abril.com.br>

<sup>13</sup> “Mensalinho” foi o nome dado às denúncias de propinas recebidas por Severino Cavalcanti em 2003 para deixar o empresário Sebastião Buani instalar seus restaurantes na Câmara dos Deputados. O empresário acusou Severino de cobrar-lhe a mensalidade de 10 mil reais sob a ameaça de fechá-lo. O nome “mensalinho” é uma referência ao “escândalo do mensalão”. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mensalinho#column-one#column-one> Acesso em 22/02/2007 às 14:15h

<sup>14</sup> SEVERINO em queda. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 09 set. 2005. Opinião.

Sete meses e seis dias após assumir a presidência da Câmara de forma surpreendente, Severino Cavalcanti (PP-PE), 74, renunciou ontem, às 16h54, ao cargo e a seu mandato de deputado federal. Dizendo-se vítima de "empobrecimento ilícito" na vida pública e condenado politicamente, pela mídia e por aqueles que querem seu lugar, Severino caiu após 19 dias de pressão resultante da acusação de que recebeu propina em 2002 e 2003, quando era primeiro-secretário da Casa. Assim como sua ascensão, sua queda foi tumultuada. Num discurso lido ainda na cadeira de presidente, o deputado demonstrou estar bastante emocionado e afirmou, em 33 minutos de fala, que caiu porque lutou contra "uma elitezinha", contra "os donos do Congresso", e que provará sua inocência nos tribunais.<sup>15</sup> (Bragon, Zanini, Góis, Francisco, Navarro e Ceolin, 2005)

De um modo geral, o governo, os aliados políticos e os envolvidos nesses casos de corrupção tentam pôr fim às investigações.

### 1.3 Quem é Severino Cavalcanti ?

Severino José Cavalcanti Ferreira, nascido em João Alfredo, estado de Pernambuco em 18 de dezembro de 1930, é um político filiado ao Partido Progressista. Cavalcanti passou por diversos partidos após sua estréia pela UDN. Em 1966, entrou para a Arena (Aliança Renovadora Nacional), o partido de sustentação da ditadura militar. Em 1980, foi para o PDS (Partido Democrático Social) e, em 1987, para o PDC (Partido Democrata Cristão), onde permaneceu até 1990, quando entrou no PL (Partido Liberal). Ficou pouco no PL, apenas até 1992, quando foi para o PPR (Partido Popular Republicano). Em 1994, transferiu-se para o PFL (Partido da Frente Liberal) e no ano seguinte, para o PPB (Partido Popular Brasileiro), onde permaneceu até 2003, quando o partido mudou o nome para PP (Partido Progressista).

Seu primeiro cargo político foi o de prefeito de seu município natal em 1964 pela UDN. Elegeu-se deputado estadual, pela primeira vez, em 1967, pela Arena. Ocupou o cargo por outros seis mandatos consecutivos até chegar ao Congresso Nacional em 1995 como deputado federal pelo estado de Pernambuco.

Dois anos depois, conquista um cargo na Mesa Diretora da Câmara, fato raro para um deputado em primeiro mandato:

Severino José Cavalcanti Ferreira também é conhecido, em Pernambuco, como "Zito Miracapillo". Ficou assim conhecido desde o episódio de expulsão do Brasil, em outubro de 1980, do padre italiano Victor Miracapillo. Então integrante da ala progressista da Igreja Católica, Miracapillo enfrentou uma campanha pela sua

---

<sup>15</sup> Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2209200503.htm> Acesso em 02/10/2007 às 23:10 h

expulsão do país, depois de ter se recusado a celebrar uma missa encomendada por um grupo de usineiros para marcar a passagem do 7 de Setembro. Foi Severino Cavalcanti, então deputado estadual, quem liderou a campanha para expulsar o padre.

Cavalcanti também é conhecido por suas posições intransigentes contra os movimentos homossexuais, por sua vinculação com a Igreja Católica e por não temer desgaste na defesa de melhorias salariais dos políticos.

Sempre defensor dos interesses corporativos, Cavalcanti foi um dos articuladores, no ano passado, do projeto que estendia aos deputados e senadores o reajuste que seria concedido aos funcionários do Legislativo. Mas a proposta não vingou. Integrante da Mesa Diretora aprovou com os demais membros do colegiado, em dezembro, o aumento de R\$ 12 mil para R\$ 15 mil da verba indenizatória, recursos destinados aos deputados para custeio de despesas em seus Estados.<sup>16</sup>

Em 2005, então deputado federal, concorreu à presidência da Câmara dos Deputados e ganhou a eleição; embora se acreditasse que o candidato oficial do governo, Luís Eduardo Greenhalgh ( PT- SP ) seria o vencedor:

Severino, que foi deputado por 28 anos e estava em seu terceiro mandato federal, assumiu o comando da Casa em 15 de fevereiro de 2005 após derrotar o candidato do Planalto, Luís Eduardo Greenhalgh (PT- SP). Pela primeira vez, quebrava-se a tradição de a maior bancada – no caso, o PT – assumir o posto.<sup>17</sup>(Bragon, Zanini, Góis, Francisco, Navarro e Ceolin, 2005)

Analistas políticos acreditam que a crise interna<sup>18</sup>, pela qual o governo passava, levou à vitória Severino Cavalcanti, cuja candidatura era considerada menos expressiva:

Em seu terceiro mandato consecutivo, o pernambucano Severino José Cavalcanti Ferreira (PP), 74, construiu sua candidatura à presidência da Câmara com a promessa de elevar salários e de melhorar as condições financeiras de atuação dos colegas deputados. Com forte apelo no chamado baixo clero, o deputado pernambucano faz parte da mesa diretora da Câmara há oito anos --mesmo período em que tenta a presidência da Casa. Cavalcanti ficou conhecido na Câmara por lançar sua candidatura independente em outras duas ocasiões. Apesar da candidatura, o deputado sempre acabava entrando em acordo com os demais candidatos e desistia da disputa. Pelo acordo, ele apresentava a sua desistência em contrapartida recebia outro cargo na mesa.<sup>19</sup>

---

<sup>16</sup> Disputa na Câmara. *Jornal do Commercio*, Pernambuco, 16 fev. 2005. Política, p.1

<sup>17</sup> Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2209200503.htm> Acesso em 02/10/2007 às 23:10 h

<sup>18</sup> Ao indicar o nome de Greenhalgh como o candidato à presidência da Câmara, o PT provocou dissidências dentro do próprio partido --o nome mais votado na bancada havia sido o do deputado Virgílio Guimarães, que foi pressionado a desistir de sua candidatura devido a acordos internos na bancada. Apesar de ser o preferido dos petistas, Guimarães perdeu o apoio da bancada ao insistir em manter sua candidatura avulsa. Aos poucos, sua candidatura também foi perdendo força na medida em que o congressista procurou apoio entre os críticos do governo federal, como o ex-governador Anthony Garotinho (PMDB). (SILVEIRA, Rose Ane (2005). Independente, Severino Cavalcanti é eleito presidente da câmara.

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u67210.shtml> Acesso em: 16/02/2007 às 14:32 h

<sup>19</sup> Disponível em: [www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u67206.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u67206.shtml) - 28k .Acesso em 16/02/2007 às 15:04h

O deputado Severino Cavalcanti (PP) entrou para a história como o primeiro presidente da Câmara Federal eleito sem o apoio do Palácio do Planalto. Severino conquistou, assim, o trono de “rei do baixo clero”<sup>20</sup> – denominação utilizada para os deputados com pouca expressão na Câmara – e garantiu, com os votos desse universo, somados à insatisfação da base aliada, o placar de 300 votos, numa eleição que desnudou o maior espetáculo de infidelidade partidária:

Adversários e aliados do governo conspiraram, e muito, para derrotar o candidato oficial. Um dos movimentos decisivos aconteceu no final da manhã da segunda-feira, horas antes da abertura das urnas. Severino tinha garantido menos de cem votos, insuficientes para chegar ao segundo turno. Foi quando se reuniram num canto da sala da liderança do PMDB quatro mosqueteiros dos tempos de FHC, os deputados Eliseu Padilha, Geddel Vieira Lima, Moreira Franco e Michel Temer. "Esses petistas acham que somos burros. Se ganhar o Greenhalgh, eles levam. Se for o Virgílio (Guimarães, candidato avulso do PT), eles ganham também. Vamos de Severino", propôs Padilha. "E se der errado?", perguntou Temer. "Não perdemos nada. E se der certo, ganhamos mil por cento", emendou Geddel. "Mas tem de ser na moita", afirmou Moreira. E foi na surdina. Até para a maioria dos colegas peemedebistas o grupo fazia de conta que se dividia entre Greenhalgh e Virgílio. Mas, na hora H do primeiro turno, pelo menos 20 peemedebistas ligados a FHC votaram em Severino - o suficiente para levá-lo para o segundo turno. Então, se acertaram com todos os adversários de Lula (de Garotinho ao PFL) e com os governistas de pouca fibra do PP, PMDB e PL. (Traumann; Rila e Krieger, 2005)

Cavalcanti ficou conhecido por suas posições polêmicas sobre diversos assuntos, as quais desagradaram setores da sociedade. Ele é contrário à prática do aborto e à homossexualidade em geral (desde o beijo homossexual em público até a união civil entre duas pessoas de mesmo sexo, passando pela Parada do Orgulho GLBT). Colocou-se, em várias ocasiões, como o representante dos católicos no Congresso Federal, talvez para obter os votos dessa importante parcela da população brasileira e defendia, constantemente, o aumento nos salários dos parlamentares nas várias legislaturas que participou:

---

<sup>20</sup> Não há no Congresso quem consiga explicar como ou quando a expressão começou a ser usada para designar os cerca de 400 deputados (de um total de 513) que quase nunca aparecem na mídia. É mais fácil identificar quem são eles e como atuam. Os integrantes do “baixo clero” são quase todos os que não têm cargos formais dentro da Câmara, nem conseguem visibilidade por seu histórico na política. Nunca são procurados para entrevistas na TV. Não recebem projetos para relatar. Não são líderes nem vice-líderes. Não estão na Mesa Diretora da Casa. A rigor, são deputados sem importância política. Enquanto os deputados mais famosos conseguem manter o nome em evidência por ocuparem cargos de alguma relevância na Câmara, o deputado do baixo clero só fica com uma saída para manter-se ativo para a eleição seguinte: obter e levar verbas para as cidades de sua base eleitoral. (Parlamentar é popular no baixo clero. *Folha de S. Paulo*, 16 fev. 2005, cad. Brasil)

A presidência de Severino Cavalcanti, no entanto, é mais onerosa para a Câmara, para as próprias instituições e para a opinião pública a respeito da política, do que o é para o governo. Direitista e objetivo igualmente por princípio, Severino Cavalcanti esteve tão bem integrado no espírito e na prática repressora da ditadura como, depois, se adaptou à conveniente convivência com o novo regime. Não é improvável, pois, que o governo e o presidente da Câmara comunguem o suficiente para que a derrota governamental não o seja tanto, na condução dos interesses palacianos e ministeriais no Congresso. O sentido maior da derrota é mesmo o político. E não está figurado só em Severino Cavalcanti. (de Freitas, 2005)

Eleito, o novo presidente da Câmara dos Deputados Federais assume seu *status* adquirido com todos os benefícios materiais e de poder que a posição social lhe atribui, sem nenhum constrangimento público:

Às 8 horas da manhã da quinta-feira 17, pouco mais de 48 horas depois de ser proclamado presidente da Câmara dos Deputados, Severino Cavalcanti entrou pela primeira vez na mansão que será seu endereço pelos próximos dois anos. Acompanhado pelo filho e por assessores e amigos empresários de Pernambuco, deu um passeio pelos 750 metros quadrados da residência oficial. Gostou do que viu e anunciou que se mudaria no mesmo dia. "Vou usar todas as prerrogativas do cargo", contou. "Não vou deixar passar nenhuma."

Severino Cavalcanti não mede palavras e choca a opinião pública ao defender aumentos de salários e mordomias para os parlamentares. Como demonstrou o resultado da eleição da Câmara, ele diz o que muitos políticos pensam em silêncio. "Esses deputados que falam contra o aumento de salário na imprensa são os primeiros que vêm falar no meu ouvido e pedir para levar a proposta adiante", diz. "Mas não tem problema. Vou deixar pronta uma declaração por escrito. Quem não quiser aumento é só assinar e devolver. Quero ver se alguém vai ter coragem."

Durante muito tempo, Severino foi descrito nos corredores do Congresso como "presidente do sindicato dos deputados", pela defesa permanente de aumento nos salários dos parlamentares. Além da atividade "sindical", ganhou fama por liderar a bancada ligada aos setores conservadores da Igreja Católica. Tornou-se o inimigo número um dos movimentos feministas e de defesa dos homossexuais. "Nas questões morais, sou intransigente. Sou contra qualquer coisa que vá contra a natureza e Deus."

Eleito presidente, ganhou ares ainda mais celestiais. Um de seus aliados apresentou projeto para transformar São Severino de Ramos no santo padroeiro do Legislativo brasileiro. Pelo menos entre o "baixo clero", os parlamentares menos conhecidos do Congresso, ele já assegurou a devoção. Como bom milagreiro, ganhou pontos com os fiéis ao interceder junto aos ministros para liberação de verbas e encaminhar nomeações. "Deputado gosta de ser bem atendido e vive do Orçamento. É com essas verbas que ele atende sua base eleitoral", prega. "O cristianismo diz que você deve atender bem aos seus semelhantes. Mas no governo Lula é todo mundo ateu."

A única coisa capaz de tirar o bom humor de Severino nos dias que se seguiram à eleição era a associação entre seu nome, o "baixo clero" e a corrupção. O novo presidente da Câmara não nega que gosta de um bom salário e aprecia as mordomias do cargo, mas promete que será inclemente com a corrupção. "Quando fui corregedor da Câmara, cassei 11 deputados. Quando dirigi a primeira secretaria, devolvi R\$ 90 milhões do Orçamento da Câmara." E afirma: "Corrupção é coisa do alto clero. Os deputados do baixo clero não têm nem a oportunidade de chegar lá". (Krieger, 2005)

No dia 5 de setembro de 2005, Severino Cavalcanti viajou para a cidade de Nova Iorque para participar de uma conferência na sede da Organização das Nações Unidas (ONU). A viagem coincidiu com as denúncias das revistas *Veja* e *Época* do “mensalinho”, suposto esquema de pagamento de propina em que estaria envolvido, donde as suposições de que ele estaria aproveitando essa viagem para esquivar-se das acusações. De fato, chegou-se a mostrar em rede nacional uma cópia ampliada do cheque compensado, utilizado para pagar-lhe o “mensalinho”:

Reunido em segredo com quatro parlamentares opositores na noite de anteontem, Izeilton de Souza Carvalho, 33, acusou: o empresário Sebastião Augusto Buani, seu ex-patrão, "pagou", entre março e novembro de 2003, propina de R\$ 10 mil ao deputado Severino Cavalcanti (PP-SP), atual presidente da Câmara. Em troca, obteve privilégios na exploração de um restaurante no Congresso. Izeilton mostrou aos parlamentares cópia de um documento que comprovaria a ligação "suspeita" entre Severino e Buani. Trata-se de um termo de prorrogação, assinado por Severino em abril de 2002, estendendo irregularmente a concessão para a exploração do restaurante até 2005. O gesto teria rendido a Severino, além da propina mensal, um prêmio de R\$ 40 mil, supostamente dividido com outro deputado, Gonzaga Patriota (PSB-PE), responsável pela redação do documento. Severino ocupava na época o posto de primeiro-secretário da Câmara. O denunciante Izeilton era, até quinta-feira da semana passada, funcionário do restaurante, situado no 10º andar de um dos edifícios anexos da Câmara. Suas declarações, ratificadas ontem à Polícia Federal, contradizem os desmentidos de Severino Cavalcanti e a versão do ex-chefe Sebastião Buani. Ouvido por uma comissão de sindicância da Câmara na segunda-feira, o empresário negara a propina a Severino. No encontro com os deputados, instado a falar, o denunciante explicou que trabalhou no restaurante de Buani durante três anos. Tornou-se gerente-executivo do estabelecimento, uma função que lhe franqueou o acesso a dados estratégicos da empresa. Disse que, a pedido do ex-patrão, digitou no computador um documento manuscrito por Buani em que ele relatou, de forma pormenorizada, a rotina dos pagamentos que o uniam a Severino Cavalcanti. O documento, apócrifo, chama-se "A história de um mensalinho". O documento que mais chamou a atenção dos deputados foi mesmo o termo de prorrogação supostamente assinado por Severino, que não está formalmente arquivado na Câmara. O texto tem um único parágrafo. Datado de 4 de abril de 2002 e escrito em papel timbrado da Câmara, traz a assinatura de Severino Cavalcanti. Prorroga, "até 24 de janeiro de 2005", a autorização para o funcionamento do restaurante de Buani na Câmara. (de Souza, 2005)

Em 21 de setembro, Severino Cavalcanti renuncia a seu mandato de deputado federal em decorrência das denúncias de esquemas de pagamento de propina em que estaria envolvido, o chamado “mensalinho”. Com sua renúncia, a presidência da Câmara é assumida provisoriamente pelo seu vice-presidente, José Thomaz Nonô. Aldo Rebelo foi eleito o presidente da câmara em 28 de setembro:

A renúncia tem o objetivo de evitar a inelegibilidade até 2015 que uma possível cassação acarretaria. Severino promete se candidatar no ano que vem e retornar à Câmara em 2007. Para isso, citou a Bíblia: "Voltarei. Já anunciava o profeta Jó: O

júbilo dos ímpios é breve, e a alegria dos hipócritas, apenas um momento". (Bragon; Zanini; Gois; Francisco; Navarro e Ceolin, 2005)

Em seu discurso de despedida, acusou a "elite que não quer largar o osso" de ser a responsável por sua renúncia. Disse também que "empobreceu com a política". E arrematou: "O povo me absolverá"<sup>21</sup>:

O presidente da Câmara, Severino Cavalcanti (PP-PE), renunciou nesta quarta-feira à presidência e ao mandato parlamentar. No final de seu discurso, ele disse que voltará e que será absolvido pelo povo. "Todos seremos, muito breve, julgados pelo povo. Para quem dedicou sua vida à política, esse é o julgamento que conta, a sentença que importa. Voltarei. O povo me absolverá", disse. Acusado de receber "mensalinho" para prorrogar a concessão de um restaurante da Câmara, Severino negou a propina e disse que saiu do Congresso da mesma maneira que chegou: endividado.

No discurso, Severino fez menção a seu pai, afirmando que ele sustentava a família com dificuldades. "Cresci no meio das durezas que são pobres, na terra onde as crianças desde cedo são sertanejos fortes", declarou. O parlamentar foi pressionado por seus colegas, que reputaram como "insustentável" sua permanência na Câmara após a confirmação das denúncias de Sebastião Buani, que sustenta ter pagado propina para garantir o funcionamento do restaurante Fiorella. O cargo será assumido pelo primeiro vice-presidente da Casa, o deputado José Thomaz Nonô(PFL-AL), por um período de cinco sessões, prazo para a eleição de um novo titular.<sup>22</sup>

Severino renuncia ao terceiro cargo mais importante para uma nação democrática, a de presidente da Câmara dos Deputados Federais, pois nas ausências do presidente da república e do vice- presidente, seria ele quem assumiria o comando da nação. Isso seria um "desastre" para o país, como provam os textos de nossa análise, onde se pode constatar a sua inaptidão para o cargo por suas idéias e atos ilícitos, corruptos e falsos moralistas. As conseqüências sociais da eleição Severino Cavalcanti para o cargo foram menosprezadas em detrimento a ideais corporativos.

---

<sup>21</sup> Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u72614.shtml> Acesso em 22/02/2007 às 16:05h

<sup>22</sup> Disponível em: [www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u72194.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u72194.shtml) - 27k Acesso em: 21/09/2005 às 16:54h

## CAPÍTULO 2 – AS TEORIAS SOBRE O HUMOR

O estudo sobre o humor encontrou, ao longo dos séculos, muitas vozes acadêmicas que o investigaram para tentar compreendê-lo. Uma bibliografia sobre o humor “seria ofensivamente seletiva, ora interminável” (Minois, 2003:15), pois ele já foi largamente estudado pela Psicologia, pela Sociologia, pela Filosofia, pela Medicina e por outras disciplinas. É possível agrupá-lo em distintas tendências ou linhas de abordagem, consoante as vertentes sobre as quais a ênfase recai.

No entanto, é preciso considerar que nenhuma das teorias, tomadas isoladamente, constitui uma resposta auto-suficiente às inúmeras questões que o humor coloca: pelo contrário, cada uma delas avança com uma ou duas características determinantes que mais não são do que uma parte do fenômeno. Como Raskin (1985:30) defende, será preferível supor que “uma síntese dessas características pode servir como uma melhor aproximação do que é o humor do que alguma teoria tomada separadamente”<sup>23</sup>. Não é, pois, surpreendente que, por vezes, um mesmo autor, como é o caso do estudioso sobre o humor Henri Bergson, exiba um posicionamento teórico misto avançando com elementos pertencentes a vários grupos de teorias.

Assim, as várias abordagens acadêmicas do fenômeno humorístico e o caráter sistemático de que se revestem, apelam para uma perspectiva interdisciplinar, não ignorando o extenso legado teórico que variados campos do saber fizeram chegar aos nossos dias:

A primeira qualidade do humor é precisamente escapar a todas as definições, ser inapreensível, como um espírito que passa. O conteúdo pode ser variável: há uma multiplicidade de humor; em todos os tempos e em todos os lugares, desde o momento em que, na mais remota pré-história, o homem tomou consciência dele mesmo, de ser aquele e ao mesmo tempo de não ser e achou isso muito estranho perante si mesmo; ou seja, o humor nasceu com o primeiro homem, o primeiro animal que se destacou da animalidade, que tomou distância em relação a si próprio e achou que era derrisório e incompreensível. (Minois, 2003: 79)

Este capítulo pretende fazer uma revisão sucinta dos conceitos básicos dos estudos do humor, destacando aqueles que comportam interesse para uma abordagem lingüístico-discursiva.

---

<sup>23</sup> a synthesis of those features may serve as a better approximation of what humor is than any partial theory taken separately.

Antes, porém, cabe ressaltar que, para efeito do presente trabalho, não abrigamos sob o conceito de humor, apenas as manifestações que provocam efetivamente riso visível ou audível. Não adotamos, tampouco, separação entre humor e riso, cômico e risível.

Seguindo Travaglia (1990:66), o humor é indissociável do riso. Não necessariamente o riso audível, mas "o riso entendido de forma mais ampla, como um movimento de satisfação do espírito." A satisfação pode ser manifestada por reações fisiológicas, que vão desde o sorriso até a gargalhada, ou não, "o que já se chamou de 'riso recôndito' ou riso interior":

Não concordamos com a separação de humor e riso. Para nós o humor está indissolúvelmente ligado ao riso e é apenas o riso que diferencia o humor de outras formas de análise crítica do homem e da vida, de outras formas de rebelião contra o estabelecido, o controle social e o impedimento dos prazeres e o conseqüente desequilíbrio e reestruturação do mundo sócio-cultural; de outras formas de revelação da verdade e da criatividade (op.cit.:66)

Propp (1992:20) afirma que o cômico nem sempre é risível, que "é preciso estabelecer a especificidade do cômico, é preciso verificar em que grau e em que condições um mesmo fenômeno possui, sempre ou não os traços de comicidade".

Por não considerarmos todo ato de humor como um ato de riso visível, não podemos, por outro lado, aceitar que todo riso seja fruto de situações tidas como humorísticas. Excluímos assim o farto campo das manifestações fisiológicas involuntárias, dos espasmos, dos surtos psíquicos, da análise da significação do riso.

O estudo do humor em suas várias manifestações, dos atos mais explícitos das comédias e piadas à ironia sutil que pode permear textos de todos os gêneros, não é novo na história da humanidade:

Nossa cultura ocidental criou um enorme patrimônio de reflexões clássicas sobre o humor e o riso, cujo único e indiscutível mérito foi o de ter mostrado o quanto se trata de uma experiência humana muito imprecisa e na qual caberia quase tudo. (Saliba, 2002:19)

Alberti (2002) esclarece que a cronologia do estudo do fenômeno humorístico remonta à Antiguidade greco-latina, passa por numerosas contribuições no Renascimento e impõe-se na Idade Moderna com o estabelecimento lexicológico do termo *humor*.

Com base nisso, depreendemos que as investigações sobre o humor são muito relevantes no contexto social e que foram visitadas por grandes estudiosos:

Não escreveram sobre o cômico Aristófanes, Molière, Luciano, Groucho Marx e Rabelais, mas sim um pensador sério como Aristóteles, ... um austero pietista como

Kant, ... um outro filósofo tão austero quanto ele - mas inclinado ao sarcasmo - como Hegel, um poeta romântico tardio e melancólico como Baudelaire, um pensador com pouca alegria e existencialmente preocupado como Kierkegaard, ... um Bergson metafísico e, por fim, Freud. (Eco,1989:251)

## 2.1 Os estudos sobre o humor: caminhos históricos

Desde os primórdios da humanidade, já existiam ligações entre o sério e o cômico na vida social. Bakhtin (1993) observou, graças às investigações do folclore de povos primitivos, que os rituais sérios caminhavam ao lado dos rituais que parodiavam os mitos, os acontecimentos e os heróis cultuados. Assim, o divino e o profano conviviam sem problemas. O povo romano primitivo, por exemplo, tinha o hábito de chorar e maldizer o defunto em seus funerais ao mesmo tempo.

Na Antiguidade clássica, o riso era considerado uma espécie de emanção das divindades, visceralmente ligado à suprema liberdade dos deuses, e estreitamente vinculado à crença da recriação do mundo:

Assim se exprime o autor anônimo do papiro alquímico que data do século III, o papiro de Leyde. O universo nasceu de uma enorme gargalhada. Deus, o Único, qualquer que seja o seu nome, é acometido - não se sabe por que - de uma crise de riso louco, como se, de repente, ele tivesse consciência do absurdo de sua existência. Nessa versão da criação, Deus não cria pela palavra, que já é civilização, mas por esse espocar de vida selvagem, e cada um de seus sete acessos faz surgir do Nada um novo absurdo, tão absurdo quanto o próprio Deus: a luz, a água, a matéria, o espírito. E, no final desse big bang cômico e cósmico, Deus e o universo encontram-se em um face a face eterno, perguntando-se um ao outro o que estão fazendo lá: aquele que ri e sua gargalhada. (Minois, 2003:21-2)

A prática do elogio e do escarnecimento só foi separada com o surgimento do regime de classes e de Estado, isto porque, com a divisão de classes, inicia-se o processo que diferencia os direitos entre os indivíduos na sociedade. A partir daí, delimitou-se as condições de realização do riso para os momentos festivos. (cf.Bakhtin,1993:5)

Nessas festas, os lugares sociais são dessacralizados . Quem era rei assumia o papel de escravo e vice-versa. A inversão de papéis sociais permitia que muitas verdades fossem ditas em tom de brincadeira. Nesse contexto, não há um único alvo de escarnecimento; todos os atores sociais são objetos de chacotas quando se encontram no cenário carnavalesco. Por isso, dizemos que o carnaval assume uma perspectiva dialógica e polifônica, sua forma de expressão não visa emocionar, mas provocar o riso, representando as ações ridículas do homem. (op.cit.:6)

Na Idade Média, com o advento do cristianismo, o riso era considerado coisa do demônio. E sendo o demônio o rei da zombaria e do escárnio, então, naturalmente, por analogia, era também o rei do riso. Dessa maneira, a sociedade só permitia o riso em festas pagãs, como o Carnaval ou outras celebrações alusivas ao mundo material. Esse pensamento permaneceu vivo até a época do Renascimento, quando as crenças, de um modo geral, passaram a sofrer abalo e os valores revistos:

Agora pode-se rir. Há de quê: rir do outro, desse fantoche ridículo, nu, que tem um sexo, que peida e arrotta, que defeca, que se fere, que cai, que se engana, que se prejudica, que se torna feio, que envelhece e que morre, um ser humano, bolas!, uma criatura decaída. O riso vai se insinuar por todas as imperfeições humanas. É uma constatação de decadência e, ao mesmo tempo, um consolo, uma conduta de compensação, para escapar do desespero e da angústia: rir para não chorar. Eis aí o que os pais da Igreja recriminam: em lugar de chorar sobre nossa decadência, o que seria marca de arrependimento, rimos de nossas fraquezas, e essa é a nossa perda. Vemos nosso nada e rimos dele: um riso diabólico. (Minois, 2003:112-3)

Pode-se dizer que foi somente a partir do século XVI, fruto da combinação dos elementos do humanismo e da cultura popular medieval, que o riso mudou o seu *status* de divino ou diabólico, passando para o plano do “simplesmente humano” e adquirindo, dessa forma, um novo tom: o da “gargalhada ensurdecadora”, que faz os indivíduos chegarem a um estado, mesmo que momentâneo, de suprema felicidade. (Minois, 2003:272-3)

O riso no Renascimento era uma forma de as classes populares liberarem, durante o carnaval, toda a tensão, limitação, opressão que agüentavam ao longo do ano; o problema é que essa liberação se dá de forma grotesca e aberrante, já que, neste período, o mundo fica de cabeça para baixo:

As leis, proibições e restrições, que determinavam o sistema e a ordem da vida comum, isto é, extra-carnavalesca, revogam-se durante o carnaval: revogam-se antes de tudo o sistema hierárquico e todas as formas conexas de medo, reverência, devoção, etiqueta, etc., ou seja, tudo o que é determinado pela desigualdade social hierárquica e por qualquer outra espécie de desigualdade (inclusive a etária) entre os homens. (Bakhtin, 1993:105-6)

Também baseando-se em transgressão de regras para definir o humor, Bakhtin (1993), ao falar da natureza carnavalesca presente na cultura popular da Idade Média e da Renascença, por meio de Rabelais, oferece-nos ferramentas para tecermos mais algumas considerações sobre o humor. Segundo o estudioso, o carnaval é uma espécie de *show* onde não há uma separação entre atores e expectadores. O mundo vira de cabeça para baixo e todas as regras

que regem a sociedade são transgredidas, uma vez que o que há de mais subterrâneo escondido na natureza humana é posto para fora.

Attardo (1994:45) observa que, até o Renascimento, as teorias sobre o humor são marcadas por uma visão global, sendo vistas como parte integrante da discussão sobre a comédia, pois os estudos não eram individualizados por disciplinas estanques.

A partir da especialização e da divisão do conhecimento em disciplinas, as noções de comicidade se ampliaram e invadiram os campos da Filosofia, Sociologia, Antropologia, Literatura, Psicologia, História e, como não poderia deixar de ser, dado o fato de o humor encontrar na linguagem verbal um veículo frequente, o da Lingüística (Travaglia, 2000).

Bremmer e Roodenburg (2000:21-2) enumeraram três pontos centrais na história e evolução do humor: primeiro o contraste sobre quem estuda o humor nos diferentes períodos da história, segundo o rodízio social entre os produtores de humor ao longo de sua evolução e terceiro a própria evolução do humor:

Primeiro, é admirável como o discurso dominante muda nos diferentes períodos. Enquanto os filósofos e retóricos da Antigüidade são os principais autores de importantes manuais e debates, na Idade Média os monges e outros teólogos estabelecem a lei. Por outro lado, nas regiões influenciadas pela Reforma, manuais de civilidade e escritos de ensaístas, como Joseph Addison e Richard Steele, passam a dar o tom. Era de se esperar que nos tempos modernos psicólogos e sociólogos ficassem em primeiro plano, sendo o estudo de Freud o exemplo mais largamente reconhecido desta tendência. Em segundo lugar, há um constante rodízio entre os produtores de humor. Grécia e Roma mostram que o humor moderado se tornou o domínio da elite social, ao passo que os bufões e os mímicos aos poucos perderam a aprovação oficial. Nossa palavra “escurrel” ainda revela um pouco da depreciação do *scurra*, o cômico profissional do fim da Antigüidade e da Idade Média, que nos tempos de Plauto e Cícero era um mexeriqueiro malicioso, mas ainda um “homem de sociedade”. Na Idade Média ele é, em geral, identificado com atores, menestrelis e mímicos, pessoas de posição social inferior, e apenas o bobo da corte ascende socialmente. Depois da Idade Média, o hábito de colecionar e contar piadas se difundiu amplamente em todo o aspecto social, e está claro que contar piadas até se tornou parte essencial da arte da conversação entre cavalheiros. O desaparecimento gradual deste ideal e ascensão do cômico profissional moderno, como o palhaço, o comediante e o satirista, ainda permanecem em grande parte inexplorados. Nosso terceiro e último ponto é a evolução do humor em si. Até que ponto o humor mudou através dos séculos? Nossos antepassados riam das piadas como nós, ou o senso de humor era radicalmente diferente do nosso? Aqueles que leram alguns dos textos humorísticos do passado podem ter achado que algumas piadas não são de todo ruins, outras, visivelmente sem graça, e várias até mesmo incompreensíveis. Em outras palavras, estes textos se mostram, ao mesmo tempo, familiares e estranhos a nós.

## 2.2 O humor nos tempos modernos

Paradoxalmente, se a idéia de sistematizar o humor – seja limitando-o a fórmulas mágicas, seja buscando sua significação – é antiga, a acepção do termo, atualmente como “qualquer mensagem – expressa por atos, palavras, escritos, imagens ou músicas – cuja intenção é a de provocar o riso ou um sorriso”, é moderna, informam Bremmer e Roodenburg (2000:13): “No sentido estrito, a noção de humor é relativamente nova. Em seu significado moderno, foi pela primeira vez registrada na Inglaterra em 1682, já que, antes disso, significava disposição mental ou temperamento”.

Tantas vertentes do pensamento já se preocuparam com a investigação da comicidade que, na opinião de Alberti (2002:34) “não há, atualmente, necessidade de se desenvolver novas teorias do riso”.

Ainda assim, uma constante pode ser depreendida nessa questão: a de que o humor escapou sempre a toda tentativa mais sistemática de definição e estudo, o que explica em parte a lentidão com que avançaram as pesquisas realizadas na área. Excetuando-se as poucas e brevíssimas referências à arte da comédia constantes na *Poética* (Aristóteles:1966), somente na virada do século XIX para o século XX, com as teorias de Bergson, é que o humor é conceituado nos parâmetros que o conhecemos hoje (Rosas:2003).

O humor chega ao século XX valorizado pelo seu potencial transgressor e pode destruir verdades. Sua força provém do inconsciente, do *nonsense*, do lúdico. Observemos as palavras esclarecedoras de Alberti (1999:23):

O riso e o risível remetem então ao não-sentido (*nonsense*), ao inconsciente, ao não sério, que existem apesar do sentido, do consciente e do sério. Saber rir, saber colocar o boné do bufão, como diz Ritter, passa a ser situar-se no espaço do impensado, indispensável para apreender a totalidade da existência.

### 2.2.1 O conceito de humor para Bergson

Na virada para o século XX, o pensador francês Henri Bergson propôs-se a refletir sobre a questão do riso. “O que haveria de comum entre uma careta de palhaço, um jogo de palavras, um quiproquó de *vaudeville*<sup>1</sup>, uma cena de comédia fina?”, perguntava-se Bergson

(2004:1) logo na abertura do primeiro capítulo. Com a resposta a essas perguntas, Bergson tinha a esperança de atingir um objetivo mais amplo:

Razoável, a seu modo, até em seus maiores desvios, metódica em sua loucura, sonhadora, se me permitem, mas capaz de evocar em sonhos visões que são prontamente aceitas e compreendidas por toda uma sociedade, por que a invenção cômica não nos daria informações sobre os procedimentos de trabalho da imaginação humana e, mais particularmente, da imaginação social, coletiva, popular? Oriunda da vida real, aparentada com a arte, como não nos diria ela também uma palavra acerca da arte e da vida? (op.cit.: 2)

Bergson (2004:3) reafirma o truísmo de Aristóteles de que o homem é “um animal que sabe rir” e acrescenta que o homem é um animal que também “faz rir”.

O filósofo salienta que o cômico é um fenômeno exclusivamente humano, destacando que esse se dirige à inteligência (pois haveria a necessidade de entendimento e capacidade de raciocínio associativo de um acontecimento ou situação para que se possa manifestar o estado de espírito configurado no riso) e é insensível e indiferente. De acordo com essa teoria intelectual, as emoções seriam um obstáculo à produção do riso. Seria, assim, necessário um distanciamento dos sentimentos para que o cômico produzisse o seu efeito. Verificada a falha de uma pessoa querida, para que o riso apareça é “preciso esquecer essa afeição, calar essa piedade.” (op. cit:3)

Uma outra propriedade do riso seria a relação com outras inteligências. O riso só tem sentido se houver repercussão, se não for uma atitude isolada, mas de um grupo, em que se compartilharia, em cumplicidade com outros ridentes, o sentido jocoso. Esse caráter social, porém, não implicaria sempre um riso acompanhado de um ser real. O outro poderia ser uma entidade imaginária e sua existência seria inerente ao próprio caráter social do riso.

O riso é sempre social, mesmo quando responde a um estímulo puramente físico, a pessoa não ri quando faz cócegas em si própria, mas ri se é outra pessoa que faz cócegas nela. Dessa forma, devemos procurar a essência do riso na sociedade:

Para compreender o riso, é preciso colocá-lo em seu meio natural, que é a sociedade; é preciso sobretudo, determinar sua função útil, que é uma função social. Essa será – convém dizer desde já – a idéia diretiva de todas as nossas investigações. O riso deve corresponder a certas exigências da vida em comum. O riso deve ter uma significação social. (Bergson, 2004:6)

Em síntese, Bergson estabelece três premissas para o cômico: (i) apenas o homem é capaz de rir; (ii) a sensibilidade nunca vai estar associada ao cômico; (iii) o riso faz parte de um contexto social.

A teoria de Bergson fundamenta sua tese sobre o cômico numa idéia de que nós rimos do Outro quando parece que esse se mecanizou, automatizou seus gestos, suas expressões, suas palavras e até seus sentimentos.

O filósofo acredita que o riso decorra da percepção da vida como puro mecanismo. O homem se desloca de um ponto X para um ponto Y e todo esse processo evidentemente denota movimento. E o movimento *versus* a rigidez é a tônica do pensamento de Bergson. Para entender sua idéia, observemos dois exemplos bem simples, o do homem que tropeça e cai no meio da rua e o de um hipotético sujeito metódico que tenha sido vítima de uma brincadeira: seus objetos foram trocados de lugar, mas ele continua se comportando de acordo com a rotina estabelecida, seguindo o impulso impresso pelo hábito. Nesses exemplos o risível, observa Bergson (2004:8), “é certa *rigidez mecânica* quando seria de se esperar a maleabilidade atenta e a flexibilidade viva de uma pessoa.”

As fontes de comicidade tanto podem referir-se ao sujeito de quem rimos, quanto à situação ou à maneira como o discurso é organizado e proferido. Dessa forma, o autor distingue as fontes geradoras do riso em: o cômico de gestos e formas (que exploram o automatismo, o enrijecimento e deformações do corpo físico); o cômico de situação (reprodução de cenas da vida que denotam desvios de comportamento moral dos sujeitos que representam as instituições sociais); o cômico de palavras (organizado, predominantemente, em forma de jogo de palavras) e o cômico de caráter (relativo à fraqueza moral ou ao temperamento contundente dos personagens).

A rigidez que engatilha o riso persegue o objetivo do aperfeiçoamento da sociedade em três diferentes esferas, a física, a moral e a intelectual/cultural:

Toda *rigidez* do caráter, do espírito e mesmo do corpo será então suspeita para a sociedade, por ser o possível sinal de uma atividade adormecida e também de uma atividade que se isola, que tende a afastar-se do centro comum em torno do qual a sociedade gravita, de uma excentricidade enfim. E, no entanto, a sociedade não pode intervir nisso por meio de uma repressão material, pois ela não está sendo materialmente afetada. Ela está em presença de algo que a preocupa, mas somente como sintoma – apenas uma ameaça, no máximo um gesto. Será, portanto, com um simples gesto que ela responderá. O riso deve ser alguma coisa desse tipo, uma espécie de *gesto social*. Pelo medo que inspira, o riso reprime as excentricidades, mantém, constantemente, vigilantes e em contato recíproco certas atividades de ordem acessória que correriam o risco de isolar-se e adormecer; flexibiliza enfim tudo o que pode restar de rigidez mecânica na superfície do corpo social. (Bergson, 2004:14-5)

Por seu caráter social, o riso é uma espécie de castigo que a sociedade aplica aos que ameaçam deixá-la, aos que fogem da flexibilidade, marginalizando-se. Assim, o riso é um produto da cultura e, ainda, um comentário a ela, ou um “gesto social”, objetivando destacar o que há de automático e estereotipado no comportamento das pessoas, como bem definiu o filósofo. (op.cit:15)

Continuando suas reflexões, Bergson (2004:18-9) procura determinar o que torna uma fisionomia cômica. Depois de analisar alguns exemplos, conclui que “uma expressão risível do rosto será aquela que nos leve a pensar em algo rígido, congelado, por assim dizer, na mobilidade ordinária da fisionomia. Um cacoete consolidado, um esgar fixado” constitui a essência dos rostos e posturas corporais que evocam o riso, como se o rosto e o corpo estivessem imobilizados em uma careta permanente: “É um esgar único e definitivo. Parece que toda a vida moral da pessoa se cristalizou em tal sistema. Por isso é que um rosto é tanto mais cômico quanto mais nos sugere a idéia de alguma ação simples, mecânica, em que a personalidade estaria absorvida para todo o sempre.” E exemplifica: “Há rostos que parecem ocupados a chorar o tempo todo; outros, a rir ou a assobiar; outros a assoprar eternamente uma trombeta imaginária. São os mais cômicos de todos.”

“Automatismo, rigidez, vezo contraído e mantido: aí está por que uma fisionomia nos faz rir”, escreve Bergson (op.cit.:19). “Mas esse efeito ganha intensidade quando podemos vincular tais características a uma causa profunda, a uma certa *distração fundamental* da pessoa, como se a alma se tivesse deixado fascinar, hipnotizar, pela materialidade de uma ação simples.”

Nas páginas seguintes, o autor perseguirá essa causa profunda, cujo principal sintoma é uma tendência da forma a sobrepujar o fundo, e a descobrirá não só nas expressões, nas posturas e nos gestos, mas também nas formas de falar, nas deformações profissionais e em uma série de outras instâncias. Mais importante, examinando os personagens cômicos, ele vai salientar como esses automatismos não surgem isolados, mas formando um conjunto de comportamento, de modo que um personagem cujo humor nasce da rigidez com que se apega, por exemplo, aos trejeitos e jargões de sua profissão também terá um modo de falar igualmente cômico e estereotipado.

Para falar da comicidade de situações, Bergson utiliza-se do teatro, porque esse nos dá ao mesmo tempo a impressão de que a vida está sendo representada, mas de uma forma mecânica, já que não é o real. Ele ressalta, contudo que esse tipo de comicidade pertence ao mundo real por representar o cotidiano. O efeito cômico vai ser obtido no teatro por meio de

três técnicas, por assim dizer: repetição, inversão e interferência em séries. A repetição no teatro, por exemplo, será tanto mais cômica quanto mais representar o paradoxo de uma cena que, mesmo sendo extremamente complexa, é representada da forma mais natural possível. Na inversão, temos, digamos assim, uma troca dos papéis sociais, como se o mundo estivesse às avessas, tal qual uma cena que mostre um ladrão ser roubado, por exemplo. Na interferência de séries, será cômica a situação que pertencer simultaneamente “a duas séries de acontecimentos absolutamente independentes e pode ser interpretada ao mesmo tempo em dois sentidos diferentes”. (op.cit:71)

A comicidade pelas palavras é uma projeção da comicidade das situações; podemos obter a comicidade pelas palavras graças à inversão, à interferência ou à transposição. Explica o autor que uma “frase se tornará cômica se continuar tendo sentido depois de invertida, ou se exprimir indiferentemente dois sistemas de idéias de todo independentes, ou então se tiver sido obtida por transposição de uma idéia para um tom que não é o seu.”(op.cit.:89)

Para o filósofo a comicidade de caráter era seu alvo principal nas considerações sobre do cômico. Reafirmando a premissa básica de que o cômico é um fenômeno social, e o homem, como um ser essencialmente social, é o único que pode tanto ser alvo como criar o cômico, daí podermos dizer que no cômico estamos sempre falando sobre o homem. Nessa última forma de caracterização do cômico, Bergson (2004:100) reforça a tese que subjaz a tudo o que já foi dito: o cômico vai ser obtido quando houver a suspensão da vida, e o riso, quando houver a ausência da emoção.

Adiante ele descreve uma disposição de caráter idealmente cômica e mostra que construí-la é um trabalho árduo, mas que poderia ser encontrada facilmente disseminada na sociedade. Essa disposição é a vaidade:

Deverá ser profunda, para fornecer à comédia um alimento duradouro, mas também superficial, para permanecer no tom da comédia, invisível para quem a possui, pois a comicidade é inconsciente, visível para o restante do mundo a fim de provocar o riso universal, cheia de indulgência para consigo mesma a fim de ostentar-se sem escrúpulo, constrangedora para os outros a fim de que eles a reprimam sem piedade, corrigível imediatamente para que não seja inútil rir dela, segura de renascer sob novos aspectos para que o riso sempre tenha o que trabalhar, inseparável da vida social, ainda que insuportável para a sociedade, capaz enfim, para assumir a maior variedade imaginável de formas, de somar-se a todos os vícios e mesmo a algumas virtudes. Eis aí os elementos que devem ser fundidos. (Bergson, 2004:128)

O estudioso acredita que não há defeito maior do que a auto-admiração e a falta de modéstia, mas o riso estará presente para corrigir mais esse defeito do ser humano.

Bergson (2004:147) reconhece o caráter corretivo do riso, mas ao mesmo tempo considera-o injusto, pois como uma “doença castiga certos excessos, atingindo inocentes, poupando culpados, visando a um resultado geral sem poder fazer a cada caso individual o favor de examiná-lo separadamente.”

Nessas diferentes categorias motivadoras do cômico, tem-se a mesma configuração básica: a do ser ou evento vivo – um rosto, um gesto, uma cena, uma frase ou um caráter – que se deixa degradar em autômato (efeito de marionetes). O riso, fenômeno social, tem a tarefa de restituir à própria vida aquele que dela se separou, obrigando-o a reconciliar-se com suas leis representadas para o bem e para o mal, pelas normas da sociedade a que pertence o infrator.

## 2.2.2 A comicidade para Propp

Propp dedicou-se a um estudo do cômico reunindo e sistematizando exemplos literários, revistas humorísticas e satíricas, para criar uma teoria sobre a comicidade:

Para resolver o problema da comicidade não podemos nos limitar à obra dos clássicos e aos melhores exemplos do folclore. Foi necessário conhecer a produção corrente das revistas humorísticas e satíricas, incluindo-se os folhetins publicados em jornais. As revistas e a imprensa refletem a vida cotidiana, que, como a arte, está dentro do âmbito de nossa atenta pesquisa. Foi indispensável levar em consideração também o circo, o teatro de variedades, a comédia cinematográfica e as conversas ouvidas em diferentes lugares...”(Propp,1992:17)

Segundo o autor (op.cit.:32), cada povo construiria seu sentido próprio e específico de humor e de cômico, de acordo com o contexto em que se insere em determinado período da história. Assim, se o povo convive e reage de acordo com suas próprias normas, interiores e exteriores, desenvolvidas nas especificidades de sua cultura, tudo que não corresponde a essas normas será visto como cômico. Afirma, ainda, que no âmbito de cada cultura nacional diferentes camadas sociais possuirão um sentido diferente de humor e diferentes meios para expressá-lo.

Ele inicia seu estudo “examinando tudo aquilo que não pode ser objeto de riso” e, ao fazê-lo, dialoga com Bergson e aceita em parte a sua idéia de que o cômico é uma experiência eminentemente humana, pois, de um modo geral, “não existem florestas, campos, montanhas, mares ou flores, ervas, gramíneas etc. que sejam ridículos”. O estudioso acrescenta, todavia,

que “se arrancarmos um rábano e ele repentinamente nos lembrar com seu perfil um rosto humano, surge então a possibilidade de rir”. (Propp,1992:37-8)

À premissa aristotélica de que o riso é exclusivo do homem, o autor acrescenta que assim como a natureza pode ser cômica, também “o animal pode ser ridículo”, mas desde que vejamos neles algum arremedo de ações humanas. O estudioso explica que, por serem parecidos com os seres humanos, rimos deles porque “lembram os homens e seus movimentos”. (op. cit.:38)

Propp evidenciou a existência do riso em diversas situações às quais o homem poderia estar exposto. Exemplo disso são as variações em que o gracejo pode se manifestar. O filólogo cita o exemplo de um orador em cujo nariz uma mosca pousa – e é afastada – repetidas vezes, provocando um deslocamento da atenção do público. Ocorre o desvio da atenção do conteúdo do discurso do orador para as suas ações. Pela suas palavras: “A atenção se transfere de um fenômeno de ordem espiritual para um fenômeno de ordem física” proporcionando o humor. (op.cit.:42)

Propp afirma que o riso ocorre diante dos defeitos humanos, em especial, defeitos revelados de modo brusco e surpreendente. Para o autor, só é possível rir das falhas quando elas são mesquinhas, pequenas. Os grandes defeitos humanos seriam objetos exclusivos do drama, da tragédia. Para admitir o terrível no campo do cômico, Propp apela para a noção de grotesco. É tênue, em alguns casos, a diferença entre comédia e tragédia, pois há zonas de similitude entre esses dois gêneros.(op.cit.:44)

O riso manifesta-se na correlação entre a natureza física e a espiritual. Quando uma natureza prevalece sobre a outra, não ocorre o riso. Observemos como isso acontece com o exemplo proposto por Propp: “Um gordo que sofre com sua doença não é ridículo de modo algum.” A obesidade só será jocosa se for motivada pela gula, pela falta de atividades físicas, por exemplo. Para o estudioso a comicidade “não está nem na natureza física, nem na natureza espiritual do doente. Ela se encontra numa correlação das duas, onde a natureza física põe a nu os defeitos de natureza espiritual do doente.”(op.cit.:46)

Enxergar no riso uma arma moralizadora, era comum aos clássicos, a Bergson e é reiterada por Propp (1992:46): “O riso é uma arma de destruição: ele destrói a falsa autoridade daqueles que são submetidos ao escárnio.”

O riso para o estudioso acontece na descoberta dos defeitos exteriores, quando é percebido um sinal que contraria as regras morais e físicas, presentes nas desproporções, destruindo a falsa autoridade e a falsa grandeza daqueles que são submetidos ao escárnio:

Há normas de conduta social que se definem em oposição àquilo que se reconhece como inadmissível e inaceitável. Essas normas são diferentes para diferentes épocas, diferentes povos e ambientes sociais diversos. Toda coletividade, não só as sociais como o povo no todo, mas também coletividades menores ou pequenas- os habitantes de uma cidade de um lugarejo, de uma aldeia, até mesmo os alunos de uma classe- possuem algum código não escrito que abarca tanto os ideais morais como os exteriores e aos quais todos erguem espontaneamente, a transgressão de certos ideais coletivos ou normas de vida, ou seja, é percebida como defeito, e a descoberta dele, como também nos outros casos, suscita o riso. (Propp,1992:60)

Se a pessoa apresentada ou observada possui defeitos, a comicidade se instaura se esse defeito constitui elemento de manifestação dessa qualidade negativa da pessoa. Coloca em evidência o modo como os defeitos exteriores podem ser desmascarados.

### 2.2.3 O humor para Possenti

Desde Aristóteles, outra característica considerada distintiva do humor é o rebaixamento. "Nesse caso, o riso brota de alguém que é feio, faz ou diz bobagens, tropeça, cai – um político que rouba, um filósofo que propaga incongruências", explica Possenti (1998:26). Além do rebaixamento, é preciso haver algo de surpreendente. E à surpresa se acrescenta a genialidade, o talento que um indivíduo tem para forjar a relação surpreendente. "A própria operação gera um prazer estético no 'receptor' quando este acredita ter percebido o que o outro quis dizer", conclui o lingüista. (op.cit.:42)

Possenti apresenta com uma série de exemplos e análises, várias estratégias que poderão contribuir para a explicação do humor. Em seu estudo, o autor relata que a piada (ou o humor) socialmente é marcada pelos seguintes traços: i) as piadas incidem sobre temas socialmente controversos; ii) as piadas operam com estereótipos; iii) as piadas veiculam um discurso proibido.

### 2.3 Aspectos sociais do humor

Pela revisão da literatura, observamos que os estudos sobre o humor recaem sobre três teses amplamente reiteradas: a primeira que o humor é próprio do homem, a segunda que o humor acontece quando escarnecemos do Outro e a terceira que o humor seria próprio da sociedade. Enumerando essas três teses, pudemos considerar uma característica que talvez englobe a todas elas e que, a nosso ver, é a que menos poderia ser contestada: *o humor é um fenômeno social*.

Assim, o estudo do humor e de suas manifestações impõe, como uma de suas premissas básicas, a observação paralela de hábitos e valores culturais, o que explicaria o *regionalismo* dos atos de humor centrados em estereótipos associados ao português ignorante (Brasil), ao francês traiçoeiro (Inglaterra) ou ao inglês apático (França), para ficarmos em poucos exemplos. Estudar o humor, sob esse ponto de vista, torna-se uma maneira eficaz de estudar também hábitos sociais, macro-idéias e concepções de mundo compartilhadas por uma determinada sociedade. (Travaglia, 1990:59)

A percepção de que o riso é libertador vem de Freud (1905), um dos precursores do estudo do humor. Segundo o autor, o cômico é um ataque a uma repressão física ou mental ao indivíduo ridente. A abordagem psicológica do humor também enxerga sua manifestação como forma de exprimir o socialmente inexprimível (tabus como os que envolvem sexualidade e violência, por exemplo).

Gay (1923:372) corrobora com essa idéia com a seguinte afirmação:

Não há dúvida de que o trabalho psicológico feito pelo espírito e pelo humor é fortemente sobredeterminado. Ele pode controlar ou saudar um súbito alívio de tensão. Pode expressar ansiedade ou aliviá-la; as piadas de bravatas são, para o medo físico ou a inquietude social, como assobiar quando se passa por um túmulo. O humor pode servir como salutar ato de regressão – agradáveis férias de responsabilidade sisuda, um afastar-se temporariamente da seriedade que circunscreve o superego punitivo que os seres humanos carregam consigo. Mais ainda: significativamente, o humor pode ser uma ardilosa afirmação de dignidade ou uma peça de autocrítica feroz - agressão verbal dirigida para fora ou para dentro.

Propp (1992:40) enfatiza, com seus estudos indutivos com base em obras humorísticas da literatura russa, a natureza dialética do riso. De acordo com o autor, “para rir é preciso saber ver o ridículo; em outros casos é preciso atribuir às ações algum valor moral (a comicidade da avareza, da covardia, etc.)”. Esses valores morais seriam atribuídos

diferentemente segundo cada cultura. Ressalvado isso, o autor demonstra concordar com a parte central da teoria bergsoniana, segundo a qual o riso nasce da súbita descoberta de um defeito moral (de caráter), físico ou intelectual – posto em outras palavras, a rigidez como denúncia da inadequação social.

A apreensão de que o humor é antes de tudo social, é reiterada pelas diversas teorias que com ele se preocupam:

O humor é divertido e sério ao mesmo tempo: é uma qualidade vital da condição humana. O que o torna fascinante e relevante para antropólogos e historiadores é o fato de fornecer pistas para o que é realmente importante na sociedade e na cultura. O humor quase sempre reflete as percepções culturais mais profundas e nos oferece um instrumento poderoso para a compreensão dos modos de pensar e sentir moldados pela cultura. (Driessen, 2000: 251)

Sobre a inserção sócio-cultural do cômico, diz Le Goff (2000:65) que

o riso é um fenômeno cultural. De acordo com a sociedade e a época, as atitudes em relação ao riso, a maneira como é praticado, seus alvos e suas formas não são constantes, mas mutáveis. O riso é um fenômeno social. Ele exige pelo menos duas ou três pessoas, reais ou imaginárias: uma que provoca o riso, uma que ri e outra de quem se ri, e também, muitas vezes, da pessoa ou das pessoas com quem se ri. É uma prática social com seus próprios códigos, seus rituais, seus atores e seu palco.

Completando o caráter do riso sob o ponto de vista cultural, Gay (1993: 372) explica que a suas variedades são grandes, mas que

suas formas são previsíveis, pelo menos em parte, como expressões características de mentalidades individuais, hábitos de classe e estilos culturais. O que é engraçado para uma pessoa, uma época ou uma nação pode parecer apenas grosseiro ou ofensivo para outra. Assim como cada cultura, ao que parece, tem sua neurose favorita, tem também seus impulsos favoritos de achar graça.

O humor garante forças a quem o exercita, permite revirar o mundo alheio, ele castiga os adversários.

Para Travaglia (1990:55), o humor também tem seu caráter social, pois seu maior objetivo não é “fazer rir”, mas sim, desequilibrar uma situação - levar ao agradável ou ao conflito -, o que justifica sua necessidade de presença em situações não esperadas:

Ele [humor] é uma espécie de arma de denúncia, de instrumento de manutenção do equilíbrio social e psicológico; uma forma de revelar e de flagrar outras possibilidades de visão do mundo e das realidades naturais ou culturais que nos cercam e, assim, de desmontar falsos equilíbrios.

Em outro momento, referindo-se ao humorista Ziraldo, argumenta que uma posição de espírito

é o que faz com que o humor seja visto por quase todos os estudiosos, como um recurso, um meio, um caminho, um instrumento, uma arma usada em todas as sociedades para descobrir (através da análise crítica do homem e da vida) e revelar verdades escondidas e falsificadas, permitindo uma visão especial da vida, uma nova visão do mundo pela transposição de conceitos, uma ampliação dos contatos com nossas realidades. O humor seria o senso das proporções e da verdade escondida. A alegria da descoberta revelada de forma não-convencional, sinuosa, intuitiva é que geraria o compromisso do humor com o riso. (...) diante do humor podemos ter sempre a reação de falar:— Ué! não é que é isso mesmo. (op.cit.:66)

A representação humorística mostra ser capaz de libertar o pensamento, de “desmascarar o real, de captar o indizível, de surpreender o engano ilusório dos gestos estáveis e de recolher, enfim, as rebarbas das temporalidades que a história, no seu constructo racional, foi deixando para trás.” (Saliba, 2002:29)

De acordo com Propp (1992), os caracteres cômicos não existem por si só, eles têm relação com as atividades do homem no mundo social. Dessa forma, quando estamos rindo de um macaco em um zoológico, na verdade, não rimos do próprio animal, mas dos gestos que correspondem a determinados significados na coletividade humana.

Bremmer e Roodenburg (2000:15) também confirmam que o humor é um fenômeno determinado por características sociais:

O riso pode ser ameaçador e, realmente, os etologistas afirmavam que o riso começava numa exibição agressiva dos dentes. Por outro lado, o humor e o riso também podem ser muito libertadores. Todos nós sabemos como uma pitada inesperada de humor é capaz de desfazer um clima tenso num instante. Em um contexto mais amplo, o carnaval e as festividades análogas podem corromper temporariamente as regras sociais rígidas a que todos nós obedecemos, embora, freqüentemente, com humor de baixo nível, em vez de alto.

## 2.4 O humor político

O uso do humor *contra* a política é um fenômeno antigo, cujas manifestações afloram desde a comédia medieval e mesmo antes, na Antigüidade. Mas o contrário, o uso do cômico *pela* política, é moderno e atingiu o paroxismo no século XX. No período, conta Minois (2003), o próprio constrangimento de aparecer diante de público e mídia rindo e fazendo rir foi extinto, o que superinflationou a oferta de chistes entre os homens públicos. Mais do que isso, a comédia tornou-se vantajosa, capaz de atrair dividendos eleitorais. O humor configura-se, pois, como uma virtude tão imprescindível como a honestidade ou a compaixão – ou até mais desejável do que essa. Torna-se, no dizer do autor, *atributo indispensável* e, ao mesmo tempo, característica em extinção:

O riso está em perigo, vítima de seu sucesso. Embora ele se estampe por toda a parte, da publicidade à medicina, da política-espetáculo às emissões de variedades, dos boletins meteorológicos à imprensa cotidiana, a grande ameaça universal deste início do século XXI paira sobre ele: a comercialização. O riso, como a carne de vaca, é um produto de consumo, *doublé* de um produto milagroso cujo valor mercantil é inestimável. Já registrado e etiquetado, impresso, filmado, ele é vendido no mundo inteiro; profissionais asseguram sua promoção, a difusão e até o serviço, depois da venda, para as pessoas hipócritas. Ao mesmo tempo produto e argumento de venda, torna-se um atributo indispensável do homem moderno, quase tão útil quanto o telefone móvel. (Minois, 2003:593)

No longo percurso de crítica ferina a instrumento de manutenção do *status quo* ao longo da história da comicidade, a democracia moderna entendeu que “um poder que não aceita a zombaria é um poder ameaçado, desprezado, voltado a desaparecer. Só se zomba daquilo que ainda inspira algum respeito; o cúmulo do desprezo é a indiferença.” (op.cit.:2003:596)

De acordo com Raskin (1985:222), o humor político tanto pode se dirigir a líderes, partidos e instituições políticas como pode atingir todas as idéias políticas de uma sociedade. Ressalta que o humor político trabalha com a oposição entre o que um político deve fazer ou como deve agir e o que, de fato, ele faz. É o que o autor denomina de *script* do correto e do impróprio que todo político carrega consigo. Com esse pensamento, a alusão a um fato particular negativo que envolve o político, conduzirá o leitor ao riso.

O estudioso explica que o humor político é deflagrado ao se desmascarar ou denunciar fatos que envolvem um regime político ou uma figura política. Pode-se, ainda, denegrir suas imagens, mostrando por meio dos acontecimentos a oposição bom/mau de suas ações ou posições ideológicas, por exemplo.

Para Possenti (2000:109-10) “ao lado do inesgotável tópicos do humor de caráter sexual, o político é provavelmente um dos campos mais produtivos”. Segundo ele, as piadas políticas são próprias de uma época, pois exploram um determinado período político ou evidenciam as ações de algum político. Isso nos leva a refletir que o humor político depende do contexto, principalmente porque uma das estratégias desse tipo de humor é aludir a determinados fatos, a certas características de um político.

O autor explica que há piadas que criticam determinada concepção política e que podem revelar os políticos considerados mentirosos, presunçosos, estúpidos e corruptos. Esses textos, costumam estereotipá-los e representá-los como se dissimulassem, distorcessem ou omitissem alguns aspectos da verdade. Dessa forma, as características dos políticos facilmente transformam-se em objeto de humor.

Ilustrando a categoria do político estúpido, cita em seus estudos a piada em que Felipe Gonzáles confunde o nome de Plácido Domingo como sendo o dia da semana (domingo). (op.cit.:112-5)

Afirma, ainda, que o humor apresenta um caráter crítico mais contundente quando referir-se à política:

Correntemente, julga-se que o discurso humorístico é sempre crítico. O conhecido *Castigat ridendo mores* parece valer como argumento indiscutível. Sabemos, no entanto, que, muito freqüentemente, os chistes são formas de veicular discursos conservadores, ou mesmo reacionários. Os campos da sexualidade e do racismo fornecem os exemplos mais óbvios. Mas, se o humor não é sempre crítico, certamente o é o humor político – pelo menos, na maior parte de suas manifestações. (op.cit., 2000:109)

Outro aspecto comentado pelo estudioso sobre o discurso do humor político é o da interdiscursividade em que ele se mistura com outros discursos, incluindo tópicos característicos dos chistes obscenos, constituindo um intensificador da comicidade. (op.cit.: 114-5)

Confortin (1999:83) coloca ênfase no papel político do humor da imprensa escrita por entender que "essas formas de humor [cartuns, charges e quadrinhos] impõem-se, política e estruturalmente, no campo das especulações gráficas, não como uma nova arte, nem como uma nova linguagem, mas como uma nova opção formal na luta por uma nova cultura e uma nova visão de mundo" (op.cit.:87) - o que implica a linguagem de humor ser usada para denunciar, criticar, desabafar e disseminar idéias.

### CAPÍTULO 3: ASPECTOS DISCURSIVOS E LINGÜÍSTICOS DO HUMOR

O humor pode ser analisado tanto por seus aspectos lingüísticos como também pelos fatos e discursos que circulam na nossa sociedade.

De acordo com Fairclough (2001:90), o discurso é "a linguagem como forma de prática social". Ao incorporar o conceito de ideologia ao estudo da linguagem, a análise do discurso abre novas frentes de investigação dos fenômenos lingüísticos.

O discurso é uma prática, uma forma de agir sobre o mundo, sobre o Outro, ao mesmo tempo em que somos também interpelados por ele. Ter essa concepção de discurso implica no dizer de Fairclough admitir que

o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado. (op.cit.:91)

Assim, a análise do discurso avança como uma teoria transdisciplinar que, apoiada em fundamentos da linguagem, busca a compreensão da realidade social. Fairclough aposta na contribuição de outros campos do conhecimento, visto que as construções teóricas do discurso podem advir de várias disciplinas.

O processo discursivo, segundo Fairclough (2001:95), constitui-se em três dimensões, que são o texto, a prática discursiva – incluindo aqui, a produção, a distribuição e o consumo – e a prática social. Analisar um discurso, portanto, seria esquadrihá-lo por meio dessas três dimensões: a descrição do texto, a interpretação e a explicação da prática social. O trabalho do analista é investigar o discurso com base na interligação dessas dimensões do processo.

Esta pesquisa alinha-se com a perspectiva expressa por Fairclough, porque se propõe a encetar uma análise lingüística propriamente dita como suporte de uma análise do processo discursivo. Valoriza-se, portanto, uma especificidade lingüística nessa visão do discurso:

De uma maneira geral, o discurso diz respeito à própria materialização do texto e é o texto em seu funcionamento sócio-histórico; pode-se dizer que o discurso é muito mais o resultado de um ato de enunciação do que uma configuração morfológica de encadeamentos de elementos lingüísticos, embora ele se dê na manifestação lingüística. É uma materialidade de sentido. De certo modo a opacidade histórica e lingüística do texto é explicada por uma teoria do discurso, da língua, do inconsciente e da ideologia, articulados sistematicamente. (Marcuschi, 2002:4)

Ao escolher a mídia impressa para analisar o discurso político, tem-se em vista que o meio não é neutro e determina, em grande parte, a forma e o conteúdo daquilo que se diz (e do que não se diz) a respeito do assunto. Para Maingueneau (2002:71-2), o mídiun não é apenas o transmissor de um texto, na medida em que ele “imprime um certo aspecto a seus conteúdos e comanda os usos que dele podemos fazer. O mídiun não é um simples ‘meio’, um instrumento para transportar uma mensagem estável: uma mudança importante do mídiun modifica o *conjunto de um gênero de discurso*.”

Travaglia explicita que uma das questões a serem colocadas nos trabalhos sobre humor é “O que é engraçado?”. Assumindo uma postura discursiva do fenômeno, poderíamos ir mais longe: O que é engraçado nesta situação? Tal mudança não representa apenas um simples acréscimo de palavras, mas representa a visão do humor como discurso e, como tal, inserido em uma sociedade e muito mais dependente das situações de produção, sujeitos, contextos, do que de propriedades lingüísticas particulares. O humor encontra-se, dessa forma, no mundo da argumentação e busca desvendar a verdade:

Assim, por exemplo, as formações discursivas da Análise do Discurso podem ajudar a explicar através do plano histórico-social certos fatos do humor ético tais como o estabelecimento cômico de certos pré-juízos ou preconceitos, como aqueles circulantes no Brasil sobre algumas etnias. (op.cit,1990:62)

O lingüista ressalta em seus estudos a existência de duas possibilidades básicas na relação entre Lingüística e humor: (i) o objeto de estudo é a língua e não o humor, (ii) o objeto de estudo é o humor e não a língua. Num e noutro caso, um é subsídio do outro. (Travaglia, 1995:42)

Na construção do discurso do humor, Possenti (2000:20), chama a atenção para o fato de que só há piadas sobre temas absolutamente controversos. E nenhum assunto é mais controverso do que a política. Principalmente quando o momento político retratado interfere de maneira abrupta na vida das pessoas.

Outro aspecto importante destacado por Possenti (op.cit.:26) é que a piada funciona como o “veículo de um discurso proibido, subterrâneo, não oficial”. Em uma época de grandes incertezas políticas, como o período ditatorial, as crônicas de Stanislaw Ponte Preta (Sérgio Porto), por exemplo, publicadas no jornal *Última Hora*, na década de 60, representam o canal que permite a sondagem mais crítica de um tema polêmico e que não favorecem muita abertura para ser discutido.

O lingüista assevera que as piadas podem veicular também discursos não esclarecidos:

As pessoas casam por interesse (e não por amor), os governantes são ridículos (e não competentes e dedicados), os professores são incompetentes (e não dedicados e sábios), os padres e as freiras violam seus votos (ao invés de lutarem para mantê-los), as línguas são cheias de ambigüidades (e não códigos que servem para a comunicação eficiente e a expressão clara do pensamento) etc. (Possenti,2000:26)

Quando Henri Bergson propôs sua teoria, tomando como base o automatismo ou enrijecimento presente nos personagens representados na comédia, na farsa e na arte do bufão, orientava-se simultaneamente para uma definição do cômico e seus processos de produção e para a descoberta da intenção social do riso. Entretanto, não dedicou à linguagem como produtora de comicidade senão uma análise relativamente breve, na qual, inclusive, atribui-lhe papel secundário. A comicidade da linguagem deve corresponder, ponto por ponto, à comicidade das ações e das situações e ela não passa da projeção delas no plano das palavras. (Bergson 2004: 76-82).

Para o filósofo as mesmas leis que caracterizam o cômico de ações e de situações circunscrevem o cômico das palavras. Assim, o mecânico sobreposto ao vivo, ou seja, a rigidez, que é a sua lei fundamental para que o humor ocorra, também pode estar presente na linguagem. O pronunciamento automático de uma frase, a repetição de frases feitas e estereotipadas é motivadora para criar um personagem risível, por exemplo.

Outro referencial para melhor compreensão de tal temática, encontramos no pensador Vladímir Propp, que procurou retratar o cômico a partir de uma análise da literatura e do folclore russos, preocupando-se, assim, com aspectos lingüísticos da comicidade e do próprio riso com suas formas de exteriorização de significados.

Ao tratar das causas que suscitam o riso, o estudioso identificou os instrumentos do discurso humorístico encontrados na língua. Ele afirma que a língua em si não é cômica. Porém quando a língua reflete defeitos do raciocínio de quem fala, será cômica. Diz que ela “constitui um arsenal muito rico de instrumentos de comicidade e zombaria”(Propp, 1992:119).

Possenti também investiga os mecanismos de produção do humor no campo da linguagem e afirma que o cômico do enunciado é a organização lingüística, o processo e os meios de construção do texto. Assim, é o aspecto lingüístico que irá ditar o tom jocoso ou sério do texto, como explica o lingüista na seguinte passagem:

Então eu pude lhe dizer que certamente ele tinha entendido em que consistia meu trabalho, isto é, o que eu gostaria de fazer analisando piadas: descrever as chaves

lingüísticas que são o meio que desencadeia nosso riso. Porque, como sabiamente Freud já assinalou, o chiste consiste fundamentalmente numa certa técnica, na forma, e não no conteúdo ou num sentido. (Possenti, 2000:17)

Além dessas características, o lingüista aponta outros fatores que são relevantes para que as piadas ou o humor se tornem objeto de análise dos lingüistas: exploram os campos da fonologia, morfologia, sintaxe e variação lingüística.

O objetivo de Possenti (2000) ao trabalhar com as piadas, mostrando que são dados privilegiados para a lingüística, é provar que elas mostram claramente que as línguas não são estruturas acabadas, isto é, não é verdade que nelas tudo é opositivo e distintivo; pelo contrário, seu funcionamento exige uma contínua inter-relação entre fatores de ordem gramatical e fatores de ordem cultural, ideológica, cognitiva e etc.

No conjunto dos elementos levantados por Possenti, um aspecto desperta a atenção: o problema da ambigüidade como função do humor. O autor ressalta que a questão de utilizar o material lingüístico – a palavra – para aguçar o riso, no humor, é bastante sofisticada e diz ainda que o humor pode, também ser gerado pela dupla interpretação de uma seqüência. Essa seqüência não precisa ser necessariamente ambígua e às vezes essa ambigüidade será pragmática, ou seja, depende do contexto que acionamos para interpretá-la. Outro fator que gera o humor tem base na ignorância de uma palavra da qual o personagem envolvido deveria ter conhecimento, mas demonstra em sua fala não ter. Não há uma sintonia entre o conhecimento apresentado e o esperado para a situação, e esta falta de conhecimento compartilhado constitui o humor. (op.cit.:80-1)

Possenti (op.cit.:20-1) afirma que não existe uma "lingüística do humor". Para isso, ele aponta três razões:

- a) não há uma lingüística que tenha tomado por base textos humorísticos para tentar descobrir o que faz com que um texto seja humorístico, do ponto de vista dos ingredientes lingüísticos;
- b) no caso de se concluir que o humor não tem origem lingüística, que ele não é da ordem da língua, não há uma lingüística que explicita ou organize os ingredientes lingüísticos que são acionados para que o humor se produza;
- c) não há uma lingüística que se ocupe de decidir se os mecanismos explorados para a função humorística têm exclusivamente essa função ou se trata do agenciamento circunstancial de um conjunto de fatores, cada um deles podendo ser responsável pela produção de outro tipo de efeito em outras circunstâncias ou em outros gêneros textuais.

Para Possenti (2000:22- 3), a preocupação da lingüística deve ser a de perceber os efeitos do humor e explicar como eles se realizam verbalmente. Cabe, dessa maneira, à teoria lingüística “ a descrição dos gatilhos e das razões que fazem um texto ser compatível com mais de um *script*”.

Na verdade, Possenti baseia seu estudo nas teorias de Raskin que em 1985 propõe a teoria semântica do humor. Suas investigações foram um marco na área da lingüística.

Raskin, em relação aos estudos do cômico,

lamenta que a lingüística dedicada ao humor continue sendo a velha lingüística da palavra, agora que se tem até uma lingüística do discurso, apta a explicar muito melhor numerosos chistes, em especial os que se sustentam em pressuposições, inferências, implicaturas, estratégias conversacionais etc. Não lhe falta razão ao criticar a pouca mobilização da lingüística na análise de textos humorísticos. No entanto, há vários tipos de chistes baseados em palavras, e não apenas em ambigüidade ou em associações possibilitadas por pequenas diferenças no material verbal. (Raskin, apud Possenti 2000:80).

O estudioso salienta que seu trabalho consiste numa abordagem ao humor verbal e que “no humor verbal o estímulo é sempre um texto”<sup>24</sup> (Raskin, 1985:6). Formula uma primeira equação, digamos assim, que deixa mais ou menos clara a perspectiva teórica com que trabalha: uma semântica que não dispensa informações de ordem social e psicológica. Vejamos como se equaciona sua teoria:

$$HU ( F, O, E, Ex, P, S, So )= X$$

Identificando cada elemento participante da equação que promove uma realização bem sucedida num texto de humor, temos: HU como sendo o humor, F, o falante, O, o ouvinte, E, o estímulo, Ex, a experiência, P, o psicológico, S, a situação, So, o social; que resultaria no enunciado característico do humor ( X )<sup>25</sup> (Raskin, 1985:6).

Seu raciocínio mostra que para efeito humorístico, o texto precisa apresentar vários níveis de informação: as experiências do falante e do ouvinte, a situação que os envolve, o estímulo para o jocoso e as questões sociais e psicológicas que rodeiam o ato comunicativo. Se um desses quesitos estiver em discrepância, o ato de humor não será bem sucedido.

---

<sup>24</sup> ...in verbal humor, the stimulus is always a text.

<sup>25</sup> HU ( S, H, ST, Eh, Ph, SI, SOh )= X

Os estudos de Raskin concebem o humor como um ato comunicativo cujos participantes têm uma relevância significativa. Diferentemente de outras situações comunicativas, num contexto jocoso tanto o falante quanto o ouvinte estão empenhados no modo de comunicação humorístico, ou seja, quando o primeiro procede deliberadamente à produção, ou transmissão, de um texto risível, o segundo está receptivo a esse enunciado. (op.cit.:103).

O discurso humorístico não é simplesmente a negação da comunicação dita séria: apresenta, ao contrário, um princípio de cooperação dos envolvidos no ato comunicativo.

O princípio da cooperação a que Raskin faz referência foi desenvolvido por Grice e consiste no seguinte: “Faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado” (Grice,1982:86).

Grice explica que, em nossos diálogos, não falamos coisas desconectadas, pelo contrário, fazemos esforços cooperativos para entendermos e nos fazermos entendidos na conversação, que envolve propósitos comuns entre os participantes.

Para ser cooperativo, o falante, então, deve seguir quatro regras básicas, chamadas por Grice de máximas ( quantidade, qualidade, relação e modo ). A obediência a essas regras seria a garantia de que o falante está sendo cooperativo. Porém, o falante pode, deliberadamente, violar uma das máximas e ainda assim ser cooperativo, pois ele se utiliza das máximas como um recurso para transmitir algo que está além do que é convencional. Nesse caso, são geradas implicaturas na conversação, exigindo inferências do ouvinte para deduzir a intenção do falante. Quando isso ocorre, são comunicadas muito mais informações do que está dito, exigindo mais esforço do ouvinte. A violação de uma das máximas é um recurso de construção do humor.

Os estudos de Raskin (1985:51-8) descrevem também a competência humorística do falante nativo, ou seja, assim como um falante nativo sabe usar seu conhecimento sintático intuitivo para avaliar as questões gramaticais da frase, ele saberá se um texto pertence ou não ao conjunto de textos humorísticos.<sup>26</sup>

O autor toma como fundamental o efeito do contexto na interpretação do texto (op.cit.:63) e baseia-se na noção de *script*. Nas palavras do autor “o *script* é um grande pilar de informações semânticas que rodeiam ou evocam a palavra”(op. cit.:81).<sup>27</sup>

---

<sup>26</sup> (...) to distinguish a joke from a non-joke.

<sup>27</sup> (...) the *script* is a large chunk of semantic information surrounding the word or evoked it (...)

Segue suas explicações pressupondo o texto humorístico como composto por dois *scripts* que, apesar de necessariamente distintos e opostos, são compatíveis. O *script* ou roteiro define-se como um feixe de informações sobre um determinado assunto ou situação, como rotinas consagradas e modos difundidos de realizar atividades, consistindo numa estrutura cognitiva internalizada pelo falante que lhe permite saber como o mundo se organiza e funciona. Tais informações apresentam-se em seqüências tipicamente estereotipadas, predeterminadas, e, como tais, além de serem objetos cognitivos, os *scripts* estão intimamente relacionados a itens lexicais e podem ser por eles evocados.

Apesar de estabelecer uma distinção entre os *scripts* dependentes de informação puramente lingüística (conhecimento lexical) e aqueles que dependem de informação enciclopédica (conhecimento de mundo), apresenta-os indistintamente como ligados por elos de natureza semântica, formando redes. A partir daí, propõe que um texto pode ser caracterizado como humorístico se, como já foi dito, for compatível, integral ou parcialmente, com dois *scripts* que se oponham em um sentido especial, como por exemplo: real/não-real, bom/mau, não-sexual/sexual etc.

A noção de *script* é fundamental para a compreensão da teoria do humor desenvolvida por Raskin. De acordo com Attardo (1994:198), define-se *script* como

uma porção organizada de informação a respeito de alguma coisa ( no sentido mais amplo ). É uma estrutura cognitiva internalizada pelo falante, que lhe proporciona informação sobre como as coisas são feitas, organizadas, etc.<sup>28</sup>

Numa certa situação discursiva, a ativação de um *script*, evocado por uma palavra ou conjunto de palavras, permite facilmente fazer inferências e estabelecer ligações de modo a reconstruir o sentido pretendido pelo locutor.

Raskin, na tentativa de estabelecer uma teoria semântica baseada em *scripts* para estudar o humor, define-o como um ato de comunicação *non-bona-fide*; isto é, a função do humor não seria, necessariamente, a de fornecer informação, mas principalmente brincar, inverter, “transgredir” as normas lingüisticamente, pragmaticamente e socialmente estabelecidas

---

<sup>28</sup> an organized chunk of information about something (in the broadest sense). It is a cognitive structure internalized by the speaker which provides the speaker with information on how things are done, organized, etc.

Suas investigações preconizam um conjunto de condições ditas “necessárias e suficientes”<sup>29</sup> (op.cit.: 99) que a estrutura semântica de um texto deve satisfazer para ser caracterizado como humorístico:

Um texto pode ser caracterizado como carregado de humor se duas condições são preenchidas.

- (i) O texto é compatível em parte ou na totalidade, com dois *scripts* diferentes
- (ii) Os dois scripts com quais o texto é compatível são opostos. (op.cit.:99)<sup>30</sup>

A sobreposição de *scripts* é importante nessa teoria. Isto configura-se da seguinte maneira: na combinação dos *scripts* presentes em um enunciado humorístico é possível observar que uma parte do texto é compatível, no todo ou em parte, com mais de uma possibilidade de leitura. O efeito chistoso acontece com a mudança de um *script* para outro, por meio de um “gatilho”<sup>31</sup>, um elemento que obriga a um redirecionamento da interpretação do enunciado (op.cit.:114-7). Este operador toma normalmente uma das duas formas: ambigüidade ou contradição.

Em relação à ambigüidade, Raskin faz referência a três tipos: a lexical (onde estariam presentes a homonímia e a polissemia), a sintática e a fonética.

Seguindo a teoria da cooperação em conjunto com a teoria dos *scripts*, temos a caracterização de um ato humorístico de sucesso.

### 3.1 Mecanismos<sup>32</sup> lingüístico-discursivos de produção do humor

Com base nos estudos de Bergson, Propp, Travaglia e Possenti, faremos um levantamento dos mecanismos lingüístico-discursivos para a construção do humor.

---

<sup>29</sup> (...) is proposed as the necessary and sufficient conditions for a text to be funny.

<sup>30</sup> A text can be characterized as a single-joke-carrying text if both of the conditions in are satisfied.

- (i) The text is compatible, fully or in part, with two different scripts
- (ii) The two scripts with which the text is compatible are opposite(...)

<sup>31</sup> Raskin chamou de *script-switch trigger*

<sup>32</sup> Vale ressaltar o cuidado com o uso do vocábulo “mecanismo”, porque pode sugerir algo mecânico, uma “receita” para o acontecimento do humor. O termo deve ser visto, então, como a tentativa de delimitar os processos lingüístico e discursivo escolhidos pelo autor e utilizados no texto que são determinantes para que o sentido humorístico seja deflagrado.

Salientamos que os instrumentos da língua motivadores do humor, propostos por Raskin, já foram esclarecidos dentro desse capítulo, portanto acreditamos ser desnecessário retomá-los.

### 3.1.1 Bergson

Segundo Bergson (2004), as estratégias discursivas mais empregadas na construção do cômico são:

1. a repetição de situações, de comportamentos, de atitudes e de palavras, ou seja, uma combinação de circunstâncias que volta tal e qual várias vezes, interrompendo o percurso natural da vida;
2. a referenciação ou a alusão ao que não é do conhecimento de todos;
3. a reversibilidade, isto é, a inversão de papéis, de situações;
4. a ruptura com as expectativas sociais gerando a transgressão de gêneros, de convenções, a falta de jeito, a inflexibilidade;
5. a ironia deflagrada pela oposição na apresentação do que é no lugar daquilo que deveria ser;
6. o exagero na imitação dos personagens, das situações, criando a caricatura e a paródia;
7. a exibição da casualidade, dos revezes da sorte, das incoerências inerentes à vida;
8. o quiproquó, ou seja, a superposição e interferência de duas ordens de fatos, de dois planos de realidade que permitem interpretações diversas
9. a exibição do grotesco, do simplório, do grosseiro.

Nessas situações, o que de fato ocorre, segundo Bergson, é a presença constante de um mesmo objeto: dá-se “aquilo que chamamos de uma mecanização da vida”.

### 3.1.2 Propp

Propp cita alguns recursos lingüísticos provocadores de riso. Isto pode estar configurado para o ser humano por meio de uma relação entre exagero e obviedade; semelhança e diferença; na imitação pela paródia; no homem com aparência de animal ou de objeto e, ordinariamente, na zombaria-sátira entre sujeitos.

Entre esses recursos, destacam-se:

### 1. trocadilho

Propp explica que o trocadilho ou jogo de palavras ou *calembur* emprega palavras semelhantes no aspecto fônico, mas diferentes no sentido. O riso será suscitado quando o sentido entendido pelo interlocutor é derrubado por outro mais consistente:

Além de brincadeira inocente e bem-humorada, o calembur pode tornar-se uma arma afiada e extremamente eficiente. Como outros aspectos do uso de zombaria, ele é capaz de “podar” uma pessoa. Se for dirigido contra algo que não merece o escárnio, ele é deslocado e adquire um caráter ofensivo. Por este motivo, alguns teóricos e estudiosos têm visto o calembur como algo negativo e mesmo depreciativo. Assim, o filósofo Kuno Fischer diz que ao calembur “falta o órgão do respeito”. Hecker acha que o calembur carece da participação no sentido moral. Mesmo Goethe afirma em seus aforismos: “Ser espirituoso não é absolutamente uma arte se não sentes respeito por coisa alguma”.

O calembur, conforme indicam os materiais que reunimos, não pode ser, entretanto, nem moral nem imoral em si mesmo: tudo depende do modo como ele é empregado, do alvo que ele visa. O calembur dirigido contra os aspectos negativos da vida torna-se uma arma de sátira afiada e precisa. (Propp, 1992:122-123)

### 2. paradoxo

O paradoxo, segundo Propp, aproxima-se do trocadilho e é construído na contradição entre sujeito e predicado ou numa estrutura em que a definição contradiz o que deveria ser definido.

### 3. exagero

O cômico explora o exagero para explicitar o ridículo expresso na figura humana. Assumindo essa perspectiva, Propp afirma que existem três formas de exagero que produzem o efeito cômico: a *caricatura*, a *hipérbole* e o *grotesco*.

- (i) A *caricatura* teria a função de captar a falha imperceptível e ressaltar um pormenor que demarca um alvo de crítica. Entretanto, alguns pontos positivos sobre a imagem construída são resguardados.
- (ii) b) A *hipérbole* é uma variedade da caricatura que ressalta exageradamente os aspectos negativos, não aproveitando nenhum aspecto positivo. Ela pode ser tanto heroizante como depreciativa. Geralmente, ela é utilizada como pilhéria com objetivos satíricos.

- (iii) c) O *grotesco* consiste na forma mais extremada de exagero; ele aumenta o alvo do relato em uma proporção monstruosa. O grotesco explora construções artificiais e fantásticas, ocultando os princípios espirituais para produzir o distanciamento da realidade imediata. Tal elaboração é a forma preferida de comicidade manifestada pela cultura popular.

#### 4. sátira – zombaria

Num primeiro momento Propp (1992:28) revela que um dos tipos mais comuns de riso é o ‘*riso de zombaria*’:

Entre todos os possíveis aspectos do riso nós escolheremos apenas um, para começar. E este será o riso de zombaria. Justamente este e, conforme foi visto, apenas este aspecto do riso está permanentemente ligado à esfera do cômico. Basta notar, por exemplo, que todo o vasto campo da sátira baseia-se no riso de zombaria. E é exatamente este tipo de riso o que mais se encontra na vida.

#### 5. caricatura

Propp (1992: 88-9) também a destaca como um recurso da comicidade:

Toma-se um pormenor, um detalhe; esse detalhe é exagerado de modo a atrair para si uma atenção exclusiva, enquanto todas as demais características de quem ou daquilo que é submetido à caracterização a partir desse momento são canceladas e deixam de existir. A caricatura de fenômenos de ordem física ( um nariz grande, uma barriga avantajada, a calvície ) não se diferencia em nada da caricatura de fenômenos de ordem espiritual, da caricatura dos caracteres.

Ela é facilmente observada na atualidade ao nos depararmos com a seção de charges em um jornal impresso. Geralmente, personagens políticos são alvos fáceis de tal comicidade. As formas de suas faces são representadas no desenho, muitas vezes, com deformidades, ressaltando detalhes exagerados e revelando, assim, um defeito oculto ou mesmo já conhecido pela maioria da população.

#### 3.1.3 Travaglia

Travaglia (1992:57) propõe categorias que provocam o humor. Adverte, porém que elas não são humorísticas por si, pois podem ser usadas em situações “dignas de pena, de causadoras de revolta, etc.” O que as torna humorística é a

existência de uma situação enunciativa classificada como humorística, conscientemente pelos interlocutores e que deflagra 'algo' que aquilo que é dito ou acontece seja risível. Este algo é a sintonização de emissor e receptor com o humor ativando o que podemos chamar de '*scripts*' ou '*frames*' humorísticos que são uma espécie de veio humorístico, de suportes convencionais do humor. (op.cit.:57)

Travaglia agrupa essas categorias em dois grupos: o dos *scripts* e o dos mecanismos em níveis fonológico, morfológico, sintático, semântico, pragmático, textual e/ou discursivo e sociolingüístico.

O grupo dos *scripts* abarca os seguintes elementos:

1. Estupidez: o personagem tem dificuldades em perceber as coisas, deixa-se “apanhar e assim se mostra tolo.”(op.cit.,1992:58)
2. Esperteza, astúcia: o personagem é esperto e tem sempre sucesso nos conflitos.
3. Ridículo: o personagem leva ao exagero o que é natural, ou seja, “é uma certa inadequação criada pelo exagero.”(op.cit.:58)
4. Absurdo: o personagem contraria o senso comum, as regras e a razão. A característica do absurdo “é a fuga às evidências estabelecidas.” (op.cit.:58)
5. Mesquinhez: o personagem mostra-se sovino, avaro e mesquinho.

No grupo dos mecanismos encontramos as seguintes categorias:

1. Cumplicidade: o leitor/ouvinte participa, envolve-se, é cúmplice das ações e das idéias do personagem.
2. Ironia: apresentação de uma enunciação que sugere o seu oposto. Por representar “uma transposição do ideal (o que se deseja) para o real (o que realmente temos)” (op.cit:59) produz um humor carregado de amarguras.
3. Mistura de lugares sociais ou posições de sujeito: o indivíduo assume uma posição ou um lugar social que não é o seu.
4. Ambigüidade: um recurso básico no humor, tanto que outros estudiosos citam-na em seus trabalhos. Assim, é o que Bergson (2004) chama de “interferência recíproca de séries”, Raskin (1985) teoria dos dois *scripts* e Travaglia (1990) de bissociação. “A principal fonte da ambigüidade está nas formas lingüísticas e pode ocorrer nos diferentes níveis: lexical, morfológico e sintático.”(op.cit.: 60)
5. Estereótipo: características próprias de um grupo que podem ser caricaturadas pela lingüística, pelo vestuário, pelos gestos, pelas atitudes e pelos comportamentos do ser

humano. “O estereótipo no humor é sempre usado com uma dimensão negativa, pois o riso advém da desvalorização social, do estigma que faz uso do estereótipo algo ridículo.” (op.cit.:61)

6. Contradição: uso de dois elementos que se opõem e se contradizem., como: negação verbal do óbvio da situação e falar uma coisa e fazer outra. Bergson e Freud chamam-na de inversão.
7. Sugestão: proposição do que é indizível em determinada situação ou para algumas pessoas, segundo normas sociais.
8. Descontinuidade ou quebra de tópico: no desenvolvimento de uma conversação, um dos falantes muda de assunto sem nenhuma razão lógica.
9. Paródia: alude ao original ridicularizando-o, isto é, freqüentemente, “a paródia lança mão apenas da forma de um texto e altera o conteúdo para criticar não o texto fonte, mas qualquer elemento da sociedade.”(op.cit.:63) A diferença entre a paródia e a alusão reside nessa explicação, ou seja, a primeira busca os traços formais do original e a segunda o seu conteúdo.
10. Jogo de palavras: uso de termos de sentido diferente numa determinada enunciação. Para tanto, recorre-se à homonímia, polissemia e semelhanças fônicas.
11. Quebra-língua: seqüência de palavras com dificuldades articulatórias para o falante. “Faz rir porque leva ao ridículo do erro e da incompetência” (op.cit.:64)
12. Exagero: sobrecarga no dizer (utilizando-se a repetição, a redundância e o pleonismo) ou fazer algo (resultando na caricatura).
13. Desrespeito a regras conversacionais: rompimento da estrutura conversacional, desconsiderando-se, por exemplo, os marcadores conversacionais e a tomada de turno.
14. Observações metalingüísticas: sátira aos elementos da própria enunciação.
15. Violação de normas sociais: depreciação do comportamento que contraria o estabelecido pela sociedade. “Essa forma de humor decorre de um dos objetivos básicos do humor: o de contestar, romper a estrutura social vigente.”(op.cit.:65)

Observamos que os *scripts* recorrem sempre a algum dos tipos de mecanismo, mas o oposto não acontece, ou seja, há mecanismos que não trazem exemplo de nenhuma forma de *script*.

Salientamos que o lingüista baseou seus estudos sobre as categorias que caracterizam o humor em programas humorísticos de televisão, por isso analisamos se eles seriam aplicáveis

a textos escritos. Excluindo o mecanismo do quebra-línguas, por prestar-se unicamente à língua oral, o resultado foi positivo.

#### 3.1.4 Possenti

Possenti (2000:27) explica que a piada seria um texto que usa mecanismos lingüísticos para provocar dois cenários possíveis. Inicia dentro de um escopo e, ao final, evidencia outro. O cenário incongruente é o que provocaria humor. Ao lingüista caberia a tarefa de evidenciar tais mecanismos, por mais óbvios que eventualmente possam parecer (tarefa que, na opinião do lingüista, nem todos os estudiosos do tema fazem). A “explicação” de uma piada envolveria vários domínios da lingüística: fonológico, morfológico, lexical, dêixis, sintaxe, pressuposição, inferência, conhecimento prévio e variação lingüística.

##### 1. Fonológica

- *Ave, Eva!*
- *Ave, Adão!*

Existem duas possibilidades de leitura da expressão “Ave, Adão”: a primeira é as duas palavras podem ser lidas separadamente indicando uma saudação ou alternativamente serem lidas unindo parte da palavra “ave” (“ve”) com a palavra “Adão”. Como resultado a palavra poderia ser lida “Ah! Viadão”. Podemos verificar que caberia classificar essa piada como morfológica também, na medida em ocorreu a divisão de palavra.(cf. Possenti, 2000)

##### 2. Morfológica

- *Já comeu maracujá?*
- *Mara, não.*

Aqui temos uma outra seqüência na palavra “maracujá” que ao ser dividida em “Mara cu já” permite uma outra interpretação. O humor está presente pela ambigüidade tanto na pronúncia, quanto na escrita da palavra “maracujá”.

##### 3. Lexical

- *Eu nasci naquela casa.*
- *Eu nasci no hospital.*
- *Por quê? Você estava doente?*

Em primeiro lugar é preciso notar que a palavra “hospital” aciona para cada interlocutor um “frame” diferente. A comicidade reside na diversidade de significação do vocábulo “palavra”, pois enquanto para algumas pessoas nascer em hospital é normal, para outras, hospital é um lugar para doentes.

#### 4. Metalingüística

- *Quem fala errado? Cebolinha ou Mônica?*
- *Cebolinha.*
- *Não. Esse fala “elado”.*

O texto produz humor pela seguinte característica: o ouvinte é levado a pensar que a pergunta é “quem fala palavras que estão fora da norma padrão”. Mas descobre-se, depois, que a pergunta incindia sobre a palavra “errado”.

#### 5. Sintática

- *Sua mãe tá aí. Você não vai receber?*
- *Receber por quê? Por acaso ela me deve alguma coisa?*

O cômico nesse enunciado é deflagrado por duas possibilidades de complemento ao verbo “receber”. Primeiro lemos o texto como se ele tivesse o sentido de “você não vai receber sua mãe?” Aqui o complemento do verbo “receber” é “sua mãe”. Numa segunda leitura, teríamos o sentido de “você não vai receber o que sua mãe lhe deve?” Então, o complemento do verbo “receber” passa a ser “um objeto” ou “dinheiro”.

#### 6. Sociolingüística/ Variação lingüística

Domingo à tarde, o político vê um programa de televisão. Um assessor passa por ele e pergunta:

- *Firme? O político responde:*
- *Não. Sírvio Santos.*

O humor nesse chiste está nos dois sentidos que a palavra “firme” denota: num tem o significado de cumprimento informal (você está firme, vai tudo bem?) e noutro funciona como variante popular de ‘filme’.

#### 7. Inferência

- *Que mulher feia!*
- *Que homem bêbado!*

- *Mas amanhã eu tô bom!*

O leitor desse texto deve concluir que a bebedeira é passageira, enquanto a feiúra da mulher é para sempre. Estas informações, ainda que pareçam óbvias, não estão explícitas no enunciado, exigindo a inferência do leitor/ouvinte.

#### 8. Pressuposição

- *Preciso de um emprego. Tenho 15 filhos.*
- *E o que mais o senhor sabe fazer?*

O mecanismo lingüístico que marca o humor nesse texto é a partícula “mais” introdutora da seguinte pressuposição: fazer filhos deve constar no currículo de quem procura emprego.

#### 9. Tradução

- *Un cannibal, c'est une persone qui va au restaurant et commande...un garçon.*<sup>33</sup>

Possenti (2000:35) explica que o texto é impedido de ser traduzido pelo “fato de que o verbo francês *commander* não tem equivalente exato em português. A tradução depende da explicação de que o canibal vai ao restaurante e chama um garçom ou pede um garçom.

#### 10. Contra- ideologia

- *É verdade que você é solteiro?*
- *É. Eu não tenho mulher.*
- *Então quem é que manda em você?*

O aspecto humorístico encontra-se na segunda pergunta feita pelo autor/falante em função do *script* de que todo homem é mandado por uma mulher.

#### 11. Dêixis

Duas “Cobras” olhando o céu, numa noite estrelada:

- Como nós somos insignificantes!
- Você e quem? (L.F.Veríssimo)

---

<sup>33</sup> Um canibal é uma pessoa que entra num restaurante e pede/chama um garçom.

A causa motivadora da derrisão no enunciado está no uso do termo “nós”, que é ambíguo, pois existem duas possibilidades de serem os participantes de “nós”, o falante e o ouvinte e o falante e um terceiro envolvido.

#### 14. Conhecimento prévio

- Sabe quais são as comidas preferidas do Collor?
- Quais?
- Antes das eleições, lula e truta. Depois das eleições, tubarão e polvo.

O entendimento do texto exige que o leitor/ouvinte faça uma investigação lexical das palavras envolvidas e obtenha conhecimentos sobre as eleições de 1989. Só então conseguirá interpretar o enunciado que diz que o Collor “ ‘papou’ Lula e esteve metido em alguma truta; depois ‘ferrou’ tanto os ricos quanto ao povo.”

Como o autor já nos havia alertado, sua classificação pretende abarcar, além dos níveis lingüísticos, outros mecanismos que são mobilizados nas piadas. Também, embora o gatilho das piadas se dê ao nível lingüístico, fica claro para o leitor que a interpretação destes textos não pode se basear apenas nesse critério, isto é, os limites do lingüístico são extrapolados e o discurso intervém para que possamos compreender o efeito de sentido que a piada quer criar.

#### 4. ANÁLISE DO *CORPUS*

Como já foi exposto, o humor pode ser estudado sob várias perspectivas teóricas que se influenciaram mutuamente. Nesses caminhos pluridisciplinares que permearam as investigações sobre o humor, a lingüística pode somar valiosas contribuições. O *corpus* delimitado por esse estudo é significativo: primeiro pelo discurso crítico que veicula e segundo por marcar o processo de desqualificação de um político.

Antes de iniciarmos a análise, gostaríamos de esclarecer dois pontos. Primeiro que os textos não foram analisados a sua exaustão, pois as estratégias do humor que muitas vezes são repetitivas, acabariam por tornar o estudo dos enunciados redundantes. Assim, procuramos selecionar nos textos as categorias lingüístico-discursivas do humor mais expressivas. Observaremos, por isso, que alguns textos são mais explorados na análise que outros.

O segundo ponto refere-se à questão do gênero que não é uma prioridade em nosso trabalho, por isso não pretendemos aqui investigar todas as teorias existentes, apenas situar o leitor, resumidamente, em relação aos principais expoentes sobre duas propostas: o gênero jornalístico e o gênero textual.

Os gêneros jornalísticos sofrem influência direta da cultura em que se inserem, seja local ou em um tempo diferente. O jornalismo é um fenômeno cuja natureza é o efêmero, o provisório e o circunstancial. (Melo, 1992:13).

Posicionando-se em uma perspectiva mais descritiva (mas ainda assim com categorias *a priori*), Melo (op.cit.:45-8) classifica os gêneros com base nas trocas sociais jornal/sociedade. Adota dois critérios para sua classificação:

1. a *intencionalidade* presente nos relatos que, para ele, se mostra no jornalismo de duas formas:
  - (i) como tentativa de *reproduzir o real*;
  - (ii) como tentativa de *ler o real*
2. a natureza estrutural do relato que, segundo Melo, mostra duas categorias de textos:
  - (i) o *jornalismo opinativo* (regido pelas variáveis autoria [opinião] e angulação [perspectiva temporal e espacial]);
  - (ii) o *jornalismo informativo* (regido pelas variáveis imediatismo [eclosão e evolução do/s acontecimento/s] e mediação [relação entre jornalista e protagonista/s]).

De acordo com Melo (1985:61), “gênero jornalístico é o conjunto das circunstâncias que determinam o relato que a instituição jornalística difunde para o seu público”. O autor afirma que os gêneros jornalísticos existentes são:

- a) Jornalismo Informativo:
  - Nota, Notícia, Reportagem e Entrevista.
- b) Jornalismo Opinativo:
  - Editorial, Comentário, Artigo, Resenha ou Crítica, Coluna, Crônica, Caricatura e Carta.(op.cit.:61)

Numa perspectiva classificatória um pouco diferente, Marcuschi (2002) propõe que o gênero jornalístico abarque os seguintes domínios discursivos<sup>34</sup>: editoriais, notícias, reportagens, artigos de opinião e entrevistas. Segundo ele, é “uma proposta altamente provisória e até mesmo questionável”, pois, como sabemos, toda tentativa de classificação se revela, em algum momento, falha.

O autor não subdivide o gênero jornalístico em informativo e opinativo, porque todo texto traz, ainda que de forma implícita, a voz do seu interlocutor.

Marcuschi, bem como muitos outros autores, em vários de seus textos, afirma que nós falamos, nos comunicamos, interagimos através de textos. Seria, então, razoável dizer que não falamos ou escrevemos qualquer texto, para qualquer audiência, em qualquer situação comunicativa. Quando falamos ou escrevemos, sabemos que o nosso texto “tem” que se adequar ao nosso interlocutor, à situação sócio-interativa e à prática social em que nos encontramos e é justamente aí que entram os gêneros. Os textos que produzimos encontram-se, de alguma forma, relacionados com outros, partilhando conteúdos, semelhanças composicionais e, até mesmo, coerções sociais afins. Isso acontece porque, dependendo da prática social em que estamos envolvidos, não utilizaremos indiferentemente uma receita ou um artigo científico para interagir com o outro, isto é, a posição discursivo-enunciativa em que nos encontramos vai determinar e vai ser determinada pelo gênero.

Ainda segundo ele, os gêneros textuais estão classificados em um contínuo tipológico, assim como a fala e a escrita, no qual os textos se distribuem de acordo com as condições de produção e o grau de formalidade existente entre eles:

Trata-se de *textos orais ou escritos materializados em situações comunicativas recorrentes*. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária com *padrões sócio-comunicativos característicos* definidos por sua composição, objetivos enunciativos e estilo concretamente realizados por forças históricas, sociais, institucionais e tecnológicas. Os gêneros constituem uma listagem aberta, são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações tais como: *sermão, carta comercial, carta pessoal(...)* e assim por diante. Como tal, os gêneros são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas. (op.cit:2002:11-12)

---

<sup>34</sup> Marcuschi utiliza o termo domínio discursivo para denominar esse espaço sócio-discursivo em que os gêneros se encontram.

Seguindo a proposta de Marcuschi, os textos que compõem o *corpus* para análise estão assim classificados quanto ao gênero:

QUADRO 2 – Distribuição dos gêneros

| FASES     | TEXTOS  | GÊNEROS           |
|-----------|---|-------------------|
| Eleição   | ‘Católico roxo’, eleito personifica baixo clero             | Artigo de opinião |
|           | A apoteose dos ‘outros Severinos’                           | Comentário        |
|           | Severino dá três versões para vaias em 2 horas              | Reportagem        |
|           | Reação à pizza provoca bate boca no plenário                | Notícia           |
| Suspeição | Em nome do macho  | Artigo de opinião |
|           | Agora lascou! Severino recebe gorjetão!                     | Crônica           |
|           | Fiéis rezam pelo futuro de deputado                         | Reportagem        |
|           | Cazuza canta Severino                                       | Artigo de opinião |
| Renúncia  | “Mensalinho” derruba o “rei do baixo clero” após sete meses | Notícia           |
|           | Buchada de bode é prato principal no ‘último almoço’        | Notícia           |
|           | Buamba? CPI serve chá com porrada                           | Crônica           |

Observamos que os gêneros dos textos são diversificados, como já explicitado o motivo, mas tentou-se mesclá-los dentro de cada fase.

## Grupo 1: TEXTOS DA FASE DA ELEIÇÃO (fevereiro a agosto de 2005)

Neste período, Severino Cavalcanti é eleito, para surpresa de todos<sup>35</sup>, presidente da Câmara dos Deputados, pois era um nome de pouca expressividade no cenário político. Diante do contexto, a mídia escrita apresenta textos com um discurso humorístico que revelam o caráter, as posições ideológicas e o estereótipo político para os leitores:

### 1. “Católico roxo”, eleito personifica baixo clero (anexo p. 88-89)

O texto é de autoria de Josias de Souza, foi publicado na *Folha de S. Paulo* em 16 de fevereiro de 2005.

Perplexo diante da improvável eleição de Severino Cavalcanti (como salienta De Souza : “ o terceiro homem na linha sucessória da República”) para a presidência da Câmara dos Deputados, o que pode ser visto como reflexo ou condicionante de uma perplexidade geral, o autor ilustra a inaptidão de Severino para o cargo investindo sua crítica nos discursos do político sobre suas posições em relação à religião, ao sexo e à moral. Desse modo, mostra Severino como uma pessoa que foi eleita para o cargo não por mérito próprio (“A revanche dos 300”), mas como fruto de uma manobra de outros 300 deputados, vale dizer irresponsáveis, que colocaram Severino lá.

Ao explicitar os falsos discursos moralista e religioso e a inaptidão do ex-deputado, o autor cria o *script* do mau político. Esse *script* é recorrente no humor político. O humor político é abrangente: tanto pode ser dirigido a líderes, partidos e instituições políticas, como pode atingir as idéias políticas de uma sociedade. (Raskin,1985: 222)

Raskin afirma que o discurso do humor se faz notório quando se alude a um fato para se referenciar as características físicas e morais de uma figura política, com o objetivo de denegrir sua imagem ou de desmascarar e denunciar suas atitudes.

A grande operação do artista que produz o humor, segundo Propp (1992: 32), é descobrir os procedimentos especiais para mostrar o que é “ridículo”, no sentido de ser passível e provocador de riso.

---

<sup>35</sup> Esclarecimentos sobre o assunto no capítulo 1 dessa dissertação.

Observemos o título do texto:

*“Católico roxo”, eleito personifica baixo clero. (anexo p. 88)*

O uso do sintagma adjetival “católico roxo” com sentido hiperbólico serve para ratificar a posição que o político prega: segue todos os preceitos da igreja católica. Assim, ele é contra o aborto, considera o papa a maior figura do século XX, é contra cenas de sexo na televisão e combate a união entre homossexuais.

Essas posições de Severino contrastam com sua participação na vida pública, que foi de conveniências, partidarismos e benefícios próprios. O caráter do deputado é marcado pelo binômio entre o real *versus* o ideal (Raskin 1985:222), ou entre o que prega e o que pratica. A seleção da expressão “católico roxo” possibilitou ao locutor um julgamento de valor negativo da imagem de Severino Cavalcanti. Esse recurso é desencadeador do humor.

A segunda parte que compõe o título do artigo – *eleito personifica baixo clero* – pressupõe o discurso que continua marcando a imagem de Severino Cavalcanti: moralista religioso. Além disso, ao usar a expressão “baixo clero”, faz referência jocosa sobre sua auto-intitulação, na confirmação como presidente da Câmara dos Deputados Federais. Ele seria, segundo o próprio político, “o defensor dos deputados sem voz e sem repercussão na mídia”. Podemos enxergar a presunção como elemento da comicidade. (Propp: 1992)

Assim, o título sugere um personagem com ideais religiosos definidos, um “salvador dos esquecidos”, porém o texto relata fatos que, em conjunto com o discurso citado de Severino, evidenciam seu caráter negativo. A incongruência ou a incompatibilidade é um mecanismo da língua que produz o risível (Bergson, 2004; Raskin, 1985).

O enunciado pressupõe, também, o estereótipo do falso moralista sugerido por Bergson (2004). Segundo o estudioso, os estereótipos podem ser identificados nos gestos e nas atitudes da pessoa. “O estereótipo no humor é sempre usado com uma dimensão social negativa, pois o riso advém da desvalorização social, do estigma que faz do estereótipo algo ridículo.” (Travaglia, 1990:61)

Continuando a leitura do texto, deparamo-nos com o seguinte trecho:

*“Vossa Senhoria é homossexual ativo ou passivo?”*

*Todos sabiam da aversão de Severino Cavalcanti por “relações sexuais de homem com homem”. Ainda assim, a pergunta do deputado soou deselegante. Brasília respirava uma atmosfera abafada naquela manhã de terça-feira, 6 de agosto de 1996. O ar parecia ainda mais espesso no corredor das Comissões da Câmara.*

*Ali, um grupo de parlamentares reunira-se para ouvir o depoimento de Toni Reis, então presidente do grupo gay “Dignidade”, de Curitiba. Ele vivia há seis anos com outro homem. Daí ter sido convidado a comparecer à Câmara. Falava aos parlamentares sobre a conveniência da aprovação da proposta que*

*previa o reconhecimento da união civil entre casais gays. Entre as vantagens, mencionou o reconhecimento judicial do direito à herança de parceiros homossexuais. Atalhado por Severino, Toni Reis reagiu com humor: "Ah, senhor deputado, isso a gente conversa depois. A gente pode combinar um vinho". (anexo p.88, linhas 1 a 13)*

O trecho selecionado inicia com uma fala do deputado Severino questionando o presidente do grupo *gay* “Dignidade”, Toni Reis, sobre sua escolha sexual. A cena acontece no plenário da Câmara, onde se discutia o reconhecimento da união civil entre casais *gays*.

Vejam como o autor constrói a cena: inicia o texto com uma pergunta que estimula o leitor para um contexto humorístico, passa para uma descrição densa do local e apresenta as situações sociais e psicológicas que envolvem o ato comunicativo. Finaliza com a resposta que é um revés do esperado.

Esse contexto exemplifica a teoria de Raskin (1985) sobre o humor verbal. Seu raciocínio mostra que, para efeito humorístico, o texto precisa apresentar vários níveis de informação: as experiências do falante e do ouvinte, a situação que os envolve, o estímulo para o jocoso e as questões sociais e psicológicas que rodeiam o ato comunicativo (op.cit.:6).

Severino acreditava que o questionamento fosse constranger Toni Reis, porém a resposta reverte para o político esse constrangimento. Essa construção é passível de riso, pois o leitor esperava uma resposta que desviasse o tom sarcástico da pergunta e não um convite pessoal para que o ex-presidente da Câmara conhecesse a opção sexual do presidente do grupo *gay*.

Propp (1992:95) diz que o revés “é provocado justamente por uma falha de precisão e de espírito de observação, pela incapacidade de orientar-se na situação, o que leva ao riso independente das intenções.”

Bergson denomina essa construção humorística como reversibilidade ou a inversão de papéis entre os personagens da cena, pois se Severino pretendia constranger Toni Reis, foi o próprio deputado quem acabou sendo constrangido com a resposta jocosa do representante do grupo *gay*:

Imaginem-se algumas personagens em certa situação: será obtida uma cena cômica se a situação se inverter e os papéis forem trocados. É assim que rimos do réu que dá uma lição de moral ao juiz, da criança que pretende dar lições aos pais, enfim daquilo que se classifique sobre a rubrica do “mundo às avessas”. (op.cit.,2004:69-70)

Analisemos a continuação desse enunciado quando uma deputada tenta chamar Severino para a normalidade de suas falas, porém o presidente da Câmara não desiste e recebe outra resposta jocosa.

Severino é o “boneco de molas” (Bergson,2004): a deputada empurra-o para dentro da caixa de surpresas, para que tente se recompor perante a sociedade, mas ele insiste em “pular” e fazer seus comentários impertinentes, levando o público à derrisão.

*A deputada Maria Elvira (PMDB-MG), que presidia o encontro, ainda tentou retomar a meada da conversa.*

*“Senhor deputado, sua participação é com essa pergunta?!?”*

*Severino, porém, não se deu por achado:*

*“Quero ouvir a resposta.”*

*E Toni Reis:*

*“Temos que variar, Sr. Deputado. Não é só sexo penetrativo. Há outras formas de prazer”.*

*(anexo p.88, linhas 14 a 18)*

No diálogo reproduzido, o *nonsense* (Bergson,2004) intensifica-se com a pergunta inadequada para o contexto: discutia-se a questão da legalização da união de homossexuais e não questões pessoais sobre escolha sexual, como o deputado insistia em tratar, ainda que advertido por uma colega de cargo.

O efeito do humor é decorrente de que o enunciado do primeiro interlocutor, no caso Severino Cavalcanti, tem um foco e a resposta é dada como se ele tivesse outro. O procedimento malicioso e esperto de quem responde, no caso Toni Reis, consiste em esvaziar o foco do questionamento do autor/ falante.

Ao reproduzir tal diálogo, o autor buscou na comicidade da situação denunciar as atitudes pouco hábeis e distraídas de Severino Cavalcanti. Bergson (2004:8-9) sugere uma visualização mental de determinado sujeito distraído que é compatível com o texto em questão:

Imaginemos, pois, um espírito sempre voltado para o que acaba de fazer, jamais para o que faz, como uma melodia atrasada em relação ao acompanhamento. Imaginemos certa falta de elasticidade inata dos sentidos e da inteligência, em virtude da qual se continua a ver o que já não existe, a ouvir o que já não ressoa, a dizer o que já não convém, enfim a adaptar-se a uma situação passada e imaginária quando seria preciso moldar-se pela realidade presente. A comicidade se situará dessa vez na própria pessoa: é a pessoa que lhe fornecerá tudo, matéria e forma, causa e ocasião. Será de surpreender que o *distraído* (pois essa é a personagem que acabamos de descrever) tenha tentado com frequência a verve dos autores cômicos?

Mais adiante, o discurso humorístico ganha força com um enunciado depreciativo em relação à notoriedade do político pelo povo brasileiro. Apesar de estar na vida pública há 28

anos, nunca apresentou um projeto relevante para a sociedade, age a favor do corporativismo e mantém posições preconceituosas sobre questões sexuais e religiosas. Só conquistou a mídia, porque é o boneco de fantoches manipulado para servir aos interesses particulares de oposicionistas do governo. Mas não é necessária a compaixão, porque o próprio político é quem assumiu os cordões do brinquedo e os manipula mecanicamente conforme lhe convém.

A mídia não se deixa vencer pelo encanto do boneco e dá um nó nos cordões denunciando e desmascarando o político com o enunciado abaixo:

*O país ainda não o havia notado* (anexo p.88, linhas 21a 22)

A construção lingüística foi elaborada para mostrar a insignificância de Severino para o país. Os usos do modificador circunstancial “ainda” e da locução verbal “havia notado” carregam uma carga semântica que depreciam de forma discreta a imagem do ex-deputado. O autor desqualifica sua atuação na política brasileira. O efeito é cômico porque o enunciado subjaz um discurso que procura desbancar qualquer possibilidade de mérito que Severino tivesse tido no passado que ajudasse a ser aceito para o cargo que assumiu.

A rigidez das ações de Severino é revelada com a descrição de algumas atitudes que teve no passado:

*Atraiu o então presidente João Baptista Figueiredo para uma causa pessoal.  
Elegera um padre italiano, Vito Miracapillo, como seu inimigo em Pernambuco.  
E convenceu o governo a expulsá-lo do país.* (anexo p.88, linhas 26 a 28)

Nosso personagem não tem piedade, não tem caráter, é injusto e tenta caracterizar o *script* do político correto por meio da rigidez de suas ações.

A rigidez em detrimento da flexibilidade, segundo Bergson (2004), denota a comicidade. Tais referências constroem a imagem de uma pessoa moralista, arrivista.

A seleção lexical dos verbos “atraiu”, “elegera” e “convenceu” representam claramente a visão da maneira de agir do deputado, sem escrúpulos, por conveniência, para manipular uma situação que não lhe é confortável. É um exemplo do estereótipo do falso moralista que Severino conquistou.

Como muitos homens de vida pública, ele busca frases de efeito para fortalecer seus discursos, observemos:

*“Eles vão ter que me engolir”* (anexo p.89, linha 53)

A polifonia presente nesse enunciado refere-se ao ex-treinador da seleção brasileira de futebol, Zagalo. Ele produziu essa fala, ao ser questionado sobre suas atitudes e decisões em relação aos jogos da Copa do Mundo, onde ele era treinador e o Brasil não estava tendo boa atuação em campo.

Severino afirma com vaidade que assumiria sua posição, ainda que isso desagradasse alguém. Não se importou de ter sido o boneco no processo da eleição da Câmara. Afinal só foi eleito como forma de repudiar, politicamente, o presidente da república. Severino viu a oportunidade, provavelmente, a única, de adquirir um *status* que a posição lhe traria.

Bergson (2004:129) acredita não haver defeito mais superficial e mais profundo que a vaidade. E, ainda a define como um fruto

da vida social, pois é uma auto-admiração fundada na admiração que cremos inspirar nos outros, ela é mais natural, mais universalmente inata que o egoísmo, pois do egoísmo a natureza freqüentemente triunfa, ao passo que é só pela reflexão que nos impomos à vaidade.

Outra ocorrência humorística encontramos no recorte abaixo:

*A presidência da Câmara dá a Severino um púlpito que ele jamais teve. (anexo p. 89, linhas 54 e 55)*

O autor do texto questiona, mais uma vez, a qualificação de Severino Cavalcanti para o cargo de presidente da Câmara dos Deputados. O efeito é cômico por duas razões, a primeira porque busca desbancar um *status* inquestionável de habilidades mínimas pressupostas num político e a segunda pela escolha do vocábulo “púlpito” que faz polifonia com pregação religiosa, um lugar onde a verdade dos discursos devem prevalecer. A palavra traz em seu sema a conotação do político que não tem moral para tal lugar, pois suas ações denunciam sua falta de caráter.

## 2. A apoteose dos “outros Severinos” (anexo p.90)

O texto foi escrito por Alcino Leite Neto e editado em 16 de fevereiro de 2005. O autor constrói a imagem do político Severino que contrasta com o personagem Severino do poema. Dessa forma, por meio do intertexto com o poema “Morte e vida Severina”, o autor mostra o paradoxo (Propp, 1992) dos dois “Severinos”. Enquanto no poema, João Cabral de Melo Neto retrata um brasileiro que sofre com a política da seca, o Brasil sofre com o despreparo político de Severino para o comando da Câmara dos Deputados Federais.

Nesse texto, o discurso constrói a figura estereotipada de Severino. Travaglia (1992:57) afirma que causa o riso o estereótipo que é associado ao ridículo. Sobre os estereótipos, afirma o autor:

É o uso de elementos próprios de uma classe ou grupo social (caipira, médico, rico, pobre, louco, prostituta, paquerador, malandro, mentiroso, homossexual etc.) que aparecem normalmente caricaturados. Os estereótipos podem ser lingüísticos, mas também de vestuário, gestos, atitudes, comportamentos etc. Os elementos estereotípicos estão a nível de consciência da sociedade, pois caso contrário seriam marcadores ou indicadores. Os estereótipos são valorados socialmente de forma negativa (para a sociedade como um todo quando não são do grupo dominante) ou positiva (como elemento de identidade do grupo respaldada por sentimentos de solidariedade). *O estereótipo no humor é sempre usado com uma dimensão social negativa, pois o riso advém da desvalorização social, do estigma que faz do estereótipo algo ridículo. Aqui entra a questão da superioridade do conhecedor e da superioridade coletiva.* (op. cit.:61)

Vejamos quais os estereótipos em dimensão negativa foram construídos e que podem gerar a comicidade:

a) pessoa de má aparência:

*(..)eles que portam ternos mal cortados, têm os dentes emendados, os sapatos de má qualidade(..)* (anexo p.90, linhas 11 e 12)

b) pessoa insignificante:

*Pouca gente conhece os deputados-Severinos da Câmara dos Deputados. A imprensa não os procura. Sua imagem não passa nas TVs. O governo não lhes dá muita bola. O senador José Sarney passa na frente deles e não os cumprimenta. Até os porteiros do Congresso não sabem quem eles são(..)* (anexo p.90, linhas 8 a 11)

c) pessoa não culta:

*a fala cheia de falhas gramaticais* (anexo p.90, linhas 12 e 13)

d) pessoa interessada no benefício próprio, mesmo sendo representante do povo:

*a política sem pensamento* ( anexo p.90, linha 13 )  
*um ar quente de provincianismo* (anexo p.90, linha 28 )  
*Os severinos tomaram conta da Câmara* (anexo p.9, linha 41 )

e) pessoa sem ética:

*(...) o arrivismo como condição brejeira.* (anexo p.90, linha 14 )

Os enunciados selecionados descrevem, em ritmo poético, o político Severino Cavalcanti e o ambiente em que vive, parodiando o poema “Morte e vida Severina”. Assim como o poema permite refletir e se chegar a algumas considerações, também podemos

concluir sobre o político. Severino é obscuro, conspirador, advoga em causa própria, mas tenta firmar-se como honesto, ético e cumpridor das leis. Sintetizando com a frase do texto: *Trata-se de um sujeito bonachão (...)* (anexo p. 90, linha 24 )

### 3. Severino dá três versões para as vaias em duas horas (anexo p.92-93)

O texto, datado de 3 de maio de 2005, trata da sabatina promovida pelo jornal *Folha de S. Paulo* com Severino Cavalcanti. Há três meses no cargo como presidente da Câmara dos Deputados, ele, na entrevista, ratificou sua posição de falso moralista, de duvidosos ideais religiosos e de defensor da causa própria.

A notícia começa relatando as dificuldades de intelecção de Severino Cavalcanti: ele confunde vaia com gritos de aplausos num evento político que aconteceu quando ele já era presidente da Câmara dos Deputados Federais. Além disso, confere alguns posicionamentos morais ao presidente da Câmara.

*“Foi uma maravilha. Aquele povo todo gritando. Entendi como aplauso.”* (anexo p.92, linhas 10 e 11)

*“ Fui vaiado, realmente.Eu pensava que era aplauso.”*(anexo p.92, linhas13 e 14)

É notório que a passagem revela pouca percepção do deputado visto que ele não conseguiu identificar que o vaiavam e não o ovacionavam. O enunciado denota o risível audível, não podemos deixar de gargalhar com a situação que permite tachá-lo de ignorante, de parvo.

O estudioso assevera, ainda, que a quebra de expectativa provoca o riso. O sentido jocoso aparece ao explicitá-la. Espera-se de qualquer político independente dos valores comportamentais, um nível intelectual condizente com o cargo.

Propp (1992:107) reflete sobre os alogismos:

Ao lado do fracasso daquilo que se deseja por causas externas ou internas, há casos em que o fracasso se deve à falta de inteligência. A estultice, a incapacidade mais elementar de observar corretamente, de ligar causas e efeitos, desperta o riso.

Com as afirmações do autor fica clara a relação que se estabelece e o efeito jocoso que se busca com as estratégias lingüísticas e discursivas no texto jornalístico.

Na passagem seguinte selecionada, Severino mantém um diálogo hilário com a jornalista da *Folha de S. Paulo* sobre questões relacionadas ao sexo antes do casamento. Parece, inclusive que sexo é seu tema predileto:

“É evidente. Eu era um homem puro. Casei com uma mulher que me serviu.”(anexo p.92, linhas19 a 21)

“A mulher tem que ser virgem, pura. O homem, às vezes, quer aprender a como fazer o serviço.”(anexo p.92, linhas 24 a 26)

Severino é a personagem cômica de Bergson (2004:139) que peca por obstinação de espírito ou de caráter, por distração, por automatismo. Ele só enxerga e ouve o que lhe interessa, não advoga a favor da sua comunidade, não assume o *script* do bom político, é prepotente, preconceituoso. É o sonhador que

em vez de recorrer a todas as suas lembranças para interpretar o que seus sentidos percebem, utiliza o contrário, aquilo que percebe para dar corpo à lembrança preferida: o mesmo ruído do vento a soprar na chaminé será então, segundo o estado d’alma do sonhador, segundo a idéia que ocupa sua imaginação, uivo de feras ou canto melodioso

#### 4. Reação à pizza provoca bate boca no plenário (anexo p.94-95)

A notícia foi editada em 31 de agosto de 2005, momento em que as confirmações da existência do “mensalão” ganham o cenário político e social do país. O conflito relatado na notícia é que no dia anterior, Severino Cavalcanti afirmou em entrevista à *Folha de S. Paulo* que era a favor de um abrandamento nas penas aplicadas aos envolvidos.

O texto veicula, por meio dos discursos reproduzidos, as posições que Severino Cavalcanti tem em relação ao uso de “caixa dois”, expressão popularmente empregada para o tipo de contas financeiras ilegais. Severino é a favor de um abrandamento na penalidade dos deputados que a utilizam.

Identifica-se um discurso segundo o qual os políticos agem por conveniências pessoais e, se recebem favores de outro político, ficam vinculados pela obrigação de lhe serem fiéis,

visando à manutenção do poder. Eles assumiriam essa atitude em detrimento da sua função social, numa fidelidade incondicional.

O texto relata, ainda, a vida pública de Severino e reafirma seus estereótipos de falso moralista e de defensor dos “mais fracos”, construindo enunciados reveladores de idéias mentirosas, de posições presunçosas e dissimuladas. Observemos os trechos selecionados do texto:

*O bate-boca durou mais de uma hora e teve seu ponto alto em uma pesada troca de ofensas com Fernando Gabeira (PV-RJ), que chamou o presidente da Câmara de "um desastre para o país". (anexo p.94, linhas 6 a 8 )*

Na fala de Gabeira, a escolha lexical do vocábulo “desastre” denota que Severino é uma figura danosa, um acontecimento calamitoso para a política brasileira. O autor buscou o exagero ao selecionar o termo “desastre”, para desvelar o discurso humorístico. Propp (1992: 92) explica que o grotesco nos faz sair dos limites de um mundo realmente possível. Severino é impossível para o Brasil. Propp (op.cit.:92) em suas reflexões esclarece sobre a comicidade do grotesco:

O grotesco é cômico quando, como tudo o que é cômico, encobre o princípio espiritual e revela os defeitos. Ele se torna terrível quando o princípio espiritual se anula no homem. É por isso que podem ser terrivelmente cômicas as representações de loucos.

O presidente da Câmara dos Deputados mostra o *nonsense* de seu discurso, pois utiliza-o coeso e articulado, mas totalmente esvaziado de conteúdo. É o que notamos na reprodução do enunciado abaixo:

*"Enganam-se aqueles que pensam que deixarei levar inocentes ao cadafalso, apenas para, ao desvario, ouvir soar as trombetas." (anexo p.94, linhas 19 a 21 )*

O texto tem um tom irônico que é reproduzido com citações das falas de Severino. Nelas, o político privilegia em seus discursos referenciar questões sexuais. É a caricatura verbal do falso moralista e religiosos, conforme explica Propp (1992).

Prosseguindo, tomemos um outro enunciado:

*"Ele [Gabeira] quer se afirmar como homem, mas não conseguiu ainda." (anexo p.95, linhas 56 e 57 )*

“O cômico surgirá quando homens reunidos em grupo dirijam sua atenção a um deles” (Bergson, 2004:14). A convergência traz em comum, uma mesma direção, um mesmo objetivo, as mesmas metas. Dessa forma, quando todos da sociedade têm os mesmos ideais

sociais e políticos, não sobra espaço para que ocorra o desvio. Quando o indivíduo comete um deslize ou não consegue acompanhar a sincronia do grupo (sociedade), ele é imediatamente interpelado a justificar o seu desvio ante os demais componentes. Foi o que aconteceu com Severino: não esteve atento para o comportamento que a sociedade em que vivia pregava, e foi traçado impiedosamente por essa sociedade. Com seu desvio, o ex-deputado conseguiu chamar para si a atenção da sociedade que por sua vez voltou a atenção para o político, ficando frente a frente o infrator e seus inquisidores. E, a troça foi geral, escarnecedora, em todos os seguimentos sociais

Assim o riso funcionou como instrumento de castigo, pois houve uma discórdia entre as duas partes: indivíduo e sociedade, uma quebra de protocolo. Esse processo de castigo tem em seu bojo o objetivo de correção do desvio e de recompor o indivíduo à sociedade.

## Grupo 2 : TEXTOS DA FASE DE SUSPEIÇÃO ( setembro de 2005 )

Nesse período, Severino Cavalcanti é suspeito de receber dinheiro do dono do restaurante da Câmara dos Deputados. A crítica às suas atitudes e idéias são mais acirradas e o discurso do humor é, como afirma Minois (2003) uma arma de destruição da carreira insólita do político.

### 1. Em nome do macho (anexo p.96)

O texto foi escrito em 2 de setembro de 2005 e traz o desespero de Nelson Motta pela péssima atuação política de Severino Cavalcanti.

Analisamos que o discurso de Severino é cheio de repetições. Ele dialoga com os discursos das práticas sexuais e com os discursos sobre valores culturais.

Possenti (2000) argumenta que no discurso político a interdiscursividade atua para misturar a política a outros campos incluindo elementos dos chistes obscenos. Assim, o aspecto sexual está presente em seus discursos como forma de criar uma imagem de homem forte, viril, capaz; mas sempre voltado para o moralismo.

Severino tenta desmoralizar o deputado Gabeira pelo viés sexual, sempre questionando sua virilidade. Mas nesse texto, Nelson Motta dá a resposta:

*Gabeira falou grosso e alto, mas se manteve dentro de um certo decoro parlamentar. Severino é que, mais uma vez, até quando?, se mostrou em sua medonha significância ao tentar desclassificar os argumentos de Gabeira,*

*“acusando-o” de “tentar se afirmar como homem” e que ele machão nordestino caricato, homofóbico ativo não sabia se havia conseguido. (anexo p.96, linhas 21 a 26)*

Parece que os papéis se inverteram: Severino sempre se diz viril, forte e “machão”, mas é Gabeira quem fala grosso e forte, é ele quem tem decoro parlamentar, é ético, é honesto; independente de sua opção sexual, a qual tanto Severino questiona como forma de intimidá-lo publicamente.

Instaurou-se nesse contexto a contradição, o revés da situação, a mudança de *script*, a inversão de papéis, todos elementos que caracterizam o discurso humorístico, como salientam os estudiosos investigados nessa pesquisa.

Analisemos uma outra passagem do texto:

*Agora mesmo, o ninho de ratos conhecido como baixo clero está em polvorosa: vai sair a escalação para o avião da alegria que levará um bando? Uma matilha? Uma quadrilha? (anexo p.96, linhas 9 a 11)*

A seleção lexical voltada a nomes coletivos encontrada no texto, como “bando”, “matilha”, “quadrilha” produz um efeito hilário porque busca desbancar um *status* inquestionável de habilidades mínimas pressupostas num político: honestidade, responsabilidade, seriedade e sensatez. Essa seleção permitiu, ainda, a construção discursiva reveladora do caráter corrupto de Severino.

Para Travaglia (1990:55) o humor é “uma espécie de arma de denúncias, de instrumento de manutenção do equilíbrio social e psicológico: uma forma de revelar e de flagrar outras possibilidades de visão do mundo e das realidades naturais ou culturais que nos cercam e assim, de desmontar falsos equilíbrios.”.

Essa escolha lexical permitiu ao locutor veicular seu discurso sem afirmar explicitamente que as pessoas envolvidas na cena são corruptas, o que poderia redundar num processo criminal. É o que Goffman (1980:76-8) chama de “preservação da face”. Para o autor nas interações sociais, os participantes agem de duas formas para manter a imagem pública. A ação do falante pode ser defensiva, quando utiliza a linguagem de modo a manter a salvo sua própria face, ou protetora, quando tenta salvar a face dos outros participantes da interação. O estudioso acredita que as pessoas utilizam estratégias para manter sua face resguardada. Uma das estratégias é a de atuação, segundo a qual cada pessoa age como se fosse um ator, representando um personagem que melhor lhe convier. Essas estratégias funcionam como um meio de neutralizar a possibilidade de ameaça à face, que ocorre sempre que um falante põe em risco sua face ou a face do outro. Nesse caso, usam-se atenuadores

polidos, mecanismos de marcar a polidez, como utilizar frases imperativas em vez de frases interrogativas para fazer imposições.

No trecho "o ninho de ratos conhecido como baixo clero está em polvorosa", o autor demonstra sua indignação, utiliza-se do grotesco para fulminar abusos, denunciar situações aberrantes.

*...dizendo a Severino Cavalcanti o que ele merecia ouvir e o que a maioria não diz para não perder as viagens, verbas e vantagens que o patusco presidente distribui em troca de apoios e fidelidades. (anexo p.96, linhas 5 a 8)*

Ao fazer a escolha lexical das palavras "viagens, verbas e vantagens", o locutor buscou no recurso da aliteração uma sinalização do registro humorístico, constituindo uma estratégia de motivação lúdica congruente com o conteúdo do texto, pois Severino Cavalcanti e seus amigos parlamentares se aproveitam do cargo público para benefícios próprios.

O riso brota sempre da constatação de um desvio, de uma transgressão; falhas de caráter moral ou comportamental apresentam-se segundo um padrão definido pela sociedade em questão. Esta transgressão pode dar-se no âmbito moral /comportamental, infringindo regras sociais e trazendo à tona relacionamentos ditos amorais, como o adultério, o triângulo amoroso, relacionamentos homossexuais, etc. (Propp, 1992).

## 2. Agora lascou! Severino recebe gorjetão! (anexo p.97)

A crônica é de José Simão e foi publicada em 6 de setembro de 2005. O autor faz uma crítica humorística a Severino Cavalcanti por receber dinheiro ilicitamente.

Corrosiva e implacável a sátira é utilizada por aqueles que demonstram a sua capacidade de indignação de forma divertida, para fulminar abusos, castigar rindo os costumes, denunciar determinados defeitos e situações aberrantes. (Travaglia, 1990)

Nesse sentido, a crônica de José Simão, satiriza o fato de Severino ter recebido dinheiro para autorizar a exploração comercial dos restaurantes da Câmara por Sebastião Buani.

Observemos o título do texto:

*Agora lascou! Severino recebe gorjetão! (anexo p.97, título)*

Nele o autor constrói o discurso humorístico por meio do vocábulo hiperbólico “gorjetão”. O presidente da Câmara não recebe “mensalão”, como os deputados com maior expressividade, ele recebe “gorjetão”, por pertencer ao “baixo clero”. O discurso humorístico está presente no uso do sufixo aumentativo, fazendo uma relação direta com o termo “mensalão”. Serve para denegrir a sua imagem. Bergson (2004) explica que o humor é implacável e serve para denunciar e rebaixar uma pessoa.

*Então não é mensalão, é BANDEJÃO* (anexo p.97, linha 6)

O efeito cômico acentua-se quando o autor reitera o deboche por meio da palavra “BANDEJÃO”. Mais uma vez ecoa a voz do “mensalão” de Roberto Jefferson. A diferença é que Severino recebeu a “propina” de um dono de restaurante, daí a alusão ao utensílio muito usado em restaurante: bandeja.

A violação das normas sociais é uma forma de construir o humor, pois contesta aqueles que contrariam o que a sociedade estabeleceu. (Travaglia, 1990)

*E o Severino é o único que eu conheço que vai a restaurante e, em vez de dar gorjeta, leva! Cobra pra almoçar!  
Rarará!* (anexo p.97, linhas 7 e 8)

O autor usa o recurso da linguagem coloquial, oralizando o seu texto, por meio de onomatopéias (Rarará). A própria onomatopéia traz no seu contexto o riso, ainda que sarcástico.

O *script* de uma cena de restaurante é rompido quando o personagem modifica suas ações verbais. Em vez de dar gorjeta, ele leva. Há uma segunda mudança no *script* restaurante, no momento em que o deputado cobra e não paga para almoçar. Passar de um *script* a outro, ou do modo *bona fide* para o *non-bona fide*, na terminologia de Raskin (1985), gera o humor.

### 3. Fiéis rezam pelo futuro do deputado (anexo p.98-99)

O texto foi editado em 11 de setembro de 2005, momento em que as investigações sobre o caso do restaurante da Câmara, ganham evidências de atitudes ilícitas por parte do presidente da Câmara dos Deputados.

No texto, observam-se dois contextos diferentes, desenvolvendo-se simultaneamente. O primeiro diz respeito aos eleitores de Severino Cavalcanti, providencialmente caracterizados como fiéis, que rezam para que o deputado saia ileso das acusações de corrupção. O segundo diz respeito ao próprio Severino, caracterizado como pessoa de moral duvidosa, “santo do pau oco”, essência contrastante com a aparência de salvador, de milagreiro. Essa é também uma idéia tradicionalmente ligada a um estereótipo nordestino, como sertão e aglomeração de fiéis de razão cega.

Os estereótipos não são construídos de forma direta, mas de um modo velado. O texto, ao narrar o “sofrimento” dos “seguidores de Severino, vão construindo sua imagem de santidade, contrastada, o tempo todo, com os estereótipos dessas pessoas, que são mostradas como pessoas incultas e ingênuas”.

Vejamos alguns exemplos em que o *script* ‘mestre’ e “seguidores” entram em conflito, criando uma situação jocosa:

*Em João Alfredo, Severino é como se fosse uma seita* (anexo p.98, linha 16)

*Não há como ser devoto de alguém que quer ser o rei de João Alfredo* (anexo p.98, linhas 22 e 23)

*(..) ela pede a intervenção divina* (anexo p.98, linha 5)

*Contratada, segundo ela, por intervenção do deputado* (anexo p.99, linha 26)

O autor do texto faz uso de uma rede metafórica, provocadora de um riso não audível, que destrói a imagem moralista- religiosa do deputado. Observemos algumas dessas metáforas: “fiéis”, “seguidores”, “santinho”, “intervenção divina”, “rezam”, “graça”, “seita”, e “devoto”. Todos os vocábulos selecionados trazem em seu sema uma carga religiosa conflitante com as atitudes ilícitas do presidente da Câmara dos Deputados. Travaglia (1990) denomina essa estratégia lingüística de bissociação, pois ocorre a oposição de dois mundos: o real e o fictício.

A rede metafórica demonstra que o texto foi elaborado com o intuito de desprestigiar a figura de Severino Cavalcanti, de denunciar seus atos subversivos que contrastam com a imagem que pessoas simples têm do político.

Essa teoria encaixa-se na teoria semântica do humor de Raskin baseada em *scripts*, como já explicamos. Nos dois primeiros enunciados, o *script* de ideal é quebrado com o *script* de real da pessoa de Severino Cavalcanti: um corrupto que não mede esforços para conquistar o poder.

#### 4. Cazuza canta Severino (anexo p.100)

O texto é de Nelson Mota, editado em 16 de setembro de 2005 e busca por meio do intertexto respaldo na música de Cazuza, para denunciar Severino Cavalcanti por seu preconceito, por seus atos corruptos, por sua estultice e por suas mentiras.

Observemos a passagem:

*Não, Cazuza não estava falando de Severino e de seus ratinhos do baixo clero em “Blues da Piedade”, no caso seria mais apropriado “Forró da Piedade”* (anexo p.100, linhas 4 e 5)

O discurso político humorístico está caracterizado nesse enunciado pela seleção lexical com sentido pejorativo (ratinhos) e pelo contraste dos vocábulos “blues/forró”.

Outra idéia presente no texto e que pode ser vista nos estudos de Propp (1992) diz respeito às variações lingüísticas. Eles são cômicos se denunciam um defeito no pensamento do falante que foi trazido à tona involuntariamente ou se denunciam uma ignorância ou grosseria de quem fala. Travaglia (1990:64) também trata da questão e explica que a violação da norma culta pode ser fonte de riso. Vejamos a passagem do texto:

*Gabeira responde com seus versos -mortíferos como um cheque nominal- às “acusações” de homossexualismo e consumo de “tóchico” (sic) feitas pelo caricato machão nordestino.* (anexo p.100, linhas 10 a 12)

A variação da norma culta é punida pelo autor ao destacá-lo com o termo (sic). Assim, o humor marca presença em várias áreas da vida humana com funções que estão além do riso. Ele desmascara aqueles que estão à margem da sociedade. O humor mais do que fazer rir, é o grande desmistificador da mentira, do preconceito, da falsa moralidade e de tantos outros desvios sociais.

#### Grupo 3: TEXTOS DA FASE DA RENÚNCIA (2.a quinzena de setembro de 2005)

Pressionado pelas contundentes acusações sobre o recebimento de dinheiro do dono do restaurante da Câmara dos Deputados, Severino renuncia ao cargo. Os textos apresentam relatos e discursos citados do próprio Severino reveladores do revés à falta de caráter, de honestidade e de sinceridade:

1. “Mensalinho derruba o `rei do baixo clero` após sete meses”. (anexo p.101)

O texto foi editado em 22 de setembro de 2005, um dia após Severino Cavalcanti renunciar ao cargo e a mídia deflagra sua alegria explorando o discurso humorístico em seus textos como forma de ratificar as incompetências do ex-deputado para o cargo:

*“Mensalinho derruba o `rei` do baixo clero` após sete meses”*. (anexo p.101)

O uso do diminutivo “mensalinho”, que faz referência de forma pejorativa ao “mensalão” recebido pela base aliada do governo Lula, corrobora com o estereótipo construído pela mídia em torno do político Severino Cavalcanti: um personagem desqualificado para a posição que assumiu.

O ex-presidente da câmara não perde o cargo, ele é derrubado do “trono”. Assim age a sociedade com quem tenta enganá-la, confisca sua riqueza, açoita e corrige:

Depois que o candidato passou pelas terríveis provas, as que os colegas veteranos prepararam a fim de formá-lo para a nova sociedade na qual ele ingressa e, como dizem, a fim de abrandar-lhe o ânimo. Toda pequena sociedade que se forma no seio da grande é levada assim, por um vago instinto, a inventar um modo de correção e de abrandamento da rigidez dos hábitos contraídos alhures, que precisarão ser modificados. A sociedade propriamente dita não procede de outra maneira. É preciso que cada um de seus membros fique atento para o que o cerca, que se modele de acordo com o ambiente, que evite enfim fechar-se em seu caráter assim como numa torre de marfim. Por isso, ela faz pairar sobre cada um, senão a ameaça de correção, pelo menos a perspectiva de uma humilhação que, mesmo sendo leve, não deixa de ser temida. (Bergson,2004:101)

Observemos o discurso citado de Severino Cavalcanti:

*“o povo me absolverá”* (anexo p.101, linha 2)

É cômico o efeito provocado pelo desvelamento da presunção. No caso de o político ser presunçoso, pode ser lembrada a idéia de Possenti (2000:113) em que ele diz que a presunção pode fazer parte do político objeto de piadas, cujo sentido é “pensa que é Deus”,

A fala do x-presidente da Câmara dos Deputados denota tal presunção e busca no discurso religioso sensibilizar o povo sobre sua condição de derrotado.

## 2. Buchada de bode é prato principal no “último almoço” (anexo p.102)

O texto foi editado em 22 de setembro de 2005 e relata como foi o último dia (21/09/2005) de Severino no cargo de presidente da Câmara dos Deputados: recebeu amigos, emocionou-se, almoçou e renunciou.

O que destaca esse texto é a referência à comida servida no almoço: buchada de bode. Mais uma vez Severino tenta ratificar sua posição de “machista”, viril e homem forte, pois a comida é bastante calórica com o ingrediente básico um tanto inusitado. Vejamos enunciado recortado:

*Buchada de bode é prato principal no “último almoço” (anexo p.102, título)*

A polifonia foi um recurso lingüístico do autor para marcar o tom jocoso e caracterizar a pessoa de Severino Cavalcanti como um mártir. A expressão “último almoço” remete às vozes da bíblia em referência à “última ceia” de Jesus, antes de ser crucificado. Note-se o uso das aspas na expressão “último almoço”, que chama a atenção para essa polifonia. Só que essa ceia tem como prato “buchada de bode”, prato típico nordestino e recomendado para homens fortes. É claro que há um discurso humorístico subjacente, pois se trata de uma iguaria inusitada.

Segundo Bahktin (1992:293), por meio da sua idéia de polifonia, é possível perceber dentro de um texto a existência de muitas vozes. Para ele, as pessoas não trocam orações, trocam enunciados. E esses estão repletos dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais estão vinculados no interior de uma esfera comum de comunicação.

A estratégia de usar a polifonia aliada à descrição da comida servida a Severino mobilizou o discurso jocoso que permitiu expor a verdade, sacudir certezas, castigar as dissimulações, contestar os absurdos e reequilibrar a lógica

## 3. Buemba! CPI serve chá com porrada! (anexo p.103)

O texto é de José Simão, foi editado em 23 de setembro de 2005, logo após a renúncia de Severino Cavalcanti. O texto é construído para criar a imagem final de descrédito do político e o humor está presente no jogo com as palavras.

Ao se denominar “Macaco Simão – o esculhambador-geral da República”, José Simão se coloca como o macaco, animal que representa a figura da peraltice, da ironia, do pular de

galho em galho, o que não tem compromisso com ninguém. Isso permite-lhe zombar e caçoar de tudo e todos. Dessa forma, ao fazer essas “peraltices” com o léxico, José Simão cria, dissemina e cristaliza no inconsciente coletivo, preceitos, ideologias e valores.

Analisemos o enunciado abaixo:

*E o Severino Cheque-Cheque diz que foi vítima de um complô.  
Tá certo. O dono do restaurante complô ele!  
Ele foi complado.*  
(anexo p.103, linhas 3 a 4)

José Simão busca estratégias para marcar em seus textos o desmerecimento das figuras políticas. Dentre tais estratégias podemos verificar o jogo verbal, por meio do qual pode aludir um fato a um nome, por exemplo. O trecho selecionado acima é prova disso, pois junto ao nome criou-se o sobrenome “Cheque-Cheque” como forma de satirizar seu envolvimento no recebimento de “propinas”.

Travaglia (1990:64) esclarece que os nomes dos personagens podem ser explorados lingüisticamente dentro do humor para criticar os tipos de homens que eles representam.

O autor busca, ainda, com o jogo de palavras, denunciar as verdades ocultas. Observando o uso das expressões “vítima de um complô/ complô ele/ foi complado”, verificamos que os trocadilhos ou jogos de palavras denunciam o esquema de corrupção que Severino se envolveu. Do ponto de vista lingüístico-discursivo, esse recurso são fenômenos que envolvem o significante, devem manter uma informação implícita e devem ser “audíveis”, isto é, devem envolver jogos fônicos. É o que acontece com essa construção lingüística elaborada por Simão: brincou com o substantivo “complô” e com o verbo “comprar”, tanto pela questão da aproximação sonora quanto pela aproximação denotativa que essas palavras assumem no contexto.

Por meio desses termos, Simão faz uma retrospectiva dos fatos que levaram o ex-presidente da Câmara a renunciar: Severino se diz vítima de um “complô” ou de uma conspiração por ter sido “comprado” pelo dono do restaurante da Câmara dos Deputados, Sebastião Buani.

Observamos, ainda, mais um jogo com a estrutura da língua envolvendo as duas últimas expressões “complô ele/ foi complado”: afinal quem comprou quem? Severino foi o agente ou o paciente da ação? Severino exigiu a “propina” (complô ele) ou se deixou vencer pelos encantos do dinheiro (foi complado)? Qualquer que seja a escolha, temos uma certeza, ele é corrupto.

O aspecto lúdico que o trocadilho encerra, confere ao humor um ar de ingenuidade para que assuntos sérios sejam ditos de forma mais amena, porém bem inteligentes, tornando-se uma poderosa arma de desvelamento. Gay (1993:384) bem o registra:

Sob a defesa de que não devem ser levados a sério, os chistes podem vingar um insulto, voltando-se espiritualmente, contra o agressor, esvaziar o pomposo e o soberbo, tornando público seus defeitos ocultos, criticar uma autoridade normalmente protegida contra desafios.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos estudos sobre as teorias do humor propostas por Bergson, Propp, Alberti, Minois, Raskin, Possenti e Travaglia, entre outros, podemos afirmar que rimos do ridículo, do defeito, do exagero, do inesperado. Rimos, sobretudo, da quebra da lógica, da ruptura, de uma seqüência inesperada, da falta de normalidade, da presença da crítica criativa e perspicaz.

O humor surge da combinação de elementos díspares e se alimenta do efeito de surpresa, daí resultando em contraste e espanto. Quando achamos graça de algo que ouvimos ou observamos, é porque a súbita percepção de uma incongruência nos obriga a refazer uma interpretação inicial e chegar a um sentido surpreendente que não supuséramos no início.

Pela análise dos mecanismos lingüístico-discursivos que permeiam o *corpus* desse estudo, pudemos verificar que o humor funcionou como instrumento de crítica revelador da imagem real do político Severino Cavalcanti. Identificamos, assim, uma consideração de que, se por um lado, houve na trajetória política do ex-deputado artifícios para a construção de uma imagem que o conduziu ao poder, por outro, os textos jornalísticos utilizaram estratégias que possibilitaram a desconstrução dessa imagem. O desmascaramento intelectual, cultural e moral pelo viés do humor foram a tentativa de promover uma mudança no processo em que se construiu esse poder.

O jornal revelou o *script* do político, que no *script* básico, subjacente, internalizado deveria ser do homem honesto, que se empenha eticamente pela defesa da ideologia e dos direitos da comunidade, contudo os relatos dos fatos, os discursos citados, as estratégias da língua na construção dos enunciados e as reflexões dos textos analisados construíram o verdadeiro *script* do político Severino Cavalcanti: desonesto, mentiroso, preconceituoso, falso moralista. A contradição do binômio real *versus* irreal gera o riso.

Rimos desse personagem porque a corrupção não causa compaixão, porque o grotesco não causa emoção, porque a falta de caráter não causa piedade; enfim rimos porque ele é humano, não nos comove e é um fenômeno social.

Sempre que a rigidez do corpo, do espírito ou do caráter contrastar com a flexibilidade exigida pela sociedade ocorrerá o riso. O discurso humorístico estará presente nesses momentos para castigar e corrigir aqueles que ousam romper com as normas ditadas pela sociedade.

Devemos ressaltar, como procuramos mostrar durante todo esse trabalho, que não é possível, nem aceitável a dicotomia entre língua e discurso; o que pode acontecer é que se queira privilegiar um aspecto ao invés do outro, mas não dissociá-los.

Pudemos verificar que o jornal não se utilizou dos aspectos físicos da pessoa Severino Cavalcanti para revelá-lo à sociedade. Parece lícito dizer que entre o jornal de referência e o seu leitor não há previsão de manifestações preconceituosas de baixo nível, como ironias sobre aleijados, deformados e feios. O ataque ao aspecto físico de uma pessoa, de certo modo, aparece no senso comum como uma forma condenável de se atacar as idéias do oponente.

Portanto, as considerações a que chegamos, permitem-nos afirmar que a construção do humor político se vale de estratégias da língua para que o deboche, o denegrir uma autoridade, a denúncia, o desvelamento e a rigidez sejam deflagrados; a fim de que as normas sociais sejam restabelecidas.

O uso do humor, ainda que não vise à risada audível/visível, permite desnudar todos os discursos velados que estão presentes em nossas práticas do cotidiano. É, pois, aproveitando-se desse estatuto libertário do humor, que a imprensa endossa o antigo aforisma “*castigat ridendo mores*”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena (1999). *O riso e o risível na história do pensamento*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- ALMEIDA, Fernando Afonso de (1999). *Linguagem e humor*. Comicidade em Les Frustrés, de Claire Bretécher. Niterói: Ed. da UFF.
- AMARAL, Márcia Franz (2006). *Jornalismo Popular*. São Paulo: Contexto.
- ARISTÓTELES. *Poética* (1966). Trad. Eudoro de Souza. Porto Alegre: Globo.
- ATTARDO, Salvatore (1994). *Linguistic Theories of Humor*. New York: Mouton De Gruyter.
- \_\_\_\_\_ (1993). *Violation of conversational maxims and cooperation: The case of jokes*. *Journal of pragmatics*. n. 19. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xcnlf/13/02.htm> Acesso em: 23/09/2007 às 22:40h.
- BAKHTIN, Mikhail (1993). *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento – o contexto de François Rabelais*. 2 ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Edunb
- \_\_\_\_\_ (1992). *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- BERGSON, Henri (1983). *O Riso: Ensaio Sobre a Significação do Cômico*. Trad. Nathanael Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar.
- BRAGON, Ranier; ZANINI, Fábio; GOIS, Chico de; FRANCISCO, Luiz; NAVARRO, Silvio; CEOLIN, Adriano (2005). *Folha de S. Paulo*, 22 set., cad. Brasil
- BREMMER, Jan e ROODENBURG, Herman (Org.) (2000). *Uma história cultural do humor*. Tradução Cynthia Azevedo e Paulo Soares. Rio de Janeiro: Record.
- CONFORTIN, Helena (1999). Leitura de humor na mídia. In: BARZOTTO, Valdir Heitor; GHILARDI, Maria Inês. *Mídia, educação e leitura*, São Paulo: Associação de Leitura do Brasil.
- DE FREITAS, Jânio (2005). O filme catástrofe. *Folha de S. Paulo*, 26 fev., cad. Brasil.
- DE SOUZA, Josias (2005). Documento indica benefício de Severino para empresário. *Folha de S. Paulo*, 07 set, cad Brasil
- DRIESSEN, Henk (2000). Humor, riso e o campo: reflexões da antropologia. In: BREMMER, Jan e ROODENBURG, Herman (Org.). *Uma história cultural do humor*. Tradução Cynthia Azevedo e Paulo Soares. Rio de Janeiro: Record.
- DUARTE, Paulo. Pré-história da *Folha de S. Paulo*; Ainda sobre a pré-história da *Folha de S. Paulo*. In: MOTA, Carlos Guilherme; CAPELATO, Maria Helena. *História da Folha de São Paulo (1921-1981) ( 1981 )*. São Paulo: Impress, p. 309-318.

ECO, Umberto (1989). Pirandello ridens. In *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Lisboa: Difel.

FAIRCLOUGH, N. (2001). *Discurso e mudança social*. Trad. I. Magalhães et alii. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

FOLHA DE S. PAULO (1996). *Novo Manual de Redação*. São Paulo: Folha.

FREUD, Sigmund (1905). Os chistes e sua relação com o inconsciente. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. ( 1980 ) Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, v.8

\_\_\_\_\_ (1927). O humor . In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*.( 1980 ) Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, v.21

GAY, Peter (1993). *O cultivo do ódio*. São Paulo: Companhia das Letras.

GRICE, H. Paul. *Lógica e conversação*. Trad: João Wanderley Geraldi. In: DASCAL, Marcelo (1982). (org.) Fundamentos Metodológicos da Linguística. Campinas: Unicamp, vol 4

GOFFMAN, Erving (1980). A elaboração da face – uma análise dos elementos rituais na interação social. In: FIGUEIRA, Sérvulo Augusto (org.). *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

KRIEGER, Gustavo (2005). Padroeiro do baixo clero. *Época*, 353.ed. São Paulo, 21 fev.

LE GOFF, Jacques (2000). O riso na Idade Média. In: BREMMER, Jan e ROODENBURG, Herman (Org.). *Uma história cultural do humor*. Tradução Cynthia Azevedo e Paulo Soares. Rio de Janeiro: Record.

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo (1988). *Mil dias. Os bastidores da revolução em um grande jornal*. São Paulo: Trajetória Cultural.

MAINGUENEAU, Dominique (2002). *Análise de Textos de Comunicação*. SP: Cortez.

MARCUSCHI, L. A. (2002). Gêneros Textuais Emergentes e Atividades Linguísticas no Contexto da Tecnologia Digital. In: Seminários de Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, 50, 2002, São Paulo. Estudos linguísticos D *Anais de Seminário do GEL*. São Paulo: USP.

MELO, José Marques de (Org.) (1992). *Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo*. São Paulo: FTD, 1992.

\_\_\_\_\_ (1985). *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes.

MINOIS, G (2003). *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Unesp.

MOTA, Carlos Guilherme; CAPELATO, Maria Helena (1981). *História da F. de São Paulo (1921-1981)*. São Paulo: Impress

NUNES, Edison; CARDOSO, Hamilton e GARCIA, Marília (1984). A Folha e as diretas. *Lua Nova*, v. 1, n. 2, jul./set., p. 34.

POSSENTI, Sírrio (2000). *Os Humores da Língua: Análises Lingüísticas de Piadas*. Campinas: Mercado de Letras.

\_\_\_\_\_ (1991). Pelo Humor na Lingüística. *Revista de Documentação de Estudo em Lingüística Teórica e Aplicada (D.E.L.T.A)*, São Paulo: EDUC, v.7, nº 2.

PROPP, Vladimir (1992). *Comicidade e Riso*. Trad. Aurora F. Bernardini e Homero F. de Andrade. São Paulo: Ática.

RASKIN, Victor (1985). *Semantic Mechanisms of Humor*. Dordrecht: D. Reidel.

ROSAS, Marta (2002). *Tradução de humor: transcribando piadas*. Rio de Janeiro: Lucerna.

SALIBA, Elias Thomé (2002). *Raízes do riso*. A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das letras.

SALOMON, Marta; MICHAEL, Andréa (2005). Escândalo do “mensalão”/ A hora do “mensalino” *Folha de S. Paulo*, 15 set cad. Brasil.

SEVERINO em queda. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 09 set. 2005. Opinião.

TRAUMANN, Thomas; RILA, Luiz; KRIEGER, Gustavo (2005). Traição dos aliados, pressão do grupo de FHC e manobras de Garotinho explicam a maior derrota de Lula no Congresso. *Época*, 353.ed. São Paulo, 21 fev.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Uma introdução ao estudo do humor pela lingüística. *Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada ( D.E.L.T.A.)*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 55-82, fev. 1990.

## Fontes

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Folha\\_de\\_S.Paulo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Folha_de_S.Paulo)  
[http://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/choque\\_editorial.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/choque_editorial.shtml)  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Folha\\_de\\_S.Paulo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Folha_de_S.Paulo)  
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/>  
<http://www.folha.com.br>  
[http://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/quem\\_e\\_o\\_leitor.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/quem_e_o_leitor.shtml)  
<http://pt.wikipedia.org/wiki/2005>  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Esc%C3%A2ndalo\\_do\\_mensal%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/wiki/Esc%C3%A2ndalo_do_mensal%C3%A3o)  
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2005/cpidomensalao/2>  
<http://vejaonline.abril.com.br>  
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2209200503.htm>  
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2209200503.htm>  
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u67210.shtml>  
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u67206.shtml> - 28k  
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Mensalinho#column-one#column-one>  
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2209200503.htm>  
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u72614.shtml>  
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u72194.shtml> - 27k

## Bibliografia consultada

HOUAISS, Antonio (1996). *Enciclopédia britânica do Brasil*. São Paulo: Britânica.

*Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* (2001). Rio de Janeiro: Objetiva. CD-ROM.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. (2004). *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto.

## ANEXOS

### Grupo 1

#### Texto 1

São Paulo, quarta-feira, 16 de fevereiro de 2005 **FOLHA DE S.PAULO** 

#### A REVANCHE DOS 300

Severino Cavalcanti está na vida pública há mais de 40 anos, trocou de partido seis vezes e participou de expulsão de padre do país

“Católico roxo”, eleito personifica baixo clero

JOSIAS DE SOUZA

COLUNISTA DA FOLHA

- (1)"Vossa Senhoria é homossexual ativo ou passivo?"
- (2)Todos sabiam da aversão de Severino Cavalcanti por "relações sexuais de homem
- (3)com homem". Ainda assim, a pergunta do deputado soou deselegante. Brasília
- (4)respirava uma atmosfera abafada naquela manhã de terça-feira, 6 de agosto de
- (5)1996. O ar parecia ainda mais espesso no corredor das Comissões da Câmara.
- (6)Ali, um grupo de parlamentares reunira-se para ouvir o depoimento de Toni Reis,
- (7)então presidente do grupo gay "Dignidade", de Curitiba. Ele vivia há seis anos com
- (8)outro homem. Daí ter sido convidado a comparecer à Câmara. Falava aos
- (9)parlamentares sobre a conveniência da aprovação da proposta que previa o
- (10)reconhecimento da união civil entre casais gays. Entre as vantagens, mencionou o
- (11)reconhecimento judicial do direito à herança de parceiros homossexuais.
- (12)Atalhado por Severino, Toni Reis reagiu com humor: "Ah, senhor deputado, isso a
- (13)gente conversa depois. A gente pode combinar um vinho".
- (14)A deputada Maria Elvira (PMDB-MG), que presidia o encontro, ainda tentou
- (15)retomar a meada da conversa. "Senhor deputado, sua participação é com essa
- (16)pergunta?!?! Severino, porém, não se deu por achado: "Quero ouvir a resposta". E
- (17)Toni Reis: "Temos que variar, sr. deputado. Não é só sexo penetrativo. Há outras
- (18)formas de prazer". Severino não integrava formalmente a comissão. Define-se,
- (19)porém, como um "eterno vigilante contra a pornografia e a libertinagem".
- (20)Eleito ontem presidente da Câmara, o pernambucano Severino Cavalcanti, 74, é a
- (21)personificação daquilo que se convencionou chamar de "baixo clero". O país ainda
- (22)não o havia notado. Mas ele está na vida pública há mais de 40 anos. Tornou-se
- (23)prefeito de João Alfredo (PE), sua cidade natal, em 1964. Desde então, jamais ficou
- (24)sem mandato. Seguindo as pegadas da ditadura militar, a quem sempre devotou
- (25)fidelidade, foi deputado estadual por 28 anos.
- (26)Em 1980, Severino atraiu o então presidente João Baptista Figueiredo para uma
- (27)causa pessoal. Elegera um padre italiano, Vito Miracapillo, como seu inimigo em
- (28)Pernambuco. E convenceu o governo a expulsá-lo do país.
- (29)Severino diz ter defendido a expulsão porque ele teria se recusado a celebrar uma
- (30)missa pela Independência, num Sete de Setembro. O padre diz que esse foi um

(31)pretexto. Na verdade, o deputado o considerava "subversivo".  
(32)A partir de 1995, sob Fernando Henrique Cardoso, Pernambuco concedeu a  
(33)Severino um mandato federal. Não saiu mais da Câmara. Está em seu terceiro  
(34)mandato. Um de seus assessores dizia ontem que o chefe ascendeu à presidência da  
(35)Câmara "comendo o mingau pelas beiradas".  
(36)Pleiteou e obteve cargos na mesa diretora da Câmara. Na Segunda Secretaria, seu  
(37)último posto, esmerou-se na defesa dos interesses dos colegas. Alçou a "valorização  
(38)do mandato" -leia-se aumento salarial e um imenso etc.- ao topo de sua plataforma  
(39)de campanha. Assim tornou-se o terceiro homem na linha sucessória da República,  
(40)substituto eventual de Luiz Inácio Lula da Silva.  
(41)O próprio Severino acha, segundo confidenciava ontem a amigos, que a presidência  
(42)lhe caiu no colo porque o governo trata deputados com soberba. Esse seu ponto de  
(43)vista é antigo. Em discurso de 7 de abril de 2003, disse que "os tecnocratas  
(44)encastelados no poder parecem abominar os pedidos dos políticos". Defendeu a  
(45)transformação do Orçamento da União em algo "impositivo", para que o governo  
(46)não possa mais se negar a liberar verbas de emendas dos parlamentares.  
(47)O novo presidente da Câmara assume com orgulho a condição de despachante de  
(48)interesses paroquiais. "Boa parte do nosso tempo é gasto em repartições do Poder  
(49)Executivo, lutando para liberar os recursos de nossas prefeituras, naquilo que já foi  
(50)chamado de trabalho de vereador federal. Menciono o termo com tranqüilidade. Em  
(51)vez de nos diminuir, nos honra e engrandece."  
(52)Em diálogos reservados, Severino saboreava o triunfo ontem repetindo uma frase à  
(53)Zagalo: "Eles vão ter que me engolir". Referia-se aos jornalistas. Acha que nunca  
(54)teve da grande imprensa a atenção que merecia. A presidência da Câmara dá a  
(55)Severino um púlpito que ele jamais teve. Agora sob holofotes, quer fazer da defesa  
(56)da revitalização dos valores familiares o seu maior baluarte.  
(57)Para o deputado, "o papa João Paulo 2º é a figura maior do século 20". Severino se  
(58)define como "católico roxo". Além de combater a união civil entre homossexuais,  
(59)deseja restringir a exposição de cenas que contenham sexo e violência na televisão  
(60)no intervalo de 6h às 22h e proibir o aborto, mesmo em casos de estupro e risco de  
(61)morte da mãe.  
(62)Diz ele: "As nossas autoridades estão fechando os olhos aos malefícios que a  
(63)permissiva programação das TVs vêm fazendo às nossas crianças e adolescentes e à  
(64)família brasileira. Estão erotizando precocemente corpos infantis, incentivando a  
(65)pedofilia, com novelas de grande audiência promovendo o sexo de crianças com  
(66)adultos, alimentando a tara de adultos por adolescentes (...)".  
(67)A coerência do discurso moralista de Severino contrasta com sua fluidez partidária.  
(68)Já trocou do partido seis vezes. Hoje, é filiado ao PP de Paulo Maluf. Sob o  
(69)tucanato, sempre votou afinado com o governo. Os articuladores políticos de Lula  
(70)também não têm do que se queixar.  
(71)O ministro Aldo Rebelo (Coordenação Política) passou em revista ontem a ficha de  
(72)Severino. No essencial, sempre votou com o Planalto. Foi a favor, por exemplo, das  
(73)reformas previdenciária e tributária.

## COMENTÁRIO

A apoteose dos "outros Severinos"

ALCINO LEITE NETO

ENVIADO ESPECIAL A BRASÍLIA

- (1)O Brasil precisa entender os seus Severinos. Há os Severinos de João Cabral de Melo
- (2)Neto. E há os Severinos da Câmara. Uns têm pouco a ver com os outros. Eles são
- (3)mesmo opostos sociais.
- (4)Os Severinos de João Cabral "morrem de velhice antes do trinta, de emboscada antes do vinte, de fome um pouco por dia".
- (5)Os Severinos da Câmara dos Deputados não. Eles chegaram lá, no poder. Nos
- (6)ambientes esnobes do Congresso modernista, porém, eles agem como uma espécie
- (7)de lúmpen-parlamentares que andam pela sombra.
- (8) Pouca gente conhece os deputados-Severinos da Câmara dos Deputados. A
- (9)imprensa não os procura. Sua imagem não passa nas TVs. O governo não lhes dá
- (10)muita bola. O senador José Sarney passa na frente deles e não os cumprimenta.
- (11)Até os porteiros do Congresso não sabem quem eles são, eles que portam ternos
- (12)mal cortados, têm os dentes emendados, os sapatos de má qualidade, a fala cheia
- (13)de falhas gramáticas, a política sem pensamento, o fisiologismo como objetivo e o
- (14)arrivismo como condição brejeira.
- (15)A longa madrugada de ontem no Congresso foi a apoteose dos Severinos na
- (16)política brasileira. Pelos votos, sabemos agora que eles são muitos, talvez
- (17)muitíssimos. O momento em que um apagão deixou o plenário às escuras foi para
- (18)os sensitivos como um presságio do vácuo onde o PT cairia horas depois.
- (19)A sessão, de folclórica que estava, transformou-se em histórica e, por fim,
- (20)histórica.
- (21)Na calada da madrugada, quando todos os deputados são pardos, os Severinos
- (22)derrubaram o PT da mesa da Câmara e elegeram como presidente o seu Mestre:
- (23)Severino Cavalcanti.
- (24)Trata-se de um sujeito bonachão, dizem, ao mesmo tempo que um exemplo do
- (25)que de mais retrógrado sabe produzir a política brasileira. Um de seus projetos de
- (26)lei consiste em proibir cenas de nudismo na TV brasileira. Muitos se referem a ele
- (27)como o chefe dos católicos no Parlamento.
- (28)Durante o seu discurso de posse, um ar quente de provincianismo espalhou-se
- (29)pelo plenário, como se todos ali, de José Dirceu a Marco Maciel, estivessem
- (30)assistindo à posse de um prefeito dos grotões.
- (31)Os outros discursos, do ministro Nelson Jobim e do senador Renan Calheiros, não
- (32)ajudaram a desfazer a sensação, apesar da pompa na entrada do Congresso, com
- (33)os Dragões da Independência e tiros de canhão.
- (34)Sim, havia uma atmosfera de grotões no Congresso brasileiro. Era o Brasil
- (35)profundo dos políticos provincianos, dos inocências, do neopentecostalismo

- (36)super conservador, dos radicais pós-ideológicos, do lumpen-parlamentarismo  
(37)fisiológico e de todos os severinos de Severino que exigiam os seus direitos  
(38)plenos dentro do plenário.  
(39)O Brasil precisa entender os novos Severinos -esta troca de elites políticas que já  
(40)vem se processando há alguns anos no país.  
(41)Os severinos tomaram conta da Câmara. Eles podem tomar conta do Planalto um  
(42)dia.  
(43)Até nos Estados Unidos há uma onda severina, que levou à vitória dos Severinos  
(44)americanos nas últimas eleições. George W. Bush é um Severino texano.  
(45)Os novos Severinos governarão o mundo.

## SABATINA FOLHA

**Presidente da Câmara se contradiz sobre protesto de manifestantes, defende virgindade até o casamento e evita opinar sobre uso de camisinha**

### Severino dá 3 versões para vaias em 2 horas

DA REPORTAGEM LOCAL

(1)O presidente da Câmara, o deputado Severino Cavalcanti  
(2)(PP-PE), apresentou ontem três versões para um mesmo  
(3)fato no período de duas horas. O fato são as vaias que  
(4)levou no último domingo em São Paulo, na comemoração  
(5)do Dia do Trabalho promovida pela Força Sindical,  
(6)evento pelo qual teriam passado 1,2 milhão de pessoas,  
(7)segundo estimativa da Polícia Militar.  
(8)Minutos antes da sabatina da Folha, que reuniu cerca de  
(9)200 pessoas ontem em São Paulo, ele dizia que não houve  
(10)vaia: "Foi uma maravilha. Aquele povo todo gritando.  
(11)Entendi como aplauso". Na primeira parte da entrevista,  
(12)a vaia, segundo Severino, não era dirigida a ele, mas à  
(13)Câmara. No final do evento, ele reconhece: "Fui vaiado,  
(14)realmente. Eu pensava que era aplauso".  
(15)Severino revelou na sabatina que sua visão sobre a vida  
(16)sexual também é relativa -o que vale para o homem, não  
(17)vale necessariamente para a mulher. A colunista da  
(18)Folha Danuza Leão perguntou-lhe se, na opinião dele, a  
(19)vida sexual deveria começar com o casamento: "É  
(20)evidente. Eu era um homem puro. Casei com uma  
(21)mulher que me serviu."  
(22)Aí o deputado criou a figura do "mais ou menos"  
(23)virgem. "O senhor está confessando que casou virgem?",  
(24)quis saber Danuza. "Mais ou menos isso. A mulher tem  
(25)de ser virgem, pura. O homem, às vezes, quer aprender a  
(26)como fazer o serviço", contou. E aprende com quem?  
(27)"Com quem se dispuser a ser a professora."  
(28)O deputado se recusou a responder a uma pergunta do  
(29)jornalista Fernando Rodrigues, que mediu a sabatina,se  
(30)era contra o uso de camisinha, como defende a Igreja  
(31)Católica. "Você está [sendo] muito indiscreto. Essa

(32)resposta não vou dar. Com 74 anos, não posso ser  
(33)testemunha em nenhum desses casos", esquivou-se.  
(34) Não sou ladrão!  
(35)Severino afirmou que tem tranqüilidade para defender  
(36)aumento salarial para os deputados porque era um  
(37)homem rico quando ingressou na política e a atividade  
(38)só reduziu o seu patrimônio. Contou que teve 14 lojas de  
(39)eletrodomésticos e joalherias nas cidades de São Paulo,  
(40)Goiânia e Campinas. "Depois que entrei na política fui  
(41)acabando com as lojas. Depois entrei na herança da  
(42)minha mulher e acabei com a herança."  
(43)Quando a jornalista Renata Lo Prete, editora do "Painel",  
(44)lhe perguntou se essa dilapidação de patrimônio não lhe  
(45)daria a imagem de mau administrador, o deputado  
(46)rebateu: "Deixa a imagem de que não sou ladrão.  
(47)Quando eu morava em Aparecida [SP], era um homem  
(48)rico".  
(49)Severino reafirmou que é contra o aborto, mesmo em  
(50)casos de estupro. "A vida pertence a Deus. Tenho vários  
(51)exemplos de mulheres que são felizes com seus filhos,  
(52)mesmo que tenha sido um acidente horrendo." O  
(53)deputado disse que, se não fosse cristão, defenderia a  
(54)aplicação de pena de morte para esse crime.  
(55)A parábola do "cachaceiro" de João Alfredo, a cidade de  
(56)Pernambuco em que Severino foi prefeito, foi citada em  
(57)uma pergunta da platéia. O jeitinho que usou para evitar  
(58)que um eleitor seu fosse preso por destruir copos e  
(59)garrafas num bar, um prejuízo de R\$ 400 que o  
(60)parlamentar pagou, segundo ele, não é um mau exemplo  
(61)de uso de cargo público.  
(62)"Aprenda a respeitar seu semelhante", discursou  
(63)Severino. "Você não sabe o que é um sujeito passando  
(64)necessidade. O sujeito tinha Severino Cavalcanti e você  
(65)não tem ninguém."  
(66)O deputado disse que faz tudo às claras quando lhe  
(67)perguntaram se era preconceituoso contra gays. "Eu não  
(68)tenho preconceito. Tenho posições. Não engano  
(69)ninguém. Sou o Severino Cavalcanti de 40 anos atrás."

## **ESCÂNDALO DO "MENSALÃO"/ACORDÃO OU CASTIGO?**

**Gabeira afirma que presidente da Câmara "é desastre para o país"; Severino manda deputado recolher-se "à sua insignificância"**

### **Reação à pizza provoca bate boca no plenário**

**FÁBIO ZANINI  
LUCIANA CONSTANTINO  
DA SUCURSAL DE BRASÍLIA**

- (1)O presidente da Câmara, Severino Cavalcanti (PP-PE), bateu boca com deputados e
- (2)chegou a ser ameaçado com pedido de cassação em razão da entrevista à Folha
- (3)publicada ontem, em que defendeu penas brandas para parlamentares flagrados
- (4)utilizando caixa dois. Mas outros parlamentares, inclusive alguns petistas, tomaram a
- (5)sua defesa.
- (6)O bate-boca durou mais de uma hora e teve seu ponto alto em uma pesada troca de
- (7)ofensas com Fernando Gabeira (PV-RJ), que chamou o presidente da Câmara de "um
- (8)desastre para o país". Gabeira ouviu, em resposta, insultos de vários deputados fiéis a
- (9)Severino por defender a descriminalização da maconha.
- (10)Severino Cavalcanti ocupou seu lugar à mesa da Câmara às 16h52 para ler um
- (11)pronunciamento preparado por sua assessoria, já como resposta às críticas que
- (12)sofia desde a manhã.
- (13)"Noticiário dos últimos dias tem mencionado uma suposta interveniência que
- (14)conduzisse a uma operação abafa ou a uma pizza, para usar o linguajar informal que
- (15)tem caracterizado tais notícias. Esta presidência repele veementemente tais
- (16)assertivas", disse, no início de seu pronunciamento.
- (17)O presidente da Câmara, em sua defesa, não recuou de suas opiniões manifestadas à
- (18)Folha. Concentrou-se em afirmar que seguirá o regimento e assegurará a todos os
- (19)parlamentares citados o direito à defesa. "Enganam-se aqueles que pensam que
- (20)deixarei levar inocentes ao cadafalso, apenas para, ao desvario, ouvir soar as
- (21)trombetas."
- (22)Isso não significa, segundo ele, que haverá condescendência. "Esta presidência não
- (23)hesitará em reunir todas as suas forças para punir exemplarmente aqueles que
- (24)porventura tenham conspurcado o seu mandato."
- (25)Severino recorreu à sua biografia e lembrou que, quando exerceu o cargo de
- (26)corregedor, pediu a cassação de oito deputados federais. "Portanto não sou leviano,
- (27)irresponsável ou muito menos desequilibrado", disse, rebatendo adjetivos que
- (28)recebeu durante o dia de ontem. Arrematou dizendo que seus acusadores agem de
- (29)"má-fé".
- (30)Bastou ele silenciar para que uma tensa troca de acusações se iniciasse. O primeiro

(31)a pedir a palavra foi o líder da minoria, José Carlos Aleluia (PFL-BA). Fez uma  
(32)ameaça velada, dizendo que a defesa que Severino fez, na entrevista, do deputado  
(33)Ronivon Santiago (PP-AC) coloca o presidente como possível depoente numa CPI.  
(34)"E não é nada agradável ver o presidente da Câmara depondo numa CPI", disse  
(35)Aleluia, para quem Severino foi "extremamente infeliz na entrevista". "A Câmara  
(36)está colocada na vala comum, jogada à execução pública."  
(37)O presidente da Câmara respondeu a Aleluia na hora. "Quando afirmei que não  
(38)havia mensalão, acreditei no correligionário de V. Ex.<sup>a</sup>.", disse, em relação ao  
(39)deputado Jairo Carneiro (PFL-BA), que relatou o processo de cassação do deputado  
(40)Roberto Jefferson (PTB-RJ) e disse não haver prova de "mensalão".  
(41)Carneiro deu o troco: "Severino está doido. Ele não conhecia o meu voto quando  
(42)deu a entrevista, que foi feita antes", disse.  
(43)O líder do PFL na Câmara, Rodrigo Maia (RJ), disse que Severino tratou o caixa  
(44)dois de forma "muito flexível". "O que lemos na Folha de S.Paulo de hoje é grave;  
(45)não é bom para o Parlamento nem para a gestão de V.Ex.<sup>a</sup>. na Presidência da Casa."  
(46)Momento ainda mais tenso ocorreu quando Gabeira tomou a palavra. "V. Ex.<sup>a</sup>. está  
(47)se comportando de maneira indigna", disse. Ele relembrou a iniciativa de Severino  
(48)há cerca de cinco meses de interceder por uma destilaria pernambucana acusada de  
(49)abrigar trabalhadores escravos.  
(50)"Estou apresentando a V.Ex.<sup>a</sup>. esta reclamação porque ainda não posso representar  
(51)no Conselho de Ética. Mas afirmo que V.Ex.<sup>a</sup>. está em contradição com o Brasil. A  
(52)sua presença na presidência da Câmara é um desastre para o Brasil e para a imagem  
(53)do país. Ou V.Ex.<sup>a</sup>. começa a ficar calado, ou vamos iniciar um movimento para  
(54)derrubá-lo", afirmou Gabeira.  
(55)Severino, visivelmente alterado, disse: "V. Ex.<sup>a</sup>. recolha-se à sua insignificância!".  
(56)Depois, já fora do plenário, completou: "Ele [Gabeira] quer se afirmar como  
(57)homem, mas não conseguiu ainda."  
(58)Gabeira acabou sendo atacado por outros deputados, que exploraram sua defesa da  
(59)legalização da maconha. "Gabeira defende a legalização da maconha, erva maldita  
(60)que tem destruído famílias, levado jovens para clínicas de recuperação, colaborado  
(61)com assassinatos", disse Wladimir Costa (PMDB-PA).  
(62)Outro que saiu em defesa do presidente da Câmara foi o petista Devanir Ribeiro  
(63)(SP), que disse que ninguém iria "destruir o passado de Severino". "V.Ex.<sup>a</sup>. terá  
(64)minha solidariedade enquanto presidir esta Casa, enquanto não acatar o que a mídia  
(65)quer que façamos aqui, ou seja, uma caça às bruxas", afirmou.

## GRUPO 2

### Texto 1

Tropeço, mas não roubo, diz Severino

**Em nome do macho**  
**NELSON MOTTA**

- (1)**RIO DE JANEIRO** - Se atualmente já é difícil encontrar um  
 (2)parlamentar que não nos envergonhe, que dirá um que nos orgulhe.  
 (3)Como o deputado Fernando Gabeira, em quem me orgulho de ter votado,  
 (4)que nunca me decepcionou e agora deu mais um exemplo de coragem,  
 (5)independência, espírito público e virilidade moral, dizendo a Severino  
 (6)Cavalcanti o que ele merecia ouvir e o que a maioria não diz para não  
 (7)perder as viagens, verbas e vantagens que o patusco presidente distribui  
 (8)em troca de apoios e fidelidades.  
 (9)Agora mesmo, o ninho de ratos conhecido como baixo clero está em  
 (10)polvorosa: vai sair a escalação para o avião da alegria que levará um  
 (11)bando? Uma matilha? Uma quadrilha? De parlamentares monoglotas  
 (12)para uma semana de boca-livre em Nova York disfarçados de  
 (13)"observadores da Assembléia da ONU", claro, à custa dos impostos  
 (14)abusivos que nos sugam. Escolhidos a dedo por Severino.  
 (15)Jornais e TVs, sigam os passos desses turistas oficiais, filmem e  
 (16)fotografem suas caras, seus cabelos pintados e suas gravatas horrendas,  
 (17)seus passeios por Manhattan carregando sacolas de esposas e amantes,  
 (18)em limusines obscenas, atraindo o riso e o deboche com sua  
 (19)deselegância e sua falta de educação. São os súditos de Severino  
 (20)torrando nosso dinheiro, nosso trabalho.  
 (21)Gabeira falou grosso e alto, mas se manteve dentro de um certo decoro  
 (22)parlamentar. Severino é que, mais uma vez, até quando?, se mostrou em  
 (23)sua medonha significância ao tentar desclassificar os argumentos de  
 (24)Gabeira, "acusando-o" de "tentar se afirmar como homem" e que ele –  
 (25)machão nordestino caricato, homofóbico ativo- não sabia se havia  
 (26)conseguido... Para ele, um cidadão que goste de homens é menos  
 (27)cidadão ou menos homem e se iguala aos bandidos e picaretas que quer  
 (28)anistiar. Em nome da macheza, certamente.  
 (29)O grande erro de Gabeira foi seqüestrar o embaixador americano e  
 (30)trocá-lo por José Dirceu.

Texto 2

---

## **Agora lascou! Severino recebe gorjetão!**

**JOSÉ SIMÃO**

- (1)Buemba! Buemba! Macaco Simão Urgente! O esculhambador geral da República!  
(2)Direto do País da Piada Pronta! Ranking das catástrofes. Sabe qual a diferença  
(3)entre o Katrina e o Bush? É que o Katrina vem, faz o maior estrago e vai embora. E  
(4)o Bush vem, faz o maior estrago e NÃO vai embora!  
(5)E agora lascou! É a vez do Severino Cheque-Cheque! Diz que o Severino recebia  
(6)propina do restaurante da Câmara. Então não é mensalão, é BANDEJÃO! O  
(7)Bandejão do Severino! E o Severino é o único que eu conheço que vai a restaurante  
(8)e, em vez de dar gorjeta, leva! Cobra pra almoçar! Rarará!  
(9)E adorei a charge do Frank com o Severino no restaurante: "Garçom! A conta está  
(10)errada! Tá faltando os meus 10%". É o gorjetão! E diz que o Severino praticou  
(11)"concussão": extorsão praticada por funcionário público. Que coisa! Um homem  
(12)tão moralista praticando concussão? Rarará! E o Severino é real ou uma invenção  
(13)do Dias Gomes? E eu já disse que o Gabeira é o maior culpado pela crise. Quem  
(14)mandou ele trocar o embaixador americano pelo Zé Dirceu? Rarará!  
(15)Brasil x Chile! O País da Cueca x O País da Cueca. O Brasil inventou a cueca  
(16)bandida, mas o ritmo nacional do Chile é a cueca. Tem até diploma de cueca! E,  
(17)quando eu fui pro Chile, comprei no aeroporto um CD chamado "14 Cuecas  
(18)Inesquecíveis!".  
(19)E mais cueca! Esta vem do Ceará: 90 comprimidos de ecstasy apreendidos NA  
(20)CUECA! Por isso que um agente da Polícia Federal me disse: "Não agüento mais  
(21)revistar cueca em aeroporto!". Viva a calcinha! E o Galvão, a gralha ufanista, tá  
(22)cada dia mais parecido com o Felipe Dylon: colarzinho de surfista, pulseira da  
(23)Nike e gel. Um gatinho! Rarará! E cinco a zero deixa o Gagallo e o Barreira na  
(24)maior depressão. Pra eles, meio a zero já tá ótimo. "E agora o que eu vou dizer em  
(25)casa? Cinco a zero? Os meninos não precisavam exagerar!" É mole? É mole, mas  
(26)sobe!  
(27)Antitucanês Reloaded, a Missão. Continuo com a minha heróica e mesopotâmica  
(28)campanha "Morte ao Tucanês". Acabo de receber mais um exemplo irado de  
(29)antitucanês. É que em Araripina, Pernambuco, tem um motel chamado motel  
(30)Dorme Bem. Entendi, você transa em casa e vai dormir no motel. Rarará. Mais  
(31)direto impossível. Viva o antitucanês. Viva o Brasil.  
(32)E atenção! Cartilha do Lula. Mais um verbete pro óbvio lulante. "Concussão":  
(33)companheiro com o fiofó sadio! Rarará! O lulês é mais fácil que o inglês. Nós  
(34)sofre, mas nós goza. Hoje, só amanhã. Que eu vou pingar o meu colírio  
(35)alucinógeno. No pingolim.

(36)Pra ver se bate no teto!

Texto 3

## **VIDA SEVERINA**

**Seguidores do presidente da Câmara deixam fotos suas na estátua de padre Cícero, no CE**

### **Fiéis rezam pelo futuro de deputado**

**FÁBIO GUIBU**

DA AGÊNCIA FOLHA, EM JOÃO ALFREDO (PE)

- (1) Há uma semana, a professora Isabel Shirley da Costa, 28, cumpre um ritual: às 18h,
- (2) em seu quarto, acende uma vela e reza com um terço na mão. Na parede branca há
- (3) um crucifixo. Sobre a mesa, uma Bíblia, oito imagens de santos, uma de frei
- (4) Damião e um "santinho" do presidente da Câmara, Severino Cavalcanti, por quem
- (5) ela pede a intervenção divina.
- (6) Shirley mora em João Alfredo (a 115 km de Recife), terra natal do deputado. Assim
- (7) como ela, outros moradores da cidade também rezam por Severino, acusado de
- (8) receber propina na Câmara. Fiéis que seguiram em caravana para Juazeiro do Norte
- (9) (CE) também levaram em suas bagagens fotos do deputado, que serão deixadas aos
- (10) pés da estátua do padre Cícero, com promessas de penitências, caso ele seja
- (11) declarado inocente.
- (12) "Alguns romeiros estão dispostos a subir ladeiras e andar descalços nas procissões
- (13) por ele", disse o vereador de João Alfredo e aliado de Severino Wilson França
- (14) (PP). "Outros prometem não comer carne ou só usar roupas brancas às sextas-
- (15) feiras, se a graça for alcançada."
- (16) "Em João Alfredo, Severino é como se fosse uma seita", disse o ex-vereador e
- (17) primo de Severino, Josué Cavalcanti, 42. Adversário político do deputado, apesar
- (18) do parentesco, ele critica o comportamento dos seguidores e afirma que "já
- (19) esperava" a avalanche de denúncias contra o primo, "uma pessoa despreparada,
- (20) um coronel".
- (21) "Sou da família, mas não acompanho o coronelismo dele desde 1998", disse. "Há
- (22) muitas pessoas pedindo por ele na cidade, mas não há como ser devoto de alguém
- (23) que quer ser o rei de João Alfredo", afirmou.
- (24) Os aliados de Severino rebatem. Dizem que acreditam na inocência dele e torcem
- (25) para que o parlamentar não renuncie. "É calúnia o que dizem", afirma a professora
- (26) Célia Campos, contratada, segundo ela, por intervenção do deputado. "Na época
- (27) em que tinha concurso, as nomeações eram políticas e ele dava emprego público
- (28) para muita gente. (...) Ninguém enxergou o que ele fez, e agora querem ver um

(29)cisco no olho."  
(30)Célia já tem lugar reservado na carreata gigante que os correligionários de  
(31)Severino pretendem fazer para recepcionar o deputado em sua próxima visita à  
(32)cidade. "Tranquilamente, conseguiremos levar 500 carros a Recife para trazer o  
(33)Severino", disse o presidente do Prona de João Alfredo, Mávio César de Almeida  
(34)Salviano, 33. Para recepcioná-lo, as faixas que saudaram Severino em sua  
(35)primeira visita à cidade como presidente da Câmara serão recolocadas nas ruas.  
(36)Novas faixas, disse Salviano, só serão confeccionadas após o desfecho da crise  
(37)política.

Texto 4

**NELSON MOTTA**

## **Cazuza canta Severino**

- (1) **RIO DE JANEIRO** - "Vamos pedir piedade, Senhor, piedade / pra essa gente
- (2) careta e covarde/ Vamos pedir piedade, Senhor, piedade/ lhes dê grandeza e um
- (3) pouco de coragem."
- (4) Não, Cazuza não estava falando de Severino e de seus ratinhos do baixo clero em
- (5) "Blues da Piedade", no caso seria mais apropriado "Forró da Piedade", mas, como
- (6) todo bom poeta, ele também era profeta. E, ao contrário deles, com sua grandeza
- (7) coragem, Cazuza enfrentou e venceu a intolerância e o preconceito. Mas perde
- (8) sempre para a ignorância.
- (9) Mais de dez anos depois de sua morte, ele revive, irônico e cortante, quando
- (10) Gabeira responde com seus versos -mortíferos como um cheque nominal- às
- (11) "acusações" de homossexualismo e consumo de "tóxico" (sic) feitas pelo
- (12) caricato machão nordestino.
- (13) "Nos chamam de ladrão, de bicha, maconheiro / porque assim se ganha mais
- (14) dinheiro."
- (15) Só a piedade pode explicar os 156 votos a favor de Roberto Jefferson. No caso,
- (16) piedade deles mesmos. Eles também terão piedade de Severino. Se esses dois
- (17) escapam, ninguém pode ser condenado, copiaram? As piscinas deles estão cheias
- (18) de ratos e suas idéias não correspondem aos fatos. Mas o tempo não pára, e
- (19) aparecerão os cheques, os telefonemas, as secretárias e os motoristas, e eles
- (20) voltarão aos seus grotões, ostentando macheza e protestando inocência.
- (21) Quando Cazuza dizia querer uma ideologia para viver, queria sinceramente
- (22) acreditar em alguma coisa e, ao mesmo tempo, debochar dos crentes otários e de
- (23) velhas mentiras. Dizia a bola de cristal poética: "Meu partido é um coração
- (24) partido/ e as ilusões estão todas perdidas/ os meus sonhos foram todos vendidos/  
(25) tão barato que eu nem acredito".
- (26) Poderia chamar-se "Balada do Mensalão" ou "Melô do Petê".
- (27) Mas vamos pedir piedade, "pois há um incêndio sob a chuva rala/ somos iguais
- (28) sem desgraça/ vamos cantar o blues da piedade".

GRUPO 3

Texto1

## **ESCÂNDALO DO "MENSALÃO"/ ALÉM DO "MENSALINHO"**

**Severino renuncia ao mandato e se torna o primeiro presidente da Câmara a deixar o cargo**

### **"Mensalinho" derruba o "rei do baixo clero" após 7 meses**

- (1)O presidente da Câmara Severino Cavalcanti (PP-PE) renunciou ontem ao mandato e ao
- (2)cargo de deputado, afirmando que voltará: "O povo me absolverá". Em seu discurso de
- (3)despedida, acusou a "elitizinha que não quer largar o osso" de ser a responsável por sua
- (4)renúncia. Disse também que "empobreceu com a política".
- (5)Sua fala nem havia acabado, e os partidos já davam a largada oficial à corrida sucessória
- (6)pela presidência da Câmara. Uma profusão de candidatos foi lançada, mas os favoritos, por
- (7)enquanto, são o peemedebista Michel Temer (SP) e o pefelista José Thomaz Nonô (AL).
- (8)Severino deixa o posto sete meses e seis dias após impor uma das maiores derrotas ao
- (9)governo Lula, vencendo Luiz Eduardo Greenhalg (PT-SP), candidato do Planalto.
- (10)Seu discurso de renúncia foi recebido pelos deputados em silêncio, sem aplausos nem
- (11)vaiais. Mas das galerias vieram os protestos. Tão logo findou sua fala, uma estudante
- (12)gritou: "Vai embora, Severino, seu corrupto".
- (13)Seguiu-se um tumulto nas galerias. A segurança da Casa, sob ordens do já presidente
- (14)interino Thomaz Nonô, retirou à força os estudantes, alguns ligados ao PSTU e ao PSOL.
- (15)Houve troca de empurrões, socos e pontapés.
- (16)Severino perdeu o mandato e o cargo de presidente após 19 dias de pressão, resultado da
- (17)acusação de receber propina em 2002 e 2003 em troca de garantir a um empresário a
- (18)exploração de restaurantes na Câmara.

Texto 2

## **Buchada de bode é prato principal no "último almoço"**

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA  
DO ENVIADO ESPECIAL A BRASÍLIA  
DA AGÊNCIA FOLHA, EM BRASÍLIA

- (1)O deputado reservou seu último dia no cargo para receber amigos.
- (2)A diferença é que as visitas de ontem não se restringiram ao "baixo
- (3)clero". O presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), e o
- (4)líder do governo na Câmara, Arlindo Chinaglia (PT-SP), visitaram
- (5)o pepista. Ao abraçar o senador Ney Suassuna (PMDB-PB),
- (6)Severino se emocionou. Pela manhã, ele chorou ao receber o
- (7)deputado Inocêncio Oliveira (PMDB-PE).
- (8)Seu último almoço contou com 25 pessoas, a maioria deputados do
- (9)"baixo clero", que comeram buchada de bode, tambaqui do Acre e
- (10)carneiro assado. Após renunciar, Severino não voltou à residência
- (11)oficial. Foi para o apartamento funcional que usava antes.
- (12)Hoje o deputado deve passar por cirurgia de catarata e viajar para
- (13)Pernambuco. A aliados, disse que 17 prefeitos preparam uma festa
- (14)para recepcioná-lo em João Alfredo (PE), sua terra natal, na
- (15)semana que vem.
- (16)Severino havia levado pouca coisa para a residência oficial, entre
- (17)as quais uma imagem de Nossa Senhora Aparecida. A Câmara dá
- (18)um mês para que os ex-deputados desocupem os imóveis
- (19)funcionais. Ele afirmou que viverá de uma aposentadoria entre R\$
- (20)6 mil e R\$ 7 mil que recebe da Assembléia Legislativa de
- (21)Pernambuco

Texto 3

## **Buemba! CPI serve chá com porrada!**

### **JOSÉ SIMÃO**

(1)Buemba! Buemba! Buemba! Buemba! Macaco Simão Urgente! O  
(2)esculhambador-geral da República! E sabe onde o pessoal de João  
(3)Alfredo assistiu à renúncia do Severino? Numa pizzaria! E o  
(4)Severino Cheque-Cheque diz que foi vítima de um complô. Tá  
(5)certo. O dono do restaurante complô ele! Ele foi complado! E diz  
(6)que foi vítima de empobrecimento ilícito. Empobreceu com a  
(7)política, mas quer voltar. Então ele quer ficar miserável? Quando  
(8)voltar, não vai receber gorjeta, vai cobrar consumação mínima! Ele  
(9)não recebeu mensalinho, foi couvert artístico! E o site Euhein  
(10)mostra o Severino: "Empobreci com a política". E o cidadão: "E  
(11)eu empobreci com os políticos!".  
(12)E ele disse que a dona Amélia Catarina, sua mulher, é o farol da  
(13)vida dele. Também, com aquele tamanho! Os inimigos dizem que  
(14)ela era o canhão da vida dele! E ele repetia: "É mentira! É  
(15)mentira! É mentira!". E não é que ele tava falando a verdade?  
(16)Tudo que ele dizia era mentira. E aqueles 300 que votaram nele  
(17)deviam ser cassados por arrebentação de decoro parlamentar!  
(18)CPI urgente! PORRADA! Gente fina é outra coisa. CPI serve chá  
(19)com porradas! Apelaram pra ignorância. Tava demorando pra sair  
(20)um tapa. E diz que a Heloísa Helena tava alterada. Não, ela estava  
(21)em seu estado normal. Alterada é quando ela fica quieta! Diz que  
(22)ela quase levou um tapa. E quem saiu perdendo? O tapa? É mais  
(23)fácil o tapa levar uma Heloísa Helena! Aliás, ela precisa  
(24)enriquecer o vocabulário. Ela só xinga os outros de cabra safado.  
(25)Muda de bicho, pelo amor de Deus, ou de Karl Marx! Rarárá!  
(26)GALVÃO, FILMA EU! Antes da sessão da CPI teve empurra-  
(27)empurra de deputado querendo pegar lugar melhor quando um  
(28)gritou: "Calma, a Globo vai filmar todo mundo". É a síndrome do  
(29)"Galvão, filma EU!". E o ACM Nato? O cabelo não sai do lugar  
(30)nem quando ele fica nervoso. É o deputado gel. E quando é que  
(31)vão consertar o controle de volume do ACM Nato?! E a Ideli  
(32)Salvati tá sendo chamada de Ideli Selvagem, adora um barraco! E  
(33)a mulher do filho do Maluf disse que a prisão é triste! Então  
(34)contrata o Tom Cavalcanti pra alegrar! Se me pagarem US\$ 500  
(35)mil, vou lá e conto um monte de piada. Do Maluf, claro! Rarárá.  
(36)Antitucanês Reloaded, a Missão. Continuo com a minha heróica

- (37)campanha "Morte ao Tucanês". É que na beira do rio Jari, Pará,  
(38)tem um barco boate apelidado de Putanic. Viva o antitucanês.  
(39)Viva o Brasil.  
(40)E atenção! Cartilha do Lula. Mais um verbete pro óbvio lulante.  
(41)"Copom": copo pro companheiro tomar conhaque. O lulês é mais  
(42)fácil que o inglês. Nós sofre, mas nós goza. Fora todos!